



Giorgio Borghi

*Nos braços
do Mistério*

Itinerário
não religioso
de busca espiritual

Nos braços do Mistério

Itinerário
não religioso
de busca espiritual

Conselho Editorial EDUCSalPress

Amílcar Baiardi
Ana Thereza Meireles Araújo
Ângela Maria Carvalho Borges
Antônio Alberto da Silva Monteiro de Freitas
Antonio Marcio Buainam
Carmen Chirinos Garcia
Edilson Machado de Assis
Filipe Ferreira de Almeida Rego
Geraldo Jorge Barbosa Moura
Gisela Cunha Viana Leonelli
Inaiã Maria Moreira de Carvalho
Laila Nazen Mourad
Lúcia Vaz de Campos Moreira
Marcello Raimundo Chamusca Pimentel
Marcellus Caldas
Miguel Mahfoud
Moacir Santos Tinoco
Neysi Palmero Gómez
Samuel Piña Fernández
Zander Navarro de Toledo

Projeto Gráfico e Editoração

Lúcia Valeska Sokolowicz

Ficha Catalográfica. UCSAL. Sistema de Bibliotecas

B732 Borghi, Giorgio
Nos braços do mistério: itinerário não religioso de busca espiritual / Giorgio Borghi; tradução de Giorgio Borghi; revisão da tradução Marize Marques Pitta. – Salvador: UCSalPress, 2022.
PDF

Tradução de: Nelle braccia del mistero: itinerario non religioso di ricerca spirituale/Giorgio Borghi, Reggio Emilia: Edizioni San Lorenzo, 2021.

Formato digital.
Disponível em: www.ri.ucsal.br

ISBN 978-65-87378-21-3 (e-book)

1. Mistério 2. Itinerário não Religioso 3.Espiritualidade. 4. Busca espiritual
I. Borghi, Giorgio II. Pitta, Marize Marques III. Título.

CDU 141.135

Giorgio Borghi

***Nos braços
do Mistério***

**Itinerário não religioso
de busca espiritual**

Salvador, UCSalPress, 2022

UCSalPRESS 



À minha esposa Idalina e às nossas filhas
Tainá, Gabriela, Leticia e Ana Vitória, para
que, no caminho da vida, se sintam sempre
aconchegadas nos braços do Mistério.

Sumário

Apresentação 9

I O mistério do homem no mistério da vida ... 19

Gratidão e respeito, 25

Sai do "teu", 30

A espiritualidade do Êxodo, 34

A espiritualidade do Exílio, 46

Para além do Templo, 49

II O rosto humano do mistério ... 55

Entre o não-mais e o ainda-não, 58

Se és Filho de Deus, 62

O alimento do deserto, 65

O poder da misericórdia, 68

O amigo e o pai, 73

A última tentação de Cristo, 77

III O espírito que nos liberta ... 81

Um estrondo, um vento, um fogo, 87

Cair do cavalo, 90

O contrário de Babel, 92

Independentemente da lei, 93

Independentemente da religião, 96

Catalizadores de espiritualidade, 100

O que realmente importa, 104

Não cortemos as asas ao Espírito Santo, 108

Considerações “iniciais” ... 113

APÊNDICE

Dez dicas para permanecer livres ... 119

I. Relativize tudo ao único Absoluto, 126

II. Deixe que o Mistério seja Mistério, 129

III. Trabalhe, descanse e deixe descansar, 131

IV. Cuide do fraco, 135

V. Respeite a vida, 139

VI. Respeite o amor, 141

VII. Respeite a destinação universal dos bens, 145

VIII. Respeite a verdade, 147

IX – X. Administre corretamente teus desejos, 150

Por uma moral do desejo renovado, 152

Apresentação

Para introduzir à leitura desse livro, acho necessário começar justificando seu subtítulo: "Itinerário não religioso de busca espiritual". Aqui aparece uma junção de palavras que, aparentemente, não combinam muito entre elas. Como se pode falar em busca espiritual não religiosa? Para explicar essa aparente contradição se faz necessário pensar no significado em que se usa normalmente a palavra 'religião' e, conseqüentemente, 'religioso'. No uso comum, quando se fala em religião se pensa em um conjunto de ritos, símbolos, tradições e regras de comportamento, que derivam de um conjunto de doutrinas, expressas de forma cultural, histórica e geograficamente determinada. Essa ideia comum de religião é correta, entretanto, devemos concordar que uma religião assim definida não se configura, necessariamente, como uma experiência espiritual. E isso, infelizmente, acontece frequentemente, quando se pensa e se vive a religião sem espiritualidade.

Ao mesmo tempo, pode acontecer que uma pessoa viva uma profunda experiência espiritual sem pertencer a nenhuma religião oficial. Entre um 'religioso' sem espiritualidade e uma pessoa de espiritualidade sem religião, é claramente preferível a segunda alternativa. Como observador do nosso tempo e

também como pai de uma filha adolescente e três filhas jovens, sinto-me continuamente provocado a pensar sobre essa relação entre religião e espiritualidade, quando vejo tantos jovens e menos jovens que não entendem o sentido e a importância da religião nas suas vidas, porém, ao mesmo tempo, não podem não encarar o desafio constante que vem do mistério da nossa vida no mundo. Todos querem ser livres, mas o que significa ser realmente livre? Todos querem ser felizes, mas como ser realmente feliz? Qual o sentido da dor, da alegria, do amor, da vida, da morte...? São perguntas às quais ninguém escapa e que, confrontando-nos com o mistério da nossa existência, nos provocam a posicionarmo-nos frente a esse Mistério. Escrevo Mistério com a letra maiúscula, porque O considero como a forma com que interpretamos aquela Transcendência, a que normalmente chamamos de Deus.

Frente ao desafio existencial provocado por esse Mistério, podemos assumir essencialmente três tipos diversos de atitudes. A primeira atitude é aquela religiosa, porém de uma religiosidade sacral, que pensa encontrar as respostas da vida todas prontas e seguras nos ritos, nas tradições, nas doutrinas da própria religião. O Papa Francisco, na sua primeira entrevista à revista *Civiltà Cattolica*, afirma: "Se alguém tem a resposta a todas as perguntas, esta é a prova de que Deus não está com ele. Quer dizer que é um falso profeta, que usa a religião para si próprio"¹.

Essa religiosidade pensa que o Mistério da vida se pode entender totalmente através da doutrina e se pode administrar

1 Cfr. *L'Osservatore Romano*, ed. Semanal em português, Ano XLIV, n.39, Domingo, 29 de setembro de 2013.

em nosso proveito através dos ritos da religião. A possibilidade de explicar e controlar o Mistério é algo que conforta e tranquiliza, e essa explicação, que tantas pessoas procuram na religião, é mais um amparo contra os medos da vida do que uma inspiração para encarar e vencer esses medos. Normalmente, quem vive esse tipo de religiosidade é intransigente, se não fanático, porque não admite que nada nem ninguém ameace a segurança que providenciou para si através da religião.

Um outro tipo de atitude frente às provocações do Mistério é a sua negação, isto é: o ateísmo nega a existência do Mistério e pensa que podemos explicar tudo com a razão e com a ciência, portanto, é apenas em nós que devemos procurar e achar todas as respostas. Entretanto, os ateus também querem respostas que os confortem e que lhes deem segurança e, nesse sentido, se assemelham muito ao homem religioso de que acabamos de falar. Muitas vezes, o ateísmo se manifesta de uma forma que podemos considerar uma verdadeira e própria religião, como se pode observar em determinados totalitarismos ou, emblematicamente, no positivismo do século XIX, quando Augusto Comte, no momento em que declara que se deve excluir "irrevogavelmente da supremacia política todos os diversos escravos de Deus, católicos, protestantes ou deístas"², propõe como alternativa uma nova 'religião' da Humanidade, com direito a catecismo, sacerdócio, templos e calendário festivo. Marcelo Gleiser, cientista de fama mundial, escreve:

2 COMTE, A. *Catecismo Positivista*. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p.97.

Essencialmente o ateísmo é uma crença na não crença, o que considero uma contradição, inconsistente com o método científico. A não existência de Deus não é uma questão que podemos decidir empiricamente³.

Se não se pode demonstrar cientificamente a existência de Deus, não se pode, também, demonstrar a sua não existência. Esse cientista se declara agnóstico, isto é "aquele que não acredita numa entidade sobrenatural, mas que não nega categoricamente a possibilidade de sua existência"⁴. É interessante lembrar que Marcelo Gleiser, pela forma como trata a relação entre ciência e religião, ganhou o prêmio Templeton, em 2019, que é uma espécie de prêmio Nobel da espiritualidade, já concedido, entre outros, à madre Tereza de Calcutá e ao Dalai lama.

Isso nos introduz ao outro tipo de atitude, com que podemos nos colocar frente e dentro do Mistério da vida: o misticismo. Trata-se da atitude de quem reconhece estar mergulhado no Mistério e leva a sério o Mistério enquanto Mistério, sem negá-lo, como os ateus, e sem a pretensão de explicá-lo totalmente e de controlá-lo, como os religiosos. Esta é a espiritualidade que caracteriza as pessoas de grande espírito, que podemos encontrar tanto entre os religiosos como entre os não pertencentes a qualquer religião.

É sobre essa espiritualidade que convido a refletir nessas páginas, que se propõem como um itinerário de busca espiritual, não como um manual de espiritualidade já pronto. Trata-se de um caminho, um itinerário não religioso, no sentido explicado

3 GLEISER, M. *A simples beleza do inesperado*. Um filósofo natural em busca de trutas e do sentido da vida. Rio de Janeiro: Record, 2017, p. 82.

4 Idem, p. 83.

acima, esperando conseguir me comunicar com a inteligência e o coração de todos, independentemente da religião ou não religião de cada um. Em vista disso, procurei evitar ao máximo a palavra Deus, substituindo-a por Mistério. Pessoalmente, não tenho nada contra essa palavra, pelo contrário. Entretanto, ela é, frequentemente, inflacionada e utilizada de uma forma que pode criar grandes desentendimentos e complicar a possibilidade de entender aquilo a que realmente pode se referir. Mantenho o uso do termo Deus apenas nas citações ou em frases que se referem às citações.

O itinerário proposto é traçado a partir da Bíblia. De novo, podemos perguntar: como é possível propor um itinerário não religioso usando continuamente a Bíblia? Respondo: quanto mais conheço e medito a Bíblia, mais descubro que não é um livro 'religioso', mas sim uma proposta de espiritualidade para o ser humano enquanto ser humano. Espero que, depois de ler estas páginas, possa se tornar mais clara essa minha afirmação.

Os evangelhos, por exemplo, nos apresentam Jesus como Aquele que nos convida continuamente a ir além da religião. Uma das características da religião é a distinção entre sacro e profano. Ora, Jesus nasce em um curral, não pertence a nenhuma categoria sacerdotal, vive misturado com pessoas pouco recomendáveis e morre fora da cidade sagrada. Nasce, vive e morre no profano. Quando interrogado se o lugar certo para adorar 'religiosamente' o Pai era Jerusalém ou o monte Garizim, Ele responde: "Vem a hora em que nem sobre esta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai. [...] Vem a hora — e é agora — em que

os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois tais são os adoradores que o Pai procura" (Jo 4,21.23)⁵.

Chegou o momento de relativizar a religião à espiritualidade: adorar o Pai em espírito.

Nessa perspectiva, podemos recuperar a história da última ceia para esclarecer a relação entre religioso e não religioso. Essa narração é conhecida, na religião católica, como a narração da instituição da Eucaristia, que hoje se revive com a celebração da missa. Nessa celebração se retomam substancialmente as expressões que encontramos nos evangelhos sinóticos e na primeira carta de Paulo aos Coríntios. Jesus, partindo e distribuindo o pão, diz: "isto é meu corpo dado por vós". Em seguida, passando o cálice do vinho, diz: "isto é meu sangue derramado por vós e por todos em remissão dos pecados". E conclui dizendo: "fazei isto em memória de mim".

Mas o evangelista João substitui esta narração com o lava-pés: "levanta-se da mesa, depõe o manto e, tomando uma toalha, cinge-se com ela. Depois coloca água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido." (Jo 13,4-5). Observem a abundância de 'profano' presente nesta passagem: mesa, toalha, bacia, lavar e enxugar os pés. Lavar os pés era um ato normal de acolhida para quem chegava depois de ter caminhado, descalço ou de sandálias, por estradas cheias de poeira ou de lama. Normalmente eram os servos que faziam este serviço profano. Por isso a dificuldade de Pedro em aceitar que Jesus lave seus pés. No final deste ritual profano, Jesus explica seu sentido:

5 Os textos bíblicos serão sempre citados na tradução portuguesa da Bíblia de Jerusalém.

Vós me chamais de Mestre e Senhor e dizeis bem, pois eu o sou. Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavarvos os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais. (Jo 13,13-15).

A esta altura, podemos nos perguntar: a que se refere o 'isto' que se encontra na frase "fazei *isto* em memória de mim"? Segundo uma compreensão puramente religiosa/ritual, significa repetir o gesto de partilhar o pão e o vinho como na última ceia. Mas a narração de João nos diz que "*isto*" significa lavar os pés uns aos outros, em memória dele. Mas até a narração dos outros evangelhos tem o mesmo sentido. Jesus diz: "este é meu corpo dado por vós, este é meu sangue derramado por vós e por todos. Deem vocês também vosso corpo e vosso sangue para o bem de todos, em memória de mim". O religioso se satisfaz em participar da missa para reviver os gestos da última ceia, e, depois, continua sua vida profana como sempre. A pessoa de espiritualidade participa da missa para encontrar inspiração e força, na memória de Cristo, para ser capaz de 'dar o próprio sangue' para o bem de todos.

Quem for à missa somente para participar de um ritual que não muda nada na sua vida deve refletir sobre essas palavras do Papa Francisco:

E quantas vezes nós vemos o escândalo daquelas pessoas que vão à Igreja e ficam lá o dia inteiro ou vão todos os dias e depois vivem odiando os demais ou falando mal das pessoas. Isto é um escândalo! É melhor não

ir à igreja: vives assim, como se fosses ateu. Mas se vais à igreja, vive como filho, como irmão e dá um verdadeiro testemunho, não um contratestemunho⁶.

Falar em itinerário não religioso não significa desprezar a experiência religiosa, e sim recuperar o sentido profundo da nossa religião e respeitar as experiências espirituais diversas da nossa. Não somos puros espíritos e, enquanto pessoas em carne e osso, que vivem numa determinada cultura, é normal que expressemos, de forma encarnada, com símbolos e ritos, nossa relação com o Mistério. Isso acontece em todas as dimensões da experiência humana. O que importa é não perder o sentido que os ritos e os símbolos devem ter para nossa vida concreta.

Estou escrevendo como uma pessoa que pertence à religião católica. Para mim, é importante participar da missa, não para respeitar um preceito ou repetir um ritual religioso, e sim para fazer memória de uma pessoa que inspira e sustenta meu caminho dentro do Mistério da vida. Mas, para mim, é sobretudo importante ser católico, no sentido literal da palavra, que significa universal. Sinto-me irmão universal de todos os que caminhem, às vezes, às apalpadelas, dentro do Mistério da vida. E esta universalidade exclui toda forma de religiosidade sectária e vazia de espiritualidade. Nesse sentido, podemos dizer que os católicos serão efetivamente católicos, universais, quanto menos religiosos forem. Nosso tempo está usufruindo o dom de um Papa que, pelo seu modo de viver e de falar, por uns considerado pouco 'religioso', encarna e promove, efetivamente, a universalidade de um catolicismo que consegue se comu-

⁶ Papa Francisco, Audiência Geral, 2 de janeiro de 2019.

nicar de forma significativa com todas as religiões e também com os não religiosos.

Em relação ao título "Nos braços do Mistério", gostaria de lembrar que somente quem se entrega ao Mistério, sem a pretensão de 'controlá-lo', será conduzido pelo Espírito àquela verdade que liberta dos mil medos que enjaulam nossa vida. Se perguntarmos a que deveria conduzir um itinerário de busca espiritual, a resposta, quase banal, é: deveria conduzir a ser feliz. O ponto de chegada da nossa vida não é o drama da Sexta-feira Santa, mas a alegria do domingo de Páscoa. Ser felizes junto é a essência do Reino anunciado por Jesus, que "não consiste em comida e bebida, mas é justiça, paz e alegria no Espírito Santo" (Rm 14,17). No entanto, condição imprescindível da felicidade é aprender a administrar muitos pequenos e grandes medos que assediam nossa vida individual e social. O medo é o maior obstáculo que encontramos no nosso caminho rumo à felicidade. Acredito, portanto, que o objetivo principal de um itinerário espiritual se torna a descoberta de como podemos nos entregar nos braços do Mistério sem medo.

Quero, por fim, esclarecer que este livro não é um tratado teológico, conduzido com método científico, mas sim uma reflexão amadurecida no decorrer de vários anos e aqui partilhada em forma de conversa entre amigos. O primeiro esboço deste livro foi rascunhado há mais de vinte anos, e continha uma série de meditações propostas aos amigos de "La collina", Grupo Missionário de Reggio Emilia, em 1997. Agora, retomei aquelas reflexões, mas mantive o estilo de conversa com que foram inicialmente propostas.

Concluo esta apresentação retomando a frase de um meu professor de Sagrada Escritura que, depois de cinquenta anos, continua viva na minha memória: “Querer falar em Deus é como querer tocar a nona sinfonia de Beethoven com a campainha da porta”. Então, este livro representa minha tentativa de tocar essa maravilhosa sinfonia com a campainha da minha porta, fazendo votos de que desperte nos leitores a vontade de se deixar envolver cada vez mais pela sublime sinfonia do Mistério.

Salvador/Bahia, 15 de setembro de 2021

I

O mistério do homem no mistério da vida

*Fiz calar e repousar meus desejos,
Como criança desmamada
no colo de sua mãe.*

Salmo 131.2

Estamos mergulhados no Mistério desde a ponta dos pés até a ponta dos cabelos. O Mistério sempre nos acompanha e representa muito mais daquilo que normalmente consideramos como misterioso. A vida como tal está envolvida no Mistério, o mundo está envolvido no Mistério. É só contemplar o céu numa noite estrelada e pensar na nossa pequenez de seres vivos e inteligentes, moradores de um minúsculo planeta viajando no meio de bilhões de outros corpos celestes, em uma galáxia que convive com bilhões de outras galáxias. Podemos nos perguntar: este céu acima de nós é finito ou infinito? Se for finito, acaba aonde? Se for infinito, como é que podemos imaginar o infinito? Para estas perguntas não existe nenhuma resposta científica, mas somente poética: "Così tra questa immensità s'annega il pensier mio: e il naufragar m'è dolce in questo mare"⁷. O céu se torna assim uma manifestação privilegiada do Mistério que nos envolve. Será por acaso que Jesus nos ensina a dizer: "Pai nosso, que estais *nos céus*"?

Nós, porém, perdemos com facilidade a sensibilidade para com o Mistério, tornando-o normal pelo costume ou pela ilusão de uma explicação científica. Então, nos acostumamos ao milagre da vida que acontece continuamente no mundo humano, animal e vegetal, e achamos tudo normal, simplesmente porque

7 "Assim, nessa imensidade, acaba se afogando meu pensamento: e é doce para mim naufragar neste mar" (tradução nossa) LEOPARDI, Giacomo. *Canti*. Milano: Oscar Mondadori, 1987, p. 112.

a ciência nos explica como acontece. Assim, perdemos o senso do Mistério e a capacidade de nos assombrar frente às mil manifestações da vida, como o desabrochar de uma flor, e que ultrapassam amplamente a explicação puramente científica.

Não podemos esquecer que a ciência nos diz sempre e somente “como” as coisas acontecem, não “porque” acontecem. Por exemplo, quando a ciência explica porque a água ferve aos 100 graus, mostra-nos como o calor incide sobre os elementos químicos, provocando o fenômeno da ebulição naquela determinada temperatura. Mas, dizia David Hume, filósofo inglês do século XVIII, se um dia a água que colocamos no fogo, em lugar de ferver, empedrasse, não podemos nos surpreender muito, porque, na realidade, não sabemos o “porquê” daquilo que acontece, mas somente o “como”, e estamos tão acostumados com aquilo que acontece, que acabamos achando que deva, necessariamente, acontecer sempre do mesmo jeito.

Na mesma perspectiva, continuando com o filósofo Hume, temos certeza de que amanhã o sol surgirá novamente, e a ciência confirma nossa convicção, explicando-nos o “como” das órbitas celestes; mas “por que” a rotação dos astros acontece desta forma e não pode eventualmente acontecer de forma diferente, a ciência não pode dizer. E é justamente no “porquê” que aparece a dimensão do Mistério. O que nos faz perder a dimensão do Mistério é o fato de normalmente nos satisfazermos com a explicação do “como” e não nos preocuparmos com o “porquê”. Poderíamos nos perguntar: por que não nos preocupamos com o “porquê”? A resposta é muito simples: porque nós conseguimos explicar bastante facilmente o “como”, enquanto o “porquê” é muito mais complicado, “misterioso”. Nes-

te sentido, a ciência também não escapa ao desafio do Mistério. O grande físico Albert Einstein dizia:

A experiência mais bela que podemos ter, a emoção fundamental que inspira as criações mais significativas da arte e da ciência, é nossa atração pelo mistério. Aquele que a desconhece, que não é mais capaz de se maravilhar, está mais morto do que vivo, como uma vela que se apagou.⁸

E o cientista Marcelo Gleiser revela, em um dos seus escritos, "Escolhi a física para poder passar a vida engajado com o mistério"⁹.

Quando falamos em Mistério, não devemos pensar em algo absurdo ou simplesmente incompreensível, mas em algo profundamente rico, que nunca acabaremos de descobrir em toda a sua profundidade e riqueza. Gleiser imagina nosso conhecimento como uma ilha no meio do oceano e observa:

É bom lembrar que, pela sua própria natureza, a construção desse conhecimento sobre o mundo não tem fim. Quando nossa Ilha do Conhecimento cresce, as praias da nossa ignorância, que demarcam a fronteira entre o conhecido e o desconhecido, também crescem. Quanto mais sabemos, mais descobrimos o quanto não sabemos¹⁰.

Portanto, podemos dizer que o Mistério não é incompreensível, mas sim infinitamente compreensível. Ora, esta compreensibili-

8 Citado em: GLEISER, Op. Cit., p.80

9 Idem, p. 81.

10 Idem, p. 72

dade infinita é algo que pode nos incomodar, porque o Mistério apresenta sempre uma parcela de desconhecido, algo que não está totalmente à nossa disposição. Este algo nos incomoda e nos assusta, porque nós gostaríamos de ter sempre o controle total de tudo. Por isso, procuramos eliminar o Mistério da nossa vida: temos a pretensão de vê-lo, conhecê-lo, capturá-lo, sequestrá-lo, de mantê-lo a nosso dispor, para que não nos tire a tranquilidade. E fazemos tudo isso como resposta ao medo de não conseguir manter tudo sob controle.

Pensando bem, a história está cheia de inúmeras tentativas de sequestrar ou até violentar o Mistério, tanto em nível existencial, como em nível social. E sempre com consequências destrutivas, seja para os indivíduos como para a convivência humana. Por exemplo, todas as formas de fanatismo e fundamentalismo totalitário, com suas consequências desastrosas, são tentativas de violentar o Mistério da vida e da história. Mas, no interior desta história, nós nos deparamos também com uma experiência, no mesmo tempo histórica e espiritual, que nos propõe uma alternativa: aprender a viver no Mistério sem medo.

Nessas páginas, iremos percorrer as etapas dessa história muito interessante, para descobrir como podemos vencer o medo, aprendendo a nos entregar ao Mistério "como criança no colo de sua mãe".

Iremos analisar as etapas desta história no livro sagrado da tradição judaico-cristã, a Bíblia, mas procuraremos mostrar como os traços fundamentais da relação com o Mistério da nossa vida no mundo são transversais a qualquer experiência humana, independente da religião ou não-religião de cada um.

Vamos começar de Adão e Eva, cuja tradução literária significa justamente Homem e Mulher, indicando que representam o desafio que qualquer homem e qualquer mulher precisa encarar pelo simples fato de viver.

Gratidão e respeito

O capítulo terceiro do livro de Gênesis é uma narração paradigmática, inclusive porque se encontra em um contexto literário particular: aquele dos primeiros onze capítulos, que, em termos exegéticos, são chamados capítulos etiológicos. Trata-se de uma releitura teológica da realidade, que procura entender o porquê daquilo que está se experimentando na vida. São capítulos que nascem no interior de uma experiência espiritual já relativamente desenvolvida. Um povo, que já vive uma experiência espiritual, se interroga sobre a realidade e procura responder aos porquês fundamentais da vida, às vezes reelaborando teologicamente um material literário tirado da simbologia religiosa da época. Assim, por exemplo, observando a beleza e a ordem da criação, o ser humano se pergunta: de onde vem este universo maravilhoso? Trata-se de uma pergunta que ainda hoje continua desafiando a inteligência humana, que, através de diferentes hipóteses científicas, procura explicar “como” tudo isso pode ter começado. A Bíblia não quer competir com esta procura da inteligência humana, porque sabe que a explicação do “como” é tarefa da ciência. A Bíblia está interessada em dizer algo a respeito do mistério do “porquê” e, para fazer isso, lança mão da poesia e da linguagem simbólica, porque estes gêneros literários conseguem dizer coisas que a linguagem científica não consegue dizer. Assim, a poesia do

primeiro capítulo de Gênesis nos faz mergulhar numa riqueza de imagens e alusões que possibilitam uma compreensão da vida e do mundo, que nenhuma teoria científica pode e nem está interessada em oferecer.

A mesma coisa acontece em relação ao problema do mal presente no mundo e que é considerado, sobretudo, no capítulo terceiro de Gênesis. Convém escutar as palavras desta passagem à luz do capítulo segundo, onde lemos:

lahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para o cultivar e o guardar. [...] lahweh Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens e todas as aves do céu e as conduziu ao homem para ver como ele as chamaria: cada qual devia levar o nome que o homem lhe desse. [...] Então lahweh Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar. Depois, da costela que tirara do homem, lahweh Deus modelou uma mulher e a trouxe ao homem. Então o homem exclamou: "Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada 'mulher', porque foi tirada do homem!" Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne. Ora, os dois estavam nus, o homem e sua mulher, e não se envergonhavam. (Gn. 2,15-25)

Esta narração, sempre no contexto literário poético/simbólico, enuncia uma coisa fundamental: precisamos considerar a criação, e também o outro ou a outra, como um presente, algo que nos é entregue, não algo que nós criamos. O homem dorme, enquanto a mulher está sendo plasmada; não é ele quem a cria, não é ele quem a conquista. O homem a recebe como presente.

Trata-se de uma realidade que é confirmada pela experiência do namoro. Quando alguém encontra sua alma gémea e se apaixona, percebe a pessoa amada como algo que foi preparado para ele, ou para ela, sem nenhum mérito ou participação sua. É como se estivesse dormindo e, quando acorda, descobre perto de si uma presença que o enche de alegria e se torna fundamental na sua vida, e que antes era como se não existisse.

Se a ideia de que a mulher foi plasmada de uma costela do homem incomoda a sensibilidade feminista, podemos mudar a ordem e dizer que foi o homem a ser plasmado a partir do corpo da mulher. Em não se tratando de uma teoria científica, e sim simbólica, mudando a ordem dos fatores, o resultado não muda. E o resultado é a mensagem de que a criação, como as criaturas, são um presente a ser acolhido com gratidão e respeito (a palavra 'respeito' vem do latim 'respicere' = observar sem a pretensão de possuir). Tudo o que está ao nosso redor, a natureza e as pessoas, não são algo que nós criamos e, portanto, de que somos donos. Nós somos somente destinatários de um presente: administradores em relação às coisas, e pessoas que devem se colocar em relação às outras pessoas em atitude de respeito e gratidão.

Tudo isso pode não nos deixar à vontade. Na realidade, esta situação é a situação do homem e da mulher que "estavam nus". Isto é, se eu me relaciono com o outro com esta atitude de respeito e gratidão, posso ficar na frente do outro sem defesa alguma, sabendo que posso confiar no outro. O outro não vai me atacar, o outro não vai aproveitar do meu ser indefeso. Por isso, 'estavam nus e não se envergonhavam' significa que viviam em tal relacionamento de respeito e de confiança recíproca que não precisava de nenhum tipo de defesa. Isso, po-

rém, significa aceitar que não posso querer controlar e usar as coisas e os outros do jeito que eu quiser.

Se isso não me deixa à vontade, irei procurar, então, tomar conta das coisas e dos outros; e aqui nos deparamos com Gênesis 3:

A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos, que Iahweh Deus tinha feito. Ela disse à mulher: "Então Deus disse: Vós não podeis comer de todas as árvores do jardim?" A mulher respondeu à serpente: "Nós podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Dele não comereis, nele não tocareis, sob pena de morte." A serpente disse então à mulher: "Não, não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal." A mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que essa árvore era desejável para adquirir discernimento. Tomou-lhe do fruto e comeu. Deu-o também a seu marido, que com ela estava e ele comeu. (Gn 3,1-6).

Trata-se da narração do assim chamado pecado original, que conseguiremos entender corretamente somente lendo-o como uma narração simbólica, que nos ajuda a entender a existência do mal no mundo de uma forma muito rica e profunda, inclusive do ponto de vista psicológico. A serpente falante deste texto simboliza uma ameaça que acompanha constantemente a nossa vida, todas as vezes que nos questionamos se podemos nos entregar com confiança ao Mistério, ou se não seria melhor controlar tudo por nossa conta. Este é o que chamamos de pecado original, um problema que tem sua origem em cada um de nós enquanto homem (Adão) ou mulher (Eva). "Viu que

era boa ao apetite", então: vamos comer! Comer significa tomar posse de algo e consumi-lo, destruí-lo, em prol da nossa sobrevivência.

Quando quero 'comer' as coisas, quando quero tomar posse das pessoas, é porque não me deixa tranquilo o fato de que os outros e as coisas fiquem sendo algo que me foi dado de presente e de que, no fim das contas, não sou dono. Se eu não aceitar isso e quiser tomar posse, aí aparece o caos. O medo vai piorar. Procurei tomar posse dos outros e das coisas para vencer o medo e, em vez disso, o medo aumentará. Por isso, quando o Senhor procura "o homem", este responde: "Ouvi teu passo no jardim; tive medo porque estou nu, e me escondi." (Gn 3,10). Quando não aceito o Mistério do outro e das coisas, querendo tomar posse e controlar, nasce o medo. Então se desperdiça a possibilidade de viver no "jardim do Éden": o capítulo terceiro termina com o homem e a mulher deixando este jardim. Foi perdido o shalom bíblico, que representa aquela harmonia profunda consigo mesmo, com os outros e com a criação, que resulta da aceitação do Mistério.

Mas o Mistério é magnânimo e oferece uma segunda chance ao homem: em Gênesis 9,1, encontramos: "Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra". Trata-se das mesmas palavras que aparecem, pela primeira vez, no contexto da criação do homem em Gênesis 1,28 e são retomadas aqui, depois do dilúvio: vamos tentar novamente! O Mistério oferece uma segunda chance, e, desta vez, parece até que deu certo, lendo o texto de 11,1: "Todo o mundo se servia de uma mesma língua e das mesmas palavras". Parece que deu certo, considerando que conseguiram manter esta unidade, esta comunhão, este shalom. Porém, a tentação de sequestrar o Mistério ganha novamente. O capítulo 11 continua:

Como os homens emigrassem para o oriente, encontraram um vale na terra de Senaar e aí se estabeleceram. Disseram um ao outro: "Vinde! Façamos tijolos e cozamo-los ao fogo!" O tijolo lhes serviu de pedra e o betume de argamassa. Disseram: "Vinde! Construamos uma cidade e uma torre cujo ápice penetre nos céus! Façamo-nos um nome e não sejamos dispersos sobre toda a terra! (Gn 11,2-4).

Vamos construir uma torre que chegue ao céu, que nos permita olhar na cara do Mistério, tomar posse dele e controlá-lo. Isso porque não sabemos se podemos realmente confiar no Mistério. Melhor "fazer-se um nome" por nossa conta, do que correr o risco de "se dispersar". E, novamente, o resultado é exatamente a fragmentação, a dispersão, o caos: uma verdadeira Babilônia.

Sai do "teu"

Depois de duas tentativas frustradas, inicia aquela que conhecemos como história da salvação, que terá seu ponto alto com Jesus Cristo e que está continuando ainda hoje. Uma história atribulada, para levar gradualmente os homens a aprender a confiar e se entregar ao Mistério sem medo, sem querer sequestrá-lo, sem querer controlá-lo, sem querer desvelá-lo totalmente. É a história de uma forma de lidar com a vida e o mundo, que podemos chamar de espiritualidade, e que inicia com Abraão, no capítulo 12 de Gênesis. O Senhor diz à Abraão: "Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei". (Gn 12,1)

É interessante esta vocação de Abraão. A terra, a pátria, significa, para Abraão, todo aquele conjunto representado também pela

torre de Babel. Por isso, sair da sua terra significava sair da lógica de Babel, que era uma lógica de controle do Mistério, portanto, de fragmentação, de divisão. Podemos observar como volta de forma insistente o possessivo "teu": o 'tua' terra, a 'tua' parentela, a casa de 'teu' pai; podemos acrescentar: a 'tua' religião, o 'teu' tudo particular. Agora, deixe este 'teu' e sai rumo àquilo que não é teu, para que em ti todas as famílias da terra sejam abençoadas. Podemos superar a fragmentação do 'meu', do 'teu' e do 'seu' e encontrar uma nova unidade no seio do Mistério. Somente permanecendo no seio do Mistério, cujo líquido amniótico é a misericórdia, podemos conseguir a verdadeira comunhão.

Quando queremos sequestrar o Mistério, logo começamos a fragmentá-lo, porque eu sequestro o Mistério do meu jeito e você o sequestra do seu jeito; começa a aparecer o meu país, a minha terra, a minha religião, o meu Deus e assim aparece a guerra, inclusive a guerra religiosa. Se, pelo contrário, permanecer no seio do Mistério, onde Abraão é convidado a entrar, então, naquele âmbito de misericórdia, pode nascer e se desenvolver a verdadeira comunhão.

E Abraão sai, conforme a ordem do Senhor. A carta aos Hebreus vai acrescentar: "Partiu sem saber para onde ia" (Hb 11,8). Entrar na lógica do Mistério significa isso. Abraão, apesar de tudo o que possui, sente que está lhe faltando algo. Está sendo convidado a ir ao encontro deste algo que nem ele sabe direito de que se trata, mas, deste modo, se torna pai dos que têm fé, de todos aqueles que aceitam confiar e se entregar ao Mistério. Pai de todos aqueles que aceitam sair dos particularismos do meu, do teu, do seu já definido, e se aventurar na busca de algo mais que não sabem direito o que seja e aonde os levará, mas acreditam que será algo melhor.

Abraão é hoje uma figura importante para as três grandes religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo. Mas é bom lembrar que, no seu tempo, ele não pertencia a nenhuma religião. Podemos dizer que era uma pessoa 'normal', com uma grande sensibilidade 'espiritual', que lhe permitia deixar-se provocar e conduzir pelo Mistério no decorrer complicado da sua longa vida. Esta sensibilidade espiritual aparece continuamente nas entrelinhas da narração da sua história, independentemente de qualquer referência a uma religião determinada. Ele entra em contato com várias culturas e respectivas religiões, mas sua sensibilidade ao Mistério lhe permite manter uma atitude espiritual que não despreza nenhuma manifestação religiosa, mas vai sempre além. Aceita a bênção de um tal de Melchisedek, que é apresentado como "sacerdote do Deus altíssimo" (Gn. 14,18), mas é através de uma experiência pessoal do Mistério, olhando o céu estrelado ("Ergue os olhos para o céu e conta as estrelas, se as podes contar" Gn. 15,5), que ele sente que pode confiar e se entregar sem medo Àquele que lhe oferece um pacto de fidelidade perene.

Abraão está atento à manifestação do Mistério não somente no céu estrelado, mas também nas pessoas que passam na frente da sua tenda e que precisam lavar os pés, comer um pedaço de pão e reconfortar o coração (cf. Gn. 18,5). Abraão, na sua sensibilidade espiritual, capta que o essencial do Mistério é a misericórdia e intercede por quem dela precisa, até em se tratando de cidades corruptas, que nem Sodoma e Gomorra. (Cf. Gn. 18, 20-33). Mas o momento mais significativo e dramático da vida de Abraão, que mostra como sua experiência espiritual vai além de uma simples experiência religiosa, é o que encontramos na narração do capítulo 22 de Gênesis.

Na sua vida nômade, Abraão entra em contato com um contexto religioso que requeria, como prova de fé, a oferta ritual e real dos primogênitos, sacrificando a vida deles. Assim, a 'religião' provoca uma profunda crise existencial e espiritual em Abraão: de um lado, ele está convencido de que Isaac foi um presente do Mistério; mas, de outro lado, sente que o Mistério, do jeito que está sendo interpretado pela religião daquele tempo e daquele lugar, está lhe dizendo: "Toma teu filho, teu único, que amas, Isaac, e vai à terra de Moriá, e lá o oferecerás em holocausto sobre uma montanha que eu te indicarei" (Gn. 22, 2). Abraão, por causa da sua sensibilidade espiritual, sabe que tudo é relativo e, por isso mesmo, está disposto a renunciar até àquilo que considerava como fruto da promessa do Mistério, o presente mais importante que tinha recebido na vida, porque sabe que "é Deus quem proverá" (Gn. 22,8). E o Mistério, de fato, é providente, ajudando-o a entender que a verdadeira fidelidade consiste em estar prontos a sacrificar tudo, inclusive a vida, "valendo teu amor mais que a vida" (Sl. 63,4), mas que ele não quer sacrifícios de vidas humanas e, portanto, Abraão não devia sacrificar a vida do seu filho.

Quando vivemos com esta profunda liberdade interior em relação a tudo aquilo que é 'meu', compreendemos que o Mistério não quer a morte de ninguém, mas a vida em abundância para todos. "Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra, porque tu me obedeceste" (Gn. 22,18). Esta abertura e confiança para com o Mistério é aquilo que pode tornar possível o bem para "todas as nações da terra". É fundamental esta perspectiva universalista da espiritualidade não religiosa de Abraão, que aparece claramente já no começo da narração de sua história: "Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra" (Gn. 12,3). Através dele e da

sua espiritualidade não religiosa, que o caracteriza como pai de todos os que têm fé, o Mistério quer “bendizer” todas as nações da terra, independentemente da grande multiplicidade cultural e religiosa presente no mundo. Não tem sentido um pensamento religioso que não assuma esta universalidade. Uma religião pode ser levada a sério somente quando se apresenta como uma forma humana de se abrir a um Mistério de salvação para todos. Se não fosse de salvação para todos não o seria nem para nós.

A espiritualidade do Êxodo

Não é uma história simples aquela que começa com Abraão, e aqui quero destacar somente dois momentos cruciais: o Êxodo e o Exílio da Babilônia.

Com o Êxodo acontece algo novo no interior da história dos descendentes de Abraão: Israel, que ainda era um conjunto de tribos, estrutura-se como povo e este estruturar-se como povo vai se revelar um grande limite em relação à sua missão. Em si, estruturar-se como povo não deveria ter prejudicado sua vocação universalista, mas com a condição de não esquecer como Abraão, antes, e Moisés agora, se relacionavam com o Mistério. Parece até que Moisés previa a dificuldade de manter vivo este tipo de relacionamento, esta espiritualidade, assim é que, no livro do Deuteronômio (contendo três grandes discursos de Moisés), encontramos diversas vezes, como que um refrão: ‘Fique atento a ti mesmo...! Lembra-te!’ Não te esqueças como o Mistério se manifestou na tua história, a fim de não perder a orientação do teu caminho (Cfr. Dt 6,12; 7,9.18.19; 8,2.5.11.14.17.19; 9,7).

Vamos levar em consideração algumas características desta manifestação do Mistério, assim como são apresentadas na história de Moisés. Um Mistério que, sim, constitui Israel como povo, mas não para que se tornasse um povo contra os outros povos, e sim para que fosse o germe e o início de algo novo, da mesma forma que Jesus irá procurar fazer com sua Igreja, germe e início do Reino. Como se apresenta este Mistério vivido pela espiritualidade de Moisés?

– Um fogo que arde e não consome

Apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Madiã. Conduziu as ovelhas para além do deserto e chegou ao Horeb, a montanha de Deus. O Anjo de lahweh lhe apareceu numa chama de fogo, do meio de uma sarça. Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. Então disse Moisés: "Darei uma volta e verei este fenômeno estranho; verei por que a sarça não se consome!" Viu lahweh que ele deu uma volta para ver. E Deus o chamou do meio da sarça. Disse: "Moisés, Moisés!" Este respondeu: "Eis-me aqui!" Ele disse: "Não te aproximes daqui; tira as sandálias dos pés porque o lugar em que estás é uma terra santa!" (Ex 3,1-5).

Eis como Moisés experimenta, pela primeira vez de maneira profunda, o encontro com o Mistério: como fogo que arde e não consome. O Mistério é algo que arde dentro de nós, que não nos deixa em paz. Algo que provoca o ser humano, que o faz pensar, que, às vezes, o mantém acordado durante a noite, que o interpela continuamente, sem consumi-lo. É interessante que

a narração bíblica começa nos lembrando que Moisés estava apascentando o rebanho de seu sogro. A vida do pastor, naquele tempo assim como hoje, é uma vida solitária, que favorece a meditação, que pode ajudar a encontrar a si mesmo, escutando Aquele que é mais íntimo a nós que nós mesmos. A sarça ardente não é, necessariamente, algo que Moisés tenha visto no “monte de Deus”, mas é, sobretudo, o encontro dentro de si da lembrança daquilo que ele viu no Egito e que não o deixa em paz. “Lá no Egito, tem irmãos meus morrendo na opressão e eu aqui apascentando ovelhas e cabritos”. Este ‘fogo’ não o deixa em paz. Era uma sarça que ardia dentro dele e era o lugar onde o Mistério se manifestava e o interpelava. O Mistério é este fogo dentro de nós que não nos deixa em paz; que não nos consome porque quer nos purificar, porque quer nos arrancar da nossa tranquilidade e nos tornar instrumentos de libertação.

– Aquele que escuta o grito dos oprimidos e os socorre

Quando o ser humano se deixa incomodar e convocar pelo Mistério, entra em uma aventura sem fim. Como Abraão, parte sem saber até onde irá. Mas não consegue renunciar à tentativa de “nomear” aquilo que encontra no caminho, embora isso não seja normalmente muito simples, sobretudo quando se está buscando um sentido existencialmente determinante. Esta dificuldade corresponde a uma luta noturna, que todos os grandes místicos conhecem por experiência pessoal, e que encontramos bem representada na luta de Jacó, narrada em Gênesis 32,23-30. Depois de uma noite de luta silenciosa entre Jacó e um Desconhecido, a contenda física termina com um

golpe baixo e começa a contenda verbal, justamente a respeito do nome. O Desconhecido

lhe perguntou: "Qual é o teu nome?" — "Jacó", respondeu ele. Ele retomou: "Não te chamarás mais Jacó, mas Israel, porque foste forte contra Deus e contra os homens, e tu prevaleceste." Jacó fez esta pergunta: "Revela-me teu nome, por favor." Mas ele respondeu: "Por que perguntas pelo meu nome?" E ali mesmo o abençoou. (Gn. 32,28-30).

Depois de uma noite de luta, Jacó tenta descobrir o nome do Mistério, mas tudo o que consegue obter é uma anca deslocada, uma nova compreensão do próprio nome e uma bênção. Jacó não podia querer mais e continua seu caminho mancando, mas carregando consigo o nome glorioso de quem não fugiu da luta com o Mistério.

Na busca do sentido supremo, Moisés parece obter algo mais.

"Agora, o clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para fazer sair do Egito o meu povo, os filhos de Israel." Então disse Moisés a Deus: "Quem sou eu para ir a Faraó e fazer sair do Egito os filhos de Israel?" Deus disse: "Eu estarei contigo; e este será o sinal de que eu te enviei: quando fizeres o povo sair do Egito, vós servireis a Deus nesta montanha." Moisés disse a Deus: "Quando eu for aos filhos de Israel e disser: 'O Deus de vossos pais me enviou até vós'; e me perguntarem: 'Qual é o seu nome?', que direi?" Disse Deus a Moisés: "Eu sou aquele que é." Disse mais: "Assim dirás aos filhos de Israel: 'EU SOU me enviou até vós.' " (Ex 3,9-14).

Não é fácil deixar que o fogo do Mistério nos incomode. Encontramos, sempre, desculpas para tentar sair de baixo: quem sou eu para pensar que posso fazer algo? Isso não é da minha conta e não tenho nenhuma habilidade especial para assumir esta responsabilidade. No decorrer deste diálogo interior com o Mistério, Moisés, a uma certa altura, diz a si mesmo: "eu não sou um homem de falar, [...] pois tenho a boca pesada, e pesada a língua." (Ex. 4,10). Mas o fogo do Mistério continua ardendo e ele tem que reconhecer que essa também é mais uma desculpa, quando vê o irmão dele Aarão vir ao seu encontro. Na realidade, pode solicitar a ajuda do irmão Aarão; "Eu sei que ele fala bem" (Ex. 4,14). Mas a dificuldade maior, na experiência espiritual do Mistério, é conseguir que os outros o percebam e o aceitem, sem saber exatamente quem ele é, qual é seu nome. Quando "me perguntarem: 'Qual é o seu nome?', que direi?" (Ex. 3,13).

Isso explica porque é sempre mais fácil ser simplesmente religioso do que se entregar à experiência mística do Mistério. A religião acha que sabe exatamente quem é o Mistério, qual é o nome dele: e, quando se conhece este nome, pode-se mobilizar multidões, até para fazer guerra 'no seu nome'. Quando Moisés indaga o nome do Mistério, Ele responde: "Eu sou quem sou". É grande a discussão a respeito do sentido deste "nome" do Mistério, e existem estudos exegéticos bastante interessantes sobre essa passagem bíblica¹¹, mas acredito que podemos considerar esta resposta como um convite para ir além de nossa obsessão de querer controlar tudo, até o Mistério supremo, através de nossas definições. Neste sentido, o Mistério é inominável ou pode ter mil nomes diferen-

11 Quero aqui citar o ensaio hermenêutico do amigo biblista: BINDELLA, Francesco. *La Rivelazione del Nome Divino "sul roseto"*. Annuncio di Escatologia, Fondamento di Ecumenismo. Ed. Porziuncola, Assisi, 1993.

tes, que, no final, dá no mesmo. E nós temos que aceitar essa nossa impossibilidade de nomeá-lo, respeitando os muitos nomes com que a humanidade pode invocá-lo. O importante é que, qualquer que seja o nome dado ao Mistério, se reconheçam suas características, assim sintetizadas: Eu sou aquele que escuta, que vê, que sente. Não sou alguém que fica lá no alto, impassível; eu sou aquele que está sempre aqui para o seu bem e para o bem de toda a humanidade.

– Aquele que pode ser visto somente pelas costas

Moisés respondeu a lahweh: "Rogo-te que me mostres a tua glória." Ele replicou: "Farei passar diante de ti toda a minha beleza, e diante de ti pronunciarei o nome de lahweh. Terei piedade de quem eu quiser ter piedade e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão." E acrescentou: "Não poderás ver a minha face, porque o homem não pode ver-me e continuar vivendo." E lahweh disse ainda: "Eis aqui um lugar junto a mim; põe-te sobre a rocha. Quando passar a minha glória, colocar-te-ei na fenda da rocha e cobrir-te-ei com a palma da mão até que eu tenha passado. Depois tirarei a palma da mão e me verás pelas costas. Minha face, porém, não se pode ver." (Ex 33,18-23).

A dureza do caminho no deserto desperta em Moisés a tentação de ver o rosto do Mistério ou, pelo menos, ver algo mais, mas a resposta do Mistério é clara: "Não poderás ver a minha face, porque o homem não pode ver-me e continuar vivendo".

É muito importante e profunda esta ideia de Mistério, até em relação ao nosso desejo de conhecer a Verdade. Na busca

humana pelo conhecimento, é inevitável e compreensível o desejo de poder realizar um encontro face a face com a totalidade da Verdade. Mas não tem jeito: podemos experimentar o Mistério, que é a totalidade da Verdade, como uma mão que nos segura e nos envolve, mas não podemos compreendê-lo totalmente no nosso caminho histórico. Ele estará sempre um pouco mais além, na nossa frente, e, assim, poderemos vê-lo somente pelas costas. Não é pouca coisa, pois seu caminhar a nossa frente nos indica a direção certa, e o desejo de alcançá-lo mantém viva nossa busca. Mas os traços definidos do rosto do Mistério permanecem, por enquanto, desconhecidos.

A este respeito, quero retomar aqui a passagem de uma entrevista do Papa Francisco, concedida à revista *Civiltà Cattolica* em 2013. Naquela ocasião, o Papa dizia:

Sim, neste procurar e encontrar Deus em todas as coisas fica sempre uma zona de incertezas. Tem que ser assim. Se uma pessoa diz que encontrou Deus com certeza total e não aflora uma margem de incerteza, então não está bem. Para mim, esta é uma chave importante. Se alguém tem a resposta a todas as perguntas, esta é a prova de que Deus não está com ele. Quer dizer que é um falso profeta, que usa a religião para si próprio. Os grandes guias do povo de Deus, como Moisés, sempre deixaram espaço para a dúvida. Devemos deixar espaço ao Senhor, não às nossas certezas. É necessário ser humilde. A incerteza existe em cada discernimento verdadeiro que se abre à confirmação da consolação espiritual¹².

12 Cfr. *L'Osservatore Romano*, ed. Semanal em português, Ano XLIV, n.39, Domingo, 29 de setembro de 2013.

A certeza não combina com o pensamento racional, como também não combina com a fé, porque a certeza considera minha racionalidade como medida última de todas as coisas. Neste sentido, a certeza nunca está correta, porque não considera os limites do nosso conhecimento frente à complexidade e à dimensão misteriosa da realidade. A incerteza é parte constitutiva da verdadeira racionalidade, porque o Mistério está sempre um pouco mais além. Não podemos ter a pretensão de correr, alcançá-lo e olhar na cara dele, enquanto estamos nesta vida.

O Papa Francisco continuava dizendo:

O risco no procurar e encontrar Deus em todas as coisas é, pois, a vontade de explicar demasiado, de dizer com certeza humana e arrogância: "Deus está aqui". Encontraremos somente um deus à nossa medida. A atitude correta é a agostiniana: procurar a Deus para O encontrar e encontrá-l'O para O procurar sempre. E muitas vezes procura-se por tentativas, como se lê na Bíblia. É esta a experiência dos grandes Pais da Fé, que são o nosso modelo. É necessário reler o capítulo 11 da *Carta aos Hebreus*. Abraão partiu sem saber para onde ia, pela fé. Todos os nossos antepassados da fé morreram vendo os bens prometidos, mas longe... A nossa vida não nos é dada como um libreto de ópera onde está tudo escrito, mas é ir, caminhar, fazer, procurar, ver... Deve-se entrar na aventura da procura do encontro e do deixar-se procurar e deixar-se encontrar por Deus¹³.

Aquilo que nós podemos ver do Mistério neste mundo é sempre e somente "pelas costas", quando ele já passou. E quando é

13 Idem.

mais escuro talvez seja o momento em que ele está mais próximo de nós. É o momento em que está passando e nos encobre com sua mão, para que não vejamos sua glória e morramos. Se nossa vida fosse verdadeiramente orientada por esta espiritualidade não religiosa, que não “usa a religião para si mesmo”, acabariam tantos fanatismos e violências de todo tipo, a começar pela violência religiosa.

– Aquele que valoriza a contribuição de todo mundo independentemente de onde vem

O capítulo 18 do Êxodo fala do encontro de Moisés com Ietro, o sogro dele. Ietro é sacerdote de Madian, mas não tem nada a ver com Israel, nem com a tradição religiosa de Israel. Mas, quando vê Moisés tentando resolver sozinho todos os problemas, diz para ele: ‘Não faz isso, não. Procura pessoas com um pouco de juízo que possam te ajudar’. No livro de Números 11,16-17, podemos ver se concretizar esta sugestão de Ietro quando são constituídos setenta homens entre os anciãos de Israel, para que possam ajudar Moisés na administração do povo. Depois disso, acontece que, um belo dia, o Espírito desce sobre dois homens que permaneceram no acampamento e eles começam a profetizar no acampamento, ao invés que na tenda, onde todos os outros estavam reunidos com Moisés. Então,

Um jovem correu e foi anunciar a Moisés: “Eis que Eldad e Medad”, disse ele, “estão profetizando no acampamento.” Josué, filho de Nun, que desde a sua juventude servia a Moisés, tomou a palavra e disse: “Moisés, meu senhor,

proibe-os!" Respondeu-lhe Moisés: "Estás ciumento por minha causa? Oxalá todo o povo de lahweh fosse profeta, dando-lhe lahweh o seu Espírito!" (Cfr. Nm 11,26-29).

Eis, o Mistério não tem medo se alguém profetiza fora da tenda, fora do espaço sagrado da religião oficial; aliás, é muito bem-vindo! E é ele quem suscita estes profetas.

Novamente, podemos aplicar esta perspectiva de uma espiritualidade não religiosa à questão da busca da Verdade. As primeiras obras completas da grande filosofia ocidental são os diálogos de Platão. O método filosófico dialógico, de origem socrática, baseia-se na convicção de que podemos nos aproximar da Verdade somente 'dialogando', isto é partilhando entre nós o *logos*, a racionalidade. É interessante observar que, nos seus diálogos, Platão nunca aparece como protagonista. É como se dissesse que a verdade, que está procurando, pode ser encontrada somente com a participação de muitos dialogantes, do passado e do presente, inclusive de 'estrangeiros', isto é, de quem pode partilhar conosco um *logos* que fala outra língua, manifestação de um contexto cultural diferente do nosso. O verdadeiro sábio sabe que falar em nome da Verdade (profetizar) não é um privilégio exclusivo de quem vive nos sagrados espaços do saber consagrado, na tenda da cultura oficial. O verdadeiro sábio, aquele que vive uma espiritualidade do conhecimento, fica feliz por todas as sementes da Verdade que podem brotar e dar frutos em todos os acampamentos da humanidade. A impossibilidade de um conhecimento total e definitivo do Mistério requer este espírito dialógico macro ecumênico, na busca da Verdade e do sentido da vida e do mundo.

- **Aquele que relativiza as realizações históricas da salvação**

Moisés subiu então das estepes de Moab para o monte Nebo, ao cume do Fasga, que está diante de Jericó. E lahweh mostrou-lhe toda a terra: de Galaad até Dã, todo o Neftali, a terra de Efraim e Manassés, toda a terra de Judá até ao mar ocidental, o Negueb, o distrito da planície de Jericó, cidade das palmeiras, até Segor. E lahweh lhe disse: «Esta é a terra que, sob juramento, prometi a Abraão, Isaac e Jacó, dizendo: «Eu a darei à tua descendência.» Eu a mostrei aos teus olhos; tu, porém, não atravessarás para lá.» E Moisés, servo de lahweh, morreu ali, na terra de Moab, conforme a palavra de lahweh. E ele o sepultou no vale, na terra de Moab, defronte a Bet-Fegor; e até hoje ninguém sabe onde é a sua sepultura. (Dt 34,1-6).

Moisés labutou quarenta anos, desde a saída do Egito, e agora, finalmente, pode admirar, do alto do monte Nebo, a terra prometida que motivou todo o caminho. Fica somente o pequeno rio Jordão entre ele e a conquista definitiva de toda sua labuta. Mas, justamente ali, pertinho da terra prometida, ainda no vigor da sua inteligência e das suas forças físicas, Moisés morre “conforme a palavra de lahweh”, por obediência, e não entra na famosa terra prometida.

O encontro definitivo com a Verdade não pode acontecer em nenhuma terra prometida, histórica ou geograficamente determinada, mas realiza-se na obediência à palavra do Mistério, quando nos dará de presente um ingresso para a verdadeira terra prometida, onde poderemos dialogar face a face com a

Verdade. Na realidade, a morte de Moisés a um passo da terra prometida não é um castigo, mas sim um reconhecimento muito especial de sua grandeza, que é destaca pelo texto bíblico quando diz que ele foi sepultado no vale, mas que ninguém, até hoje, sabe onde está seu túmulo. Um homem que nem Moisés, capaz de um relacionamento tão profundo com o Mistério e que conduziu seu povo no caminho deste Mistério, não podia se satisfazer com pouco demais, com um pedaço de terra, que, está certo, é a "terra prometida", mas continua sendo algo histórico, limitado. Por isso, não existe túmulo nem monumento na terra de Moab para quem não podia se satisfazer somente com a conquista desta terra. A verdadeira terra prometida é algo mais e é aquela que Moisés merece. Esta morte de Moisés nos mostra um Mistério que nos convida a relativizar qualquer realização histórica da salvação a algo mais, que é sempre maior do que qualquer forma de realização humana, religiosa ou profana, historicamente constituída. Aquele que vive uma espiritualidade mosaica nunca vai poder se considerar totalmente satisfeito com nenhuma realização humana, com nenhuma 'terra' historicamente conquistada. Entrar e tomar posse desta terra se tornaria uma banalização de toda sua busca. Significaria interromper o caminho rumo à totalidade da Verdade, desperdiçando, assim, a possibilidade de estar no cume do monte no momento em que chegará o convite para entrar em outra terra prometida: aquela em que, finalmente, conheceremos o Mistério assim como o Mistério desde sempre nos conhece.

Enfim, o Mistério experimentado e testemunhado por Moisés é um fogo que queima e não consome; que sente, que escuta, que vê, que está aqui para libertar; que pode ser visto somente pelas costas; que suscita e valoriza a contribuição de todos, independentemente de onde vier; que relativiza qualquer realização

histórica a algo mais importante. E este é o Mistério em volta do qual se constitui a experiência do povo de Israel.

A espiritualidade do Exílio

O povo de Israel, porém, não consegue conviver com o Mistério sem tentar sequestrá-lo. Neste sentido, é particularmente significativo o texto do bezerro de ouro.

Quando o povo viu que Moisés tardava em descer da montanha, congregou-se em torno de Aarão e lhe disse: "Vamos, faze-nos um deus que vá à nossa frente, porque a esse Moisés, a esse homem que nos fez subir da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu." (Ex 32,1).

Aparece aqui a exigência de um Mistério que possa ser visto, tocado, colocado onde nós quisermos, deslocando-o quando e como quisermos. Trata-se da tentação de sempre. É paradigmático este bezerro de ouro que se situa no contexto da experiência sucessiva do povo de Israel, quando, já estabelecido na terra prometida, corria o risco desta idolatria com os bezerros das religiões com que convivia. Esta representação do bezerro de ouro, portanto, resume um pouco toda a atitude idolátrica de Israel, consistente na tentativa de reduzir o Mistério à nossa medida, ao nosso dispor.

É o que dirá Jeremias, com uma imagem muito simpática: "Porque meu povo cometeu dois crimes: Eles me abandonaram, a fonte de água viva, para cavar para si cisternas, cisternas furadas, que não podem conter água" (Jr. 2,13). Mas por que abandonar a fonte de água fresca e saudável, para construir cisternas rachadas,

onde a água apodrece? Porque a cisterna é para nós muito mais segura que a fonte. O poço poderá até ter água fedorenta, poderá ser rachado, porém eu estou no controle. A água da fonte é melhor, claramente, mas irá jorrar até quando? E se acabar? Eu não sei até quando ela irá jorrar! Posso só confiar que ela continue jorrando; mas, e se parar?! Então, é melhor cavar o próprio pequeno poço, até rachado e fedorento, mas, de qualquer forma, sob o meu controle.

Custa ficar no Mistério. Custa não tentar tomar posse dele, não querer controlá-lo e reduzi-lo à nossa medida. E assim acontece também com o povo de Israel. Poderíamos dizer que isso acontece justamente porque esqueceu a visão que Moisés tinha do Mistério. Esqueceu as características deste Mistério e se deixou desviar, de forma um pouco infantil, pela experiência de povo eleito. Considerou como absoluta esta experiência e caiu na armadilha do medo que leva a querer sequestrar o Mistério. Esta tentativa se manifesta também em outras modalidades mais sofisticadas, como, por exemplo, absolutizando a lei e o Templo. Frente a esta realidade do povo de Israel, o Mistério oferece outra chance, para recuperar a missão universalista da salvação confiada a este povo. Pode até parecer esquisito, mas esta chance foi o exílio da Babilônia.

O que é que acontece com o exílio? Um povo, com sua identidade bem definida, improvisamente encontra-se arrastado, deportado e perdido dentro de uma babilônia de tradições, culturas e religiões totalmente diferentes. E ali caem todas as seguranças que tinha enquanto povo: o Templo é destruído e, junto com o Templo, cai toda a construção social estruturada em torno da religião, que organizava e definia a identidade deste povo. Mas, na Babilônia, neste exílio onde caem todas

as seguranças, permanece o essencial, para quem sabe descobri-lo. Fica a descoberta de que o Mistério acompanha seu povo também na Babilônia, vai para o exílio com ele. Podemos ver isso no profeta Ezequiel, por exemplo, quando narra a saída da Glória de Deus do Santuário e, sucessivamente, de Jerusalém, para acompanhar sua gente na experiência do exílio (Ez 10,18-11.25). Também na Babilônia o Mistério está presente e próximo, e se descobre que é de todos e para todos, não somente de Israel e para Israel.

Sobretudo o segundo e o terceiro Isaías são os grandes profetas que recuperam a vocação universalista de Israel, através da imagem do servo de Jahve. Por exemplo:

Pouca coisa é que sejas o meu servo para restaurares as tribos de Jacó e reconduzires os sobreviventes de Israel. Também te estabeleci como luz das nações, a fim de que a minha salvação chegue até as extremidades da terra. (Is 49,6).

Mas, se ele oferece a sua vida como sacrifício pelo pecado, certamente verá uma descendência, prolongará os seus dias, e por meio dele o designio de Deus há de triunfar. Após o trabalho fatigante da sua alma ele verá a luz e se fartará. Pelo seu conhecimento, o justo, meu Servo, justificará a muitos e levará sobre si as suas transgressões. (Is 53,10-11).

'Muitos' aqui indica a universalidade, toda a humanidade. A vocação do servo de Jahve tem como finalidade todo o mundo. E é justamente no exílio que se redescobre esta universalidade.

Sobretudo o terceiro Isaías, aquele que vai do capítulo 56 ao capítulo 66, profeta que vive no exílio, apresenta fortemente este universalismo.

E quanto aos estrangeiros que se entregaram a lahweh para servi-lo, sim, para amar o nome de lahweh e tornarem-se servos seus, a saber, todos os que se abstêm de profanar o sábadado e que se mantêm fiéis à minha aliança, trá-los-ei ao meu monte santo e os cobrirei de alegria na minha casa de oração. Os seus holocaustos e os seus sacrificios serão bem aceitos no meu altar. Com efeito, a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos (Is. 56,6-7).

Vejam que interessante: “Os seus holocaustos e os seus sacrificios serão bem aceitos no meu altar”. Holocaustos e sacrificios que não têm nada a ver com os de Israel. Os holocaustos ‘deles’, os sacrificios ‘deles’, o jeito de rezar ‘deles’: tudo isso será bem aceito no ‘meu’ altar, porque o meu templo será casa de oração para todos os povos. Em todo o capítulo 56 e em todo o terceiro Isaías volta, continuamente, esta visão universalista surpreendente no contexto cultural de Israel, porque Israel era muito fechado. “Eu virei, a fim de reunir todas as nações e línguas; elas virão e verão a minha glória” (Is 66,18). Essa é a missão universalista a que a experiência espiritual de Moisés, e ainda antes aquela de Abraão, tinha convocado o povo de Israel. No exílio, recupera-se a consciência desta missão, através daqueles homens de grande espiritualidade que são os profetas.

Para além do Templo

Neste contexto, torna-se particularmente significativa a questão do templo. Conforme a visão institucional, o templo representava toda a realidade de Israel, portanto, o templo destruído significava a destruição do documento de identidade

religiosa do povo. Reconstruir o templo significava reconstruir uma identidade, inclusive cultural, além de cultural e litúrgica, que, para determinadas pessoas, indicava segurança e controle do Mistério.

O que diz o profeta Isaías a propósito do templo?

Assim diz Iahweh: O céu é o meu trono, e a terra o escabelo dos meus pés. Que casa me haveis de fazer, que lugar, para o meu repouso? Tudo isto foi a minha mão que fez, tudo isto me pertence, oráculo de Iahweh! Eis para que estão voltados os meus olhos, para o pobre e para o abatido, para aquele que treme diante da minha palavra (Is 66,1-2).

Quase a dizer: não estou interessado no templo, porque o céu é meu trono e a terra o apoio dos meus pés. Eu posso dirigir meu olhar, independentemente de um lugar concreto, para o humilde, para quem tem o coração arrependido, para quem leva a sério minha palavra, e não para

O que mata um boi ou fere um homem, o que sacrifica um cordeiro ou destronca o pescoço de um cão, o que oferece uma oblação — isto é, sangue de porco —, o que apresenta incenso como um memorial, o que bendiz um ídolo, todos eles escolheram os seus próprios caminhos; sua alma se deleitou nas suas abominações!" (Is 66,3).

Não adianta construir o templo, professar uma religião, executar todos seus rituais, para depois viver de forma errada. Tudo isso é declarado, claramente, também no capítulo 58, quando se fala do jejum que não pode ser simplesmente uma prática religiosa, mas que consiste "em romper os grilhões da iniquidade,

em soltar as ataduras do jugo e pôr em liberdade os oprimidos e despedaçar todo o jugo" (v.6). E termina com estas palavras: "Os teus escombros antigos serão reconstruídos; reerguerás os alicerces dos tempos passados e serás chamado Reparador de brechas, Restaurador de estradas, para que se possa habitar" (v. 12). Isto é: deixem para lá o templo. Ao invés disso, restaurem as casas em ruína para poder habitá-las, se precisar. Isso é o que eu quero: que vocês morem em casas decentes, que restaurem aquelas que precisam ser restauradas, em todos os sentidos. É esta a construção que me interessa.

Essa é a espiritualidade não religiosa que o exílio desperta em grandes homens como Ezequiel, Jeremias, Isaías...! Aquele que mais avança nesta perspectiva é Isaías, mas a espiritualidade de todos os profetas é sempre uma espiritualidade capaz de redescobrir esta dimensão do Mistério, convidando a permanecer no seu seio para vencer o medo, reconstruir a unidade e não trair o universalismo da missão.

Mas o que foi que aconteceu? Na história do povo de Israel, exiliado na Babilônia, prevaleceu a corrente religiosa-institucional, representada pelas pessoas que contavam: por Esdras, Neemias, Zorobabel. Todas pessoas de sucesso, com dinheiro e poder. Os pobres não se importavam muito com a reconstrução do templo. São as pessoas envolvidas com o poder que reconstróem o templo, com a ajuda dos poderosos, inclusive do próprio rei da Babilônia. No fim das contas, os poderosos veem com bons olhos que o templo seja reconstruído, como um lugar onde poderão isolar e prender o Mistério e todos os religiosos que acham que aquilo que é considerado sagrado deve ficar separado daquilo que é considerado profano. Trata-se de uma maneira de controlar uma realidade, que poderia incomodar

muito os interesses deles. Portanto, ajudam até na reconstrução do templo, sem problema.

Encontramos um bom exemplo desta concordata entre o poder e a religião no documento que o rei Artaxerxes entrega ao sacerdote Esdras, na hora de enviá-lo a Jerusalém. O rei da Babilônia tinha grande apreço por Esdras, talvez porque "Esdras tinha aplicado seu coração a perscrutar a Lei de Iahweh, a praticar e ensinar, em Israel, os estatutos e as normas." (Esd. 7,10). Observem que aqui se fala em lei, em estatutos e normas, sem nenhuma referência à espiritualidade, como também na saudação inicial do documento régio: "Artaxerxes, o rei dos reis, ao sacerdote Esdras, Secretário da Lei do Deus do céu, paz completa." Este documento é amplo e não quero retomá-lo aqui integralmente, mas convido a lê-lo no livro de Esdras 7,12-26, prestando atenção a quantas vezes se fala em lei, em prata e ouro, em oferendas e utensílios para o culto. Neste documento concordatário encontramos também o princípio da isenção tributária para o pessoal do templo: "Nós vos fazemos saber, também, que fica proibido cobrar imposto, contribuição ou direito de passagem de todos os sacerdotes, levitas, cantores, porteiros, 'doados', numa palavra, de todos os servos desta casa de Deus'" (v.24). E o agradecimento de Esdras por este documento régio é o seguinte:

Bendito seja Iahweh, o Deus de nossos pais, que inspirou assim ao coração do rei o desejo de honrar o Templo de Iahweh em Jerusalém, e que me fez obter o favor do rei, de seus conselheiros e de todos os funcionários mais poderosos do rei. (Esd. 7,27s).

Artaxerxes, seus conselheiros e todos os poderosos príncipes do rei deviam estar muito satisfeitos que a casa do Senhor fosse reconstruída e confinada no espaço religioso de Jerusalém. Assim, reconstruir o templo significava algo totalmente diferente daquilo que era esperado e anunciado pelo profeta Isaías; significava aquilo que acontece depois, no pós-exílio.

O pós-exílio é um período muito sombrio da história de Israel. São mais ou menos 400 anos, durante os quais a própria Bíblia diz que a profecia tinha sumido. Não existiam mais profetas em Israel. (Cfr 1Mc 9,27). E o que é que se sobressai? O sacerdócio e todo o aparato religioso reestruturado ao redor do templo, onde se pretende guardar o Mistério. Florescem os escribas e os fariseus, que sabemos quanto tiravam Jesus do sério. Este é o período do pós-exílio: ganhou a corrente religiosa-cultural. Foi reconstruído o templo, com a ajuda dos poderosos, e o 'sacerdócio' suplantou a profecia. O Mistério ficou preso no Templo e na Lei, até que "O povo que andava nas trevas viu uma grande luz" (Is 9,1).

II

O rosto humano do mistério

Meu coração diz a teu respeito:

"Procura sua face!"

É tua face, lahweh, que eu procuro,

Não me escondas a tua face.

Salmo 27, 8-9

Quando falamos em uma espiritualidade não religiosa, que se abre à acolhida do Mistério da vida e do mundo, nos deparamos com um paradoxo que desafia nossa racionalidade: a ideia cristã da encarnação. Escrevia S. João Paulo II na encíclica *Fides et Ratio*:

O mistério da Encarnação permanecerá sempre o centro de referência para se poder compreender o enigma da existência humana, do mundo criado, e mesmo de Deus. A filosofia encontra, neste mistério, os desafios extremos, porque a razão é chamada a assumir uma lógica que destrói as barreiras onde ela mesma corre o risco de se fechar. Somente aqui, porém, o sentido da existência alcança o seu ponto culminante¹⁴.

A encarnação do divino, do Mistério, nos propõe uma lógica absolutamente surpreendente, segundo a qual o divino não está em oposição ao humano, o imortal não está em oposição ao mortal, a perfeição não é o oposto da imperfeição e, enfim, o sagrado não está em oposição ao profano. Tudo isso está unificado e nos ajuda a entender "o enigma da existência humana, do mundo criado, e mesmo de Deus" e modifica radicalmente a ideia religiosa de religião, quando o Mistério vem ao nosso encontro e se propõe à nossa espiritualidade com rosto humano. Mas, poderíamos pensar, desde que o Mistério se

14 João Paulo II, Carta Encíclica "*Fides et Ratio*", n.80. (14 de setembro de 1998)

encarna, não é mais um Mistério! Esta objeção poderia até ter um sentido numa lógica religiosa, mas, para uma espiritualidade não religiosa, o Mistério encarnado continua sendo Mistério a todo direito, com a única e importante diferença que, em forma humana, pode nos oferecer uma chave interpretativa decisiva, não somente do Mistério divino, mas também do mistério que somos nós: o enigma da existência humana e do mundo criado. É nesta perspectiva que vamos falar de Jesus, propondo uma reflexão sobre a narração das tentações.

Entre o não-mais e o ainda-não

A narração das tentações de Jesus aparece no início dos evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) e se apresenta como uma narração que, para além do seu caráter histórico, está preocupada, sobretudo, em apresentar, num único texto bem articulado, aquilo que encontramos depois diluído em toda a vida pública de Jesus. Levando a sério a humanidade de Jesus, os evangelhos nos mostram diversas situações em que Ele precisou fazer escolhas nem sempre fáceis, para procurar ser fiel a si mesmo, sendo fiel à missão que percebia ter recebido do Mistério supremo. Neste sentido, precisamos entender a palavra 'tentação' como a dificuldade que sempre nos acompanha quando temos de fazer escolhas, das quais depende o sentido (a direção) que daremos à nossa vida. Assim, quando dizemos que Jesus teve de encarar a tentação de uma solução milagrosa dos problemas, ou aquela de um messianismo político populista, estamos dizendo que Ele precisou fazer uma escolha de vida frente a várias possibilidades que se lhe apresentavam, procurando entender o Mistério como um Pai, em quem podemos confiar incondicionalmente.

As propostas tentadoras se apresentam de várias formas e através de diferentes atores, durante a vida pública de Jesus. Alguns exemplos: Quando Pedro tenta convencê-lo a evitar o perigo que corria indo para Jerusalém, Jesus lhe diz: "Afasta-te de mim, Satanás! Tu me serves de pedra de tropeço, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens!" (Mt 16, 23). Pouco acima, em relação a como considerar a relação com o divino, tinha colocado em alerta contra a visão religiosa farisaica: "Cuidado, acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus" (Mt 16,6). Às vezes, é o sucesso populista que se torna sedutor, como naquele dia, em Cafarnaum, quando cura muitas pessoas acometidas de várias doenças. No dia seguinte, levanta de madrugada e se retira num lugar deserto para rezar e entender melhor qual seria a sua missão. Quando os discípulos o encontram, perguntam: o que está fazendo aqui? Todo mundo está a sua procura! Você ficou famoso e pode fazer sucesso em Cafarnaum! Mas Jesus responde: vamos para outros vilarejos, porque eu estou aqui não para fazer sucesso com curas milagrosas, mas para pregar, isto é ajudar as pessoas a encontrar um sentido na vida, até sem resolver todos os problemas. (Cfr. Mc 1,32-39). A mesma coisa acontece em ocasião da multiplicação dos pães, conforme a narração do evangelista João:

Vendo o sinal que ele fizera, aqueles homens exclamavam: "Esse é, verdadeiramente, o profeta que deve vir ao mundo!" Jesus, porém, sabendo que viriam buscá-lo para fazê-lo rei, refugiou-se de novo, sozinho, na montanha. (Jo 6,14-15).

A narração das tentações de Jesus no deserto sintetiza e representa simbolicamente todas as circunstâncias da sua vida, nas quais Ele se encontrou na necessidade de fazer escolhas importantes para sua vida e sua missão.

Lucas, no início da sua narração das tentações, nos diz que Jesus "era conduzido pelo Espírito através do deserto". Acredito que esta frase nos oferece uma imagem muito expressiva do enigma da existência humana, iluminada pelo Mistério da encarnação. Dizer que Jesus é conduzido pelo Espírito no deserto equivale a dizer que nossa condição humana é um caminho no deserto. A vida humana é um caminho entre o não-mais e o ainda-não. Considerando o deserto de um ponto de vista geográfico, como também de um ponto de vista psicológico, podemos entender o que isso significa. Geograficamente, o deserto bíblico é o espaço que se situa entre o Egito, terra da escravidão, e a Palestina, terra da libertação, terra prometida. O povo que caminha no deserto, e no deserto se constitui como povo de Deus, é um povo que caminha entre o não-mais do Egito, onde era escravo, porém tinha o que comer, e o ainda-não da terra prometida, onde corre leite e mel. E este é um lugar de caminho difícil e de perigosas seduções.

Psicologicamente, podemos dizer que a vida humana é um caminho entre o não-mais da segurança do ventre materno, ou daquele mais amplo seio da vida de onde todos brotamos, e o ainda-não daquele novo ventre que nos acolherá no final e que chamamos de eternidade, plenitude, absoluto... A vida humana é um caminho entre estas duas realidades. Não podemos fugir da nossa condição de peregrinos no deserto, peregrinos dentro de uma realidade que se encontra sempre marcada pelo limite. Então, uma vida que queira ser vivida como um caminho de

libertação não pode se satisfazer com pouco demais. E, não se satisfazendo com pouco demais, sempre terá saudade de uma plenitude que nunca alcançará completamente. Esta é a situação de deserto, entre o não-mais da segurança que podíamos ter no início e o ainda-não de uma plenitude a que nos sentimos chamados, mas que nunca será totalmente experimentada.

Por isso, o deserto é o lugar da tentação, da dificuldade de fazer escolhas certas, que nasce da insegurança e do medo que essa situação existencial pode provocar. O Mistério, do momento da sua encarnação, 'é conduzido no deserto' e participa dos nossos medos e dificuldades, mostrando como podemos encará-los. A narração das tentações, que se encontra no início dos evangelhos sinóticos, mostra, de fato, como o Mistério leva verdadeiramente a sério nossa realidade, incarnando-se e participando destas nossas dificuldades. Dificuldades características do deserto, isto é, de quem vive em condições limites, de insegurança e, portanto, também de medo.

Temos que aprender a levar a sério a encarnação e lembrar que Jesus é verdadeiramente homem e, como tal, sujeito a toda aquela insegurança, a toda aquela dramaticidade, que podemos colocar na palavra tentação. Ele também foi tentado, e de verdade, não de mentirinha. Não representou um teatro. Seria uma encenação, que não podemos absolutamente atribuir ao Mistério. Jesus Cristo precisou realmente se interrogar sobre qual rumo dar à própria vida, sobre as escolhas a fazer; precisou realmente lutar para se entregar e sondar um Mistério que, para ele, também permanecia Mistério. Jesus precisou ter fé, enquanto homem. Talvez não consigamos entender como, mas não podemos esquecer que Jesus Cristo não era alguém que tivesse tudo claro, que já tivesse resolvido tudo e que já soubesse

tudo a respeito da sua vida. Jesus Cristo, enquanto verdadeiro homem, precisou ter fé e quem precisa ter fé ainda não tem a evidência de tudo. A Bíblia diz isso, falando de Jesus como “autor e realizador da fé” (Hb 12,2).

Aquele que nos precedeu nas dificuldades deste caminho no deserto foi submetido a essas tentações do deserto e, mostrando como podemos vencê-las, torna-se nosso Salvador. Percorreu o mesmo caminho nosso, sem nenhum desconto, sobretudo no final. Os ‘descontos’ dele aparecem antes, com aqueles milagres que Ele pôde fazer e que nós, pelo menos daquele jeito, nem sempre conseguimos fazer, embora possamos realizá-los de outro jeito. Mas, sobretudo no final, Jesus não gozou de nenhum desconto em relação à nossa condição de peregrinos no deserto e, justamente para ser nosso Salvador, partilhou em tudo, até o fim, também o medo, a incerteza, a insegurança frente a escolhas vitalmente decisivas. Sofreu, lutou, suou sangue frente a estas dificuldades. Venceu e nos mostrou como nós também podemos vencer. Para não perder a riqueza da declaração de que Jesus é nosso Salvador, precisamos recuperar o sentido não religioso desta expressão, bem representado na narração das tentações: Ele nos salva mostrando como podemos viver e morrer bem, e nos doando a força interior, o espírito certo, para conseguir viver e morrer como Ele viveu e morreu.

Se és Filho de Deus

São três, conforme o texto evangélico, as tentações que incluem todas as outras. Tentações que, de várias formas, acompanham nossa vida e que nascem do medo. O medo nos en-

gana terrivelmente, por isso é importante procurar superar o medo, porque é do medo que se originam todas as tentações, com as relativas complicações para a nossa vida.

Primeira tentação:

Jesus, pleno do Espírito Santo, voltou do Jordão; era conduzido pelo Espírito através do deserto durante quarenta dias e tentado pelo diabo. Nada comeu nesses dias e, passado esse tempo, teve fome. Disse-lhe, então, o diabo: "Se és filho de Deus, manda que esta pedra se transforme em pão". Replicou-lhe Jesus: "Está escrito: Não só de pão vive o homem" (Lc 4,1-4).

Antes de considerar diretamente esta tentação, vamos logo esclarecer que estamos lidando com uma pessoa que desenvolveu uma forte experiência do Mistério, uma forte experiência espiritual. Não se trata de uma pessoa fraca, que não rezava o suficiente e, portanto, era tentado. Não! Jesus acabara de ter uma experiência única e especial do Mistério, que nos é apresentada em Lucas 3,21-22:

Ora, tendo todo o povo recebido o batismo, e no momento em que Jesus, também batizado, achava-se em oração, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corporal, como pomba. E do céu veio uma voz: 'Tu és o meu Filho; eu, hoje, te gerei!'.

Esta é uma experiência decisiva na vida de Jesus. Podemos perceber seu crescimento na fé já naquele texto d'Ele entre os doutores no templo: Jesus era um rapazinho muito esperto e muito sensível a tudo aquilo que, também religiosamente, a família, o povo, o seu contexto vital, lhe transmitia. Muito bem. Este Jesus,

depois de todo o caminho no recolhimento de Nazareth, amadurece uma compreensão, uma autoconsciência de ser Filho do Mistério, tão forte, tão determinante, que orienta de forma decisiva toda a sua vida. O momento forte desta autoconsciência encontramos nesta passagem do Batismo de Jesus. Este é o momento em que Ele, de modo fulgurante, através de uma experiência fortíssima do Mistério, percebe esta realidade: Eu sou Filho de Deus!

Uma experiência que, podemos pensar, deveria imediatamente ajudá-lo a superar todas as tentações. Mas não é bem assim. Apesar desta forte experiência do Mistério como um Pai, o deserto é sempre difícil de ser encarado. Quarenta dias é um período de tempo simbólico, mas comprido: a vida é comprida, às vezes, monótona. Temos vivido um pouco disso durante a pandemia. O tempo passa em uma situação de deserto, de limite, às vezes de insatisfação e insegurança. O medo de não conseguir 'se salvar' faz aparecer a tentação, também em quem tem uma forte experiência espiritual. Aliás, esta tentação pode até se basear na convicção manifestada, no texto evangélico, através das palavras: "Se és Filho de Deus"; justamente porque está convencido de ser Filho de Deus, não deveria acontecer isso. Se o Mistério é Pai, não deveria deixar você passar fome. "Se és filho de Deus, manda que esta pedra se transforme em pão". A tentação é a de transformar as coisas materiais em pão para os nossos dentes, em algo de que possamos tomar posse. Lembram o capítulo terceiro do Gênesis? Deus nos dá algo como presente e nós o queremos comer, queremos tomar posse. Ora, esta tentação tem sua resposta em Deuteronômio 8,2-3. É interessante observar como, de fato, Jesus tem procurado entender o Mistério da sua vida, recorrendo ao conhecimento

bíblico que tinha. E parece, também, que ele gostava muito do livro do Deuteronômio, porque todas as respostas às tentações são tiradas justamente do Deuteronômio, que é um livro de uma espiritualidade muito bonita e profunda, considerando a época em que foi escrito.

As palavras de Deuteronômio 8,2-3 aparecem na boca de Moisés:

Lembre-te de todo o caminho que Iahweh teu Deus te fez percorrer durante quarenta anos no deserto [...] Ele te humilhou, fez com que sentisses fome e te alimentou com o maná que nem tu nem teus pais conheciam, para te mostrar que o homem não vive apenas de pão.

Esta passagem do Deuteronômio nos envia ao texto do maná de Êxodo 16. Em Êxodo 16,35 lemos que o povo de Israel comeu o maná durante todo o tempo que permaneceu no deserto. Isto é, conforme Êxodo, o maná é o alimento dos quarenta anos em que se caminha no deserto. Respondendo à sedução de fazer com que as pedras se tornem pão, Jesus diz: não, o alimento do deserto é o maná, não as pedras que eu poderia fazer minhas, transformando-as em alimento para minha sobrevivência.

O alimento do deserto

Quais as características deste alimento? Antes de mais nada, é um alimento que vem do Mistério. Aquilo que pode nos livrar do medo de não sobreviver, de fracassar, é algo que nos é oferecido como presente. Não somos donos, somos somente administradores dos bens materiais. O maná nos lembra disso.

Em segundo lugar, o maná é um presente do Mistério para todos. É para todos e tem bastante para todos. Se alguém o quiser acumular, apodrece. "Moisés disse-lhe: 'Ninguém guarde para a manhã seguinte'. Mas eles não deram ouvidos a Moisés, e alguns guardaram para o dia seguinte; porém deu vermes e cheirava mal" (Ex 16,19). Somente aquilo que se guarda para o sábado não apodrece. Podemos, sim, guardar algo para o sábado da vida e aquele algo não apodrecerá. O que for a mais vai apodrecer. O fedor daquilo que, hoje, acumulamos egoisticamente está em toda parte e sabemos quantos nomes pode ter este fedor.

O maná é o alimento que responde à tentação de 'comer' as coisas, de tomar posse, de forma insaciável, de tudo aquilo que nos rodeia, transformando as pedras em pão. E pedras não faltam ao nosso redor, portanto, entrando nessa lógica, nunca se acaba de querer transformá-las em alimento para nossa vida.

Como hoje podemos continuar a nos alimentar com o maná? Vamos voltar ao evangelho de Lucas, que nos diz: podemos continuar a nos alimentar deste maná através da partilha. Lucas 9,12-17 é a narração da multiplicação dos pães, que seria mais indicado chamar da partilha dos pães. Lucas nos apresenta o fato de forma sintética, mas muito bonita. Tem somente cinco pães e dois peixes, para uma multidão de pessoas; o que fazer? Jesus,

Tomando os cinco pães e os dois peixes, ele elevou os olhos para o céu, os abençoou, partiu-os e deu aos discípulos para que os distribuíssem à multidão. Todos comeram e ficaram saciados, e foi recolhido o que sobrou dos pedaços: doze cestos!. (Lc 9,16-17).

Mais uma vez, Jesus não opera milagres de forma mágica. Aproveita do que tem à disposição, convida a partilhá-lo e mostra que é suficiente para todos e até sobra. É muito importante, enquanto cristãos, superar a sedução da posse dos bens materiais: "não vos inquieteis! Pois são os gentios deste mundo que estão à procura de tudo isso: vosso Pai sabe que tendes necessidade disso" (Lc 12,29-30). Onde se fundamenta a possibilidade de não ficar ansiosos, de não nos inquietar? No fato de saber que o Pai nosso "sabe". "Vosso Pai sabe que tendes necessidade disso". Então, não se preocupem, não fiquem com medo!

No evangelho de Lucas, encontramos uma passagem onde se lê: aproveite dos bens que tens para fazer amigos. Se tens bens materiais não precisa jogá-los fora, mas usá-los de forma a fazer amigos para o céu, isto é partilhá-los. Pobreza é partilha. Sem se incomodar que os fariseus da religião capitalista riem de nós, como os fariseus da religião judaica riam de Jesus: "Os fariseus, amigos do dinheiro, ouviam tudo isso e zombavam dele" (Lc 16,14). 'Coitado, não sabe como é a vida!' Nós também podemos escutar as mesmas coisas, quando falamos em solidariedade, em partilha... Podemos ser objeto de chacotas por parte daqueles que sustentam que o mercado pode funcionar somente de um determinado jeito, etc... Não precisa se preocupar, se desestabilizar, convencidos de que, se a formiga soubesse partilhar um pouco com a cigarra, não só materialmente mas também culturalmente, teria tudo a ganhar em qualidade de vida e, com certeza, em menos neurose e menos medo.

O poder da misericórdia

Segunda tentação:

O diabo, levando-o para mais alto, mostrou-lhe num instante todos os reinos da terra e disse-lhe: "Eu te darei todo este poder com a glória destes reinos, porque ela me foi entregue e eu a dou a quem eu quiser. Por isso, se te prostrares diante de mim, toda ela será tua". Replicou-lhe Jesus: "Está escrito: Adorarás ao Senhor teu Deus, e só a ele prestarás culto" (Lc 4,5-8).

A segunda tentação, que inclui muitas outras, vem do medo de não ter sucesso na vida; de não ter poder, que, no fim das contas, dá no mesmo. Então, podemos pensar em superar este medo exercendo um poder diabólico sobre os outros, isto é um poder que somente o diabo pode nos conceder, se estivermos dispostos a lhe vender a alma.

A resposta à tentação nos envia novamente ao Deuteronômio: "Não te esqueças de lahweh, que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão! É a lahweh teu Deus que temerás. A ele servirás e pelo seu nome jurarás" (Dt 6,12-13). Lucas retoma e reelabora este versículo: "Não te esqueças de lahweh, que te fez sair da terra do Egito e adoras somente Ele. Não te esqueças de como Deus se comportou para contigo (te tirou da escravidão) e fazes o mesmo para com os outros". (Cf. o bom Samaritano – Lc 10,30-37). Se quiser ser feliz, não esqueça como o Mistério age e faz o mesmo.

Como é que o Mistério age? Poderíamos dizer muitas coisas, mas vamos aqui retomar somente a conhecida parábola do Filho Pródigo, de Lucas 15, onde aparece uma imagem do Mistério

muito interessante, além da imagem de como nós podemos reagir frente a este comportamento do Mistério. O Mistério é um Pai que ama, mas sem a pretensão de escravizar, aceitando o risco da liberdade alheia, aceitando que o filho vá embora. O filho mais novo quer a sua parte de herança e o Pai a entrega. Ama, aceitando o risco da liberdade do filho, e, depois, sabe perdoar e festejar.

Alguém observou que, nesta parábola, não aparece a figura da mãe. Talvez a indicar que o Mistério é, ao mesmo tempo, Pai e Mãe. E podemos dizer que, nesta parábola, se apresenta mais como mãe do que como pai. A mãe tem um amor de misericórdia incrível. E a misericórdia é justamente o segredo e a modalidade do amor do Mistério no deserto da vida. O Mistério experimenta a misericórdia assumindo a nossa condição humana, porque é na condição humana que se deve usar misericórdia. E a misericórdia é feminina. O amor materno é aquele que manifesta, de forma mais profunda, esta realidade da misericórdia, porque o amor paterno, como lembrava E. Fromm¹⁵, é um amor exigente também, um amor que põe condições. O amor materno, ao invés, é um amor incondicional, um amor que sempre acolhe, perdoa, recupera com uma paciência infinita: um amor extraordinário.

É assim que o Mistério age: respeita a liberdade, aceita o risco da liberdade e das rejeições que dela podem derivar, e, depois, comovido, corre ao encontro do filho que volta para casa e faz festa para ele. Podemos imaginar como este filho, de volta à sua casa, deve ter sido conquistado e transformado pela misericórdia deste Pai!

15 FROMM, Erich. *A arte de amar*. 2. ed. S. Paulo: Martins Fontes, 2015.

Trata-se de algo que o irmão mais velho não experimentou. Este irmão representa quem sempre viveu conforme a ética do dever: "Há tantos anos que eu te sirvo". Não diz: 'que eu estou contigo'. Diz: 'que eu te sirvo'. Ficou em casa, mas como servo, como escravo, não como filho. "Há tantos anos que eu te sirvo e jamais transgredi um só dos teus mandamentos". Eis aqui: "Sempre cumpri meu dever". Esta é a atitude de quem, na realidade, vegetou na sombra gélida do dever; nunca viveu no amor, portanto, não entende os outros. Não é capaz de misericórdia, porque não experimenta misericórdia. É um frustrado, alguém sempre preocupado em se comportar, mas que nunca aprendeu a amar. Quantos religiosos acostumados a se comportar, mas incapazes de amar!

Ao contrário, o Mistério encarnado em Jesus Cristo é o Mistério que quer que as pessoas vivam, que até errem, mas que, depois, entendam e vivam no amor, ao invés de vegetar no dever. Esta atitude dos dois irmãos podemos vê-la bem representada numa outra passagem de Lucas, onde se apresenta justamente como deve ser nossa atitude:

Eu, porém, vos digo a vós que me escutais: Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, bendizei os que vos amaldiçoam, orai por aqueles que vos difamam. A quem te ferir numa face, oferece a outra; a quem te arrebatou a capa, não recuses a túnica. Dá a quem te pedir e não reclames de quem tomar o que é teu. Como quereis que os outros vos façam, fazei também a eles. Se amais os que vos amam, que graça alcançais? Pois até mesmo os pecadores amam aqueles que os amam. E se fazeis o bem aos que vo-lo fazem, que graça alcançais? Até mesmo os pecadores agem assim! E se emprestais àqueles de quem esperais receber, que graça

alcançais? Até mesmo os pecadores emprestam aos pecadores para receberem o equivalente. Muito pelo contrário, amai vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem esperar coisa alguma em troca. Será grande a vossa recompensa, e sereis filhos do Altíssimo, pois ele é bom para com os ingratos e com os maus. Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso (Lc 6,27-36).

Quem pode fazer isso? Somente quem experimentou a acolhida misericordiosa, como aquele filho que saiu de casa. Somente quem experimentou na pele a misericórdia e se deu conta desta misericórdia. Por isso é importante entender que ninguém ficou em casa. Tem alguém achando que ficou em casa, mas, talvez, esteja mais longe do que quem, de fato, saiu. Não existe ninguém que não precise de misericórdia. Quando alguém não se percebe como destinatário de misericórdia, torna-se incapaz de misericórdia. Jesus diz: "Amai os vossos inimigos, fazei o bem...". Isto é, até frente à rejeição, precisamos oferecer o abraço, porque o amor, no deserto, pode manifestar-se somente na forma da misericórdia. E a misericórdia significa justamente acolhida de quem não nos acolhe, e não simplesmente resposta a quem nos faz o bem, porque "Será grande a vossa recompensa, e sereis filhos do Altíssimo...".

No sermão da montanha de Mateus, Jesus nos lembra que o Mistério não age com o critério do mérito. O Pai Celeste "faz nascer o sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos" (Mt 5,45). Não se pergunta quem merece o sol ou quem merece a chuva, mas sim quem precisa do sol e da chuva. O critério é o da necessidade, não o do mérito. Assim, todo mundo precisa de luz para iluminar o caminho e encontrar um sentido na vida, independentemente de merecer ou não.

Por isso, a luz está disponível para todos, gratuitamente. Pode acontecer que muitos, religiosos como não religiosos, não estejam interessados nesta luz, mas ela permanece à disposição de todos.

O princípio do nosso agir deve ser a necessidade do outro e não o mérito, caso contrário não tem saída. Quem se orienta pelo mérito, como o fariseu, raciocina de forma puramente mercadológica e não sabe amar. Lucas conclui: "Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso". Em Mateus lemos: "Deveis ser perfeitos como o vosso Pai Celeste é perfeito" (Mt 5,48). Para Lucas, ser perfeitos significa ser misericordiosos. E continua: "Não julgueis, para não serdes julgados; não condeneis, para não serdes condenados". Imaginem aquele filho que voltou para casa. Ele sim será capaz de não mais julgar, não mais condenar, depois da experiência vivida. "Perdoai, e vos será perdoado". Aquele filho, que voltou para casa, será capaz de fazer isso. "Dai, e vos será dado; será derramada no vosso regaço uma boa medida, calcada, sacudida, transbordante, pois com a medida com que medirdes sereis medidos também" (Cf. Lc 6,37-38).

Observem a diferença em relação à tentação que estamos considerando. "Eu te darei todo o poder", isto é: você pode exercitar um poder diabólico sobre os outros, ou pode se relacionar com os outros com misericórdia. Se você se relacionar misericordiosamente com os outros, como o Mistério faz para consigo, "será derramada no vosso regaço uma boa medida, calcada, sacudida, transbordante", isto é, terá em abundância aquilo que você procuraria, em vão, cedendo à tentação do poder diabólico de 'usar' o próximo. Mas para vencer a tentação do poder diabólico nos relacionamentos interpessoais, precisamos nos entregar ao Mistério da misericórdia.

O amigo e o pai

Terceira tentação:

Conduziu-o depois a Jerusalém, colocou-o sobre o pinnáculo do Templo e disse-lhe: "Se és Filho de Deus, atira-te para baixo, porque está escrito: Ele dará ordem a seus anjos a teu respeito, para que te guardem. E ainda: E eles te tomarão pelas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra". Mas Jesus lhe respondeu: "Foi dito: Não tentarás ao Senhor, teu Deus". (Lc 4,9-12).

A terceira tentação é a mais sutil e abrange um aspecto delicado, como é nosso relacionamento com o Mistério. Para esta tentação, Satanás aproveita até da Bíblia, citando o Salmo 91. O texto parece nos dizer: fiquem atentos porque a tentação pode vir até dos textos sagrado das religiões, isto é, de uma determinada interpretação destes textos sagrados. Esta tentação se origina no medo da indisponibilidade do Mistério, com a conseqüente tentativa de tomar posse dele, para colocá-lo a nosso serviço.

A resposta está em Deuteronômio 6,16, que envia a Êxodo 17,1-7. Em Deuteronômio 6,16 lemos: "Não tentareis a lahweh vosso Deus como o tentastes em Massa". O que tinha acontecido em Massa? O povo tinha protestado pela falta de água e a passagem que narra o acontecido conclui: "E deu àquele lugar o nome de Massa e Meriba, por causa da discussão dos filhos de Israel e porque colocaram lahweh à prova, dizendo: 'Está lahweh no meio de nós, ou não?'" (Ex 17,7). Se Ele estiver realmente no meio de nós, tem que resolver o problema da água. Esta é a tentação: ter a pretensão de colocar Deus a nosso serviço.

É interessante observar esta lógica da tentação em outro texto do Antigo Testamento, muito simpático. Trata-se do capítulo oitavo do livro de Judite. Judite era uma senhora respeitada da cidade de Betulia. Esta cidade estava sendo assediada e estava situada em uma posição estratégica, assim que, se entregando, teria aberto as portas para a invasão do país todo. Betulia estava sendo assediada já há vários dias; o povo estava com fome e se queixava, pedindo aos chefes que abrissem as portas e se entregassem, porque era preferível sobreviver como escravos a morrer de fome. Os chefes tinham dito ao povo para resistir mais cinco dias. Se Deus viesse em socorro nesses cinco dias, tudo bem, pelo contrário, teriam entregado a cidade. Judite, quando tomou conhecimento do que estava acontecendo, mandou chamar os chefes:

Quando vieram a ela, disse-lhes: "Ouvi-me, chefes dos habitantes de Betúlia. Não é correta a vossa palavra, a que dissestes hoje diante do povo, nem esse juramento que proferistes entre Deus e nós, dizendo que entregaríeis a cidade aos nossos inimigos se, neste prazo, o Senhor não vos trouxer socorro. Quem sois vós, que hoje tentais a Deus e vos colocais acima dele no meio dos filhos dos homens? Agora colocais à prova o Senhor Todo-poderoso! Jamais compreenderéis coisa alguma! Se não descobris o íntimo do coração do homem e não entendeis as razões do seu pensamento, como, então, penetrareis o Deus que fez essas coisas? Como conhecereis seu pensamento? Como compreenderéis o seu desígnio? Não, irmãos, não irriteis o Senhor, nosso Deus! Se ele não quer nos socorrer em cinco dias, ele tem poder para fazê-lo no tempo em que quiser, como também pode nos destruir diante dos nossos inimigos. Não hipotequeis, pois, os desígnios do Senhor nosso

Deus. Não se encurrala a Deus como um homem, nem se pode submetê-lo como a um filho de homem. Por isso, esperando pacientemente a salvação dele, invoquemo-lo em nosso socorro. Ele ouvirá a nossa voz, se for do seu agrado. (Jt 8,11-17).

Ele sabe o que fazer e Ele vai nos salvar se e quando quiser e, talvez, queira fazê-lo através de vocês. Em lugar de querer chantagear Deus, se mexam e façam o que compete a vocês, como fez Judite (Cf. Jt 9-13). Muitos religiosos consideram a oração como um momento em que se ajoelham para ensinar à divindade aquilo que deveria fazer, para que as coisas funcionem bem, e não como um momento em que se ajoelham para aprender o que eles deveriam fazer, para que as coisas funcionem bem.

Na resposta à esta tentação, Jesus apostou toda a sua vida. Afinal, podemos confiar ou não neste Mistério que está acima de nós, que nos envolve, que às vezes nos assusta? Considerando seu ensinamento, por exemplo em Lucas 11, Jesus nos apresenta o Mistério como um amigo que podemos tentar corromper com nossa insistência:

Quem dentre vós, se tiver um amigo e for procurá-lo no meio da noite, dizendo: 'Meu amigo, empresta-me três pães, porque chegou de viagem um dos meus amigos e nada tenho para lhe oferecer', e ele responder de dentro: 'Não me importunes; a porta já está fechada, e meus filhos e eu estamos na cama; não posso me levantar para dá-los a ti'; digo-vos, mesmo que não se levante para dá-los por ser amigo, levantar-se-á ao menos por causa da sua insistência, e lhe dará tudo aquilo de que precisa. (Lc 11,5-8).

Logo depois, porém, nos apresenta o Mistério como um Pai que sabe muito mais do que nós e que não podemos e não conseguiremos corromper: "Quem de vós, sendo pai, se o filho lhe pedir um peixe, em vez do peixe lhe dará uma serpente? Ou ainda, se pedir um ovo, lhe dará um escorpião?" Qual pai, se um filho pede uma cobra, pensando que está pedindo um peixe, lhe dará uma cobra? Não lhe dará! Se lhe pedir uma pedra, achando que está pedindo um pão, não lhe dará a pedra e sim o pão. Portanto, não tem jeito. "Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo aos que o pedirem!" (Cf. Lc 11,11-13).

Interessante: O Pai dará o Espírito Santo, isto é um Espírito de Filho, capaz de confiar nele, de entender que Ele é amor, até quando não concede aquilo que estamos pedindo. Este é resultado garantido de uma oração bem feita. Uma oração bem feita é aquela que, até no momento de pedir algo que muito nos interessa, acrescenta sempre: "Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita" (Lc 22,42). Porque reconhecemos que o Mistério, como um Pai, sabe qual é o nosso bem verdadeiro e, se confiarmos sinceramente na sua solicitude paterna, nossa oração já estará sendo atendida. O Espírito de Filho, nos lembra S. Paulo,

socorre a nossa fraqueza. Pois não sabemos o que pedir como convém; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis, e aquele que perscruta os corações sabe qual o desejo do Espírito; pois é segundo Deus que ele intercede pelos santos. (Rm 8,26-27).

A última tentação de Cristo

É sobretudo na sua paixão e morte que Jesus dá uma resposta decisiva, para ele e para nós também, àquela que poderíamos realmente considerar como a última tentação de Cristo. Em Lucas 22, como nos correspondentes textos sinóticos, encontramos Jesus no monte das Oliveiras.

Chegando ao lugar, disse-lhes: "Orai para não entrardes em tentação". E afastou-se deles mais ou menos a um tiro de pedra, e, dobrando os joelhos, orava: "Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita!" (Lc 22,40-42).

Este é um momento dramático, em que Jesus aposta verdadeiramente a própria vida, confiando e entregando-se ao Mistério de forma incondicional. Cabe observar que Marcos usa neste momento a palavra "Abbá". A única vez que a palavra Abbá, como apelido do Mistério supremo, é usada nos evangelhos é em Marcos 14,36, neste momento dramático. Justamente neste momento supremo, Jesus confirma sua entrega filial ao Mistério, chamando-o de 'Abbá' (painho). De agora em diante se entrega ao Pai que o salvará, se quiser. De agora em diante, Jesus não opera mais nenhum milagre, não concede mais nenhum privilégio à sua humanidade. Não faz mais nada que nós também não poderíamos fazer. Não faz mais nada para se defender. Decide se entregar incondicionalmente àquilo que o Pai quererá.

E a tentação alcança seu ápice na cruz. Vamos ler Mateus, cuja narração é particularmente incisiva:

Os transeuntes injuriavam-no, meneando a cabeça e dizendo: "Tu que destróis o Templo e em três dias o edificaes, salva-te a ti mesmo, se és Filho de Deus, e desce da cruz!" Do mesmo modo, também os chefes dos sacerdotes, juntamente com os escribas e anciãos, caçoavam dele: "A outros salvou, a si mesmo não pode salvar! Rei de Israel que és, que desça agora da cruz e creeremos nele!" (Mt 27,39-42).

Observem que tentação fortíssima, até somente, digamos assim, para uma boa causa. "Confiou em Deus: pois que o livre agora, se é que se interessa por ele!". Está em jogo a própria reputação de Deus! Qual motivo maior do que este para descer da cruz e salvar a reputação de Deus! "Já que ele disse: Eu sou filho de Deus!" (Mt 27,43). Que tentação terrível deve ter sido! Mas Jesus se entrega ao Mistério e permanece lá, apesar de, aparentemente, estar colocando em jogo a reputação de Deus e toda a credibilidade de uma vida e de uma mensagem.

Jesus permanece lá e, "tornando a dar um grande grito, entregou o espírito" (Mt 27,50). Este grito, com certeza, não foi muito compreensível, considerando a situação concreta em que se encontrava Jesus naquele momento; por isso os evangelistas interpretam este grito de formas diferentes. Mateus o traduz com o Salmo 22: "Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?". Lucas o traduz com o Salmo 31: "Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito". De qualquer jeito, trata-se do grito de quem se entrega até o fim ao Mistério e este grito contém tanto o "Deus meu, por que me abandonaste?" como o "em tuas mãos entrego o meu espírito". Apesar de tudo, o Mistério continua sendo um 'Deus meu' a quem pode continuar entregando a sua vida. Assim se entrega ao Mistério e morre.

O agora vai acontecer o quê? Na liturgia católica, existe o sábado santo, a-litúrgico, representando toda a criação segurando a respiração, na espera. As palavras e a vida de Jesus tinham anunciado a possibilidade de se entregar ao Mistério, como nos braços aconchegantes de um Pai, mas, no fim das contas, Ele também morreu. Então? "Nós esperávamos..." (Lc 24,21), mas parece não existir mais nenhuma esperança.

E, pelo contrário, acontece a ressurreição. A ressurreição representa o ápice e o centro de toda a espiritualidade e de toda a história. Os sumos sacerdotes e os fariseus já tinham previsto o perigo da ressurreição.

No dia seguinte, um dia depois da Preparação, os chefes dos sacerdotes e os fariseus, reunidos junto a Pilatos, diziam: "Senhor, lembramo-nos de que aquele impostor disse, quando ainda vivo: 'Depois de três dias ressuscitarei!' Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até o terceiro dia, para que os discípulos não venham roubá-lo e depois digam ao povo: 'Ele ressuscitou dos mortos!' e a última impostura será pior do que a primeira" (Mt 27, 62-64).

Tinham entendido que teria sido perigoso se tivesse se espalhado a notícia da ressurreição. A ressurreição é realmente uma memória perigosa, porque nos arremessa para além do medo.

É bom observar que, na Bíblia, não se diz: Jesus se ressuscitou, e sim "Deus o ressuscitou", "Vós o fizestes morrer, mas Deus o ressuscitou" (Cf. At 3,14-15). É a intervenção direta do Mistério, que recupera a vida de Jesus, como também pode recuperar a nossa, mostrando, assim, que tudo o que Jesus tinha proclamado e testemunhado era verdadeiro. A ressurreição torna-se a

prova decisiva de que podemos nos entregar ao Mistério sem medo, como uma criança no colo da mãe. Jesus ressuscitado repete, como já tinha dito muitas vezes: "Não tenham medo!".

Podemos nos entregar ao Mistério sem medo. Podemos parar de nos preocupar em nos salvar por nossa conta, usando as coisas (primeira tentação), usando os outros (segunda tentação), usando Deus (terceira tentação). Querendo, podemos, aqui, retomar os assim chamados conselhos evangélicos. Tais conselhos evangélicos são a pobreza, a castidade e a obediência e, normalmente, achamos que valem somente para as pessoas que fazem uma escolha de especial consagração religiosa, como os monges de diversas religiões. De fato, estes 'conselhos' podem eventualmente ser vividos de forma radical e emblemática por determinadas classes de pessoas religiosas, mas representam, para todo mundo, as condições fundamentais de quem quer encarar a vida com a mesma espiritualidade de Jesus. Esta espiritualidade requer uma escolha de pobreza, considerada como rejeição à sedução de usar as coisas como pão para nos alimentar; uma escolha de castidade, considerada como rejeição de usar os outros, para nos preservar dos medos da vida; uma escolha de obediência à vida, considerada como rejeição da pretensão de colocar o Mistério ao nosso serviço, para que nos salve como e quando nós queremos. Aquilo que, muitas vezes, estraga a religião é justamente considerá-la como um meio para nos salvar. Ora, em lugar de estragar nosso fígado com esta preocupação de nos salvar usando as coisas, usando os outros ou usando Deus, a espiritualidade nos faz descobrir que já fomos salvos e nos ajuda a viver na alegria e na liberdade de quem considera o Mistério como um Pai, deixando-nos regenerar no Espírito de Jesus, que é um Espírito de filho, que nos liberta do medo.

III

O espírito que nos liberta

*O vento sopra onde quer
e ouves o seu ruído,
mas não sabes de onde vem
nem para onde vai.*

João 3,8

A vida e a morte de Jesus lançam uma luz sem precedentes sobre a nossa vida. "Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andará nas trevas, mas terá a luz da vida" (Jo 8,12). O tema da luz é muito fecundo e ajuda a compreender melhor o que está em jogo, quando se fala em espiritualidade. A escuridão é perigosa e dá medo porque não permite ver as coisas como de fato são. Assim, tudo se complica: em um quarto completamente escuro, um pequeno barulho nos assusta, porque imaginamos pode ser algo que ameaça nossa segurança e, pelo contrário, não nos preocupamos minimamente com um buraco no piso, onde podemos cair e nos machucar. Na hora de ligar a luz, descobrimos que o pequeno barulho era de folhas secas movidas pelo vento e percebemos aquilo que, ao invés, era realmente perigoso.

Assim acontece na nossa vida: no escuro consideramos muito importantes coisas que são ridículas e não valorizamos aquilo que realmente importa. No escuro, podemos pensar que são felizes as pessoas autossuficientes, aquelas que curtem a vida às custas dos outros, os violentos, os corruptos, os arrogantes, os aproveitadores, os milicianos, os poderosos. Mas, ligando a luz, podemos ver que são felizes aqueles que sabem que não são autossuficientes, aqueles que aceitam as inevitáveis dificuldades da vida sem transferi-las para os outros, aqueles que são humildes, que procuram a justiça, que sabem amar sem reservas, que não se aproveitam dos outros, que sempre cons-

troem pontes em lugar de muros, e que estão prontos a pagar o preço deste modo de viver. (Cf. Mt 5,3-10).

Ligar a luz significa procurar entender o sentido da vida. Mas o resultado desta busca não é de tipo matemático-científico, pelo fato de que nossa vida está mergulhada no Mistério. Uma música de Luigi Tenco diria: "Resposta não tem ou, talvez, quem sabe, está perdida no vento". Trata-se de uma resposta que precisamos procurar "no vento", no espírito. É uma busca de espiritualidade, vital para o ser humano, independentemente da sua opção religiosa ou não religiosa. Esta busca é vital no sentido literal, porque o ser humano não consegue viver sem dar um sentido à vida. Todo mundo dá algum tipo de resposta. Talvez seja uma resposta que podemos considerar absurda ou meio doida, mas todo mundo precisa de uma resposta de sentido para continuar vivendo. Quando uma pessoa não consegue mais encontrar uma resposta de sentido, entra em depressão profunda e pode até chegar ao suicídio.

O ser humano consegue viver porque e até quando consegue acreditar em algo. Por isso, é falsa a contraposição entre quem acredita e quem não acredita. Se alguém vive é porque ainda acredita em algo. A diferença aparece somente quando consideramos o objeto da "fé", mas o ato de fé é universal. Ninguém vai poder justificar cientificamente as próprias convicções sobre o sentido da vida: serão sempre convicções de 'fé', até se tratando de coisas materiais. Por isso, podemos dizer que todo mundo acredita em algo e aposta sua vida nesta 'profissão de fé'. Na realidade, até o mais materialista, que acha que o que importa é o dinheiro, nunca vai poder demonstrar cientificamente que é o dinheiro que dá sentido à vida. Sua convicção é

somente um ato de fé no dinheiro, que o incentiva a viver procurando enriquecer o mais possível.

A busca espiritual do sentido da vida é fundamental porque nos ajuda a pensar e experimentar qual resposta pode ser mais sábia e mais eficaz para viver bem. Trata-se sempre de uma aposta, como diria Pascal¹⁶. Mas vale a pena levar em consideração a resposta que Jesus oferece frente à sedução de outras alternativas. Esta resposta leva a sério o fato de que estamos mergulhados no Mistério e nos oferece a possibilidade de ficar no Mistério sem medo, mostrando-nos que podemos considerá-lo como um Pai e podemos chama-lo de "Abbá".

No Novo Testamento, a palavra 'Abbá' aparece somente três vezes: no evangelho de Marcos, num momento decisivo e dramático da vida de Jesus (Mc 14,36), e as outras duas vezes essa palavra aparece, surpreendente, mas significativamente, não na boca de Jesus e sim na nossa boca. É São Paulo que a põe na nossa boca, na carta aos Romanos e na carta aos Gálatas.

Vamos ouvir a carta aos Romanos 8,14-16:

Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Com efeito, não recebestes um espírito de escravos, para recair no temor, mas recebestes um espírito de filhos adotivos, pelo qual clamamos: Abba! Pai! O próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus.

16 Blaise Pascal, filósofo francês do século XVII, considerando não ser possível demonstrar racionalmente nem a existência nem a não existência de Deus, propõe apostar na sua existência, porque "se ganharem, vão ganhar tudo; se perderem, não vão perder nada" (Pensamentos, 233).

Este Abbá agora é nosso. Como? Por causa do Espírito de Jesus Cristo em nós. Ele nos ajudou a entender que nós, enquanto criaturas humanas, somos Mistério e, através do Espírito, participamos da vida do Mistério.

É digno de nota observar que os evangelhos, narrando a morte de Jesus, usam, no original grego, uma expressão que traduzimos com expirou, "entregou o Espírito". Isso é o Pentecostes. No momento da sua morte, Jesus entrega o Espírito, deixa a vida sair de si. Aquela vida é o Espírito, que tinha animado, sustentado, orientado o caminho humano de Jesus e que, no momento da morte, Ele deixa cair da cruz e transmite a quem queira e saiba acolhê-lo. Aquele é o Espírito de Jesus que nós podemos fazer nosso e, neste modo, fazer nosso o Espírito de filhos, que nos liberta do medo e no qual podemos dizer nós também, como Ele: "Abbá, Painho!". Podemos chamar o Mistério de "Painho". Acolher este Espírito de Filho nos ajuda a não "cair de novo no medo".

Para melhor compreender a questão do Espírito, podemos pensar no modo de falar que usamos diariamente. O espírito de uma pessoa indica o modo como aquela pessoa se relaciona com os outros e com as coisas, aquilo que anima e orienta seu modo de viver. Usamos expressões como: fulano tem um espírito afável, juvenil. Ou: ciclano tem um espírito ganancioso, vingativo. É neste sentido que temos de entender a expressão: Jesus tem um espírito de filho. Significa que Jesus se entrega ao Mistério da vida com uma atitude filial e essa atitude orienta todo seu modo de viver, como também pode orientar nosso modo de viver se acolhermos e fizermos nosso este espírito.

Um estrondo, um vento, um fogo

Como podemos receber este Espírito? Através de um procedimento não tão simples, porque se trata, como diz a carta de Paulo aos Efésios (4,22-24), de se despir do homem velho e se revestir do homem novo. Trata-se de uma mudança de mentalidade. Precisamos nos renovar “pela transformação espiritual da mente”. Sabemos que mudar a mentalidade, sobretudo a certa altura da vida, não é tão fácil. Quanto mais o tempo passa, mais se torna difícil mudar a mentalidade.

A acolhida do Espírito de Cristo é uma mudança de mentalidade radical, que requer o morrer de um homem velho, de um velho modo de ser e pensar, para renascer. A pergunta de Nicodemos para Jesus não é infantil, e traduz bem a dificuldade deste renascer: “Como pode um homem nascer, sendo já velho? Poderá entrar uma segunda vez no seio de sua mãe e nascer?” (Jo 3,4). A narração do Pentecostes, com suas imagens, nos diz algo bem interessante a respeito:

De repente, veio do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam. Apareceram-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousaram sobre cada um deles. E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimissem. (At 2,2-4).

Este texto fala de ruído como de vendaval impetuoso, de fogo que desce em forma de línguas. Trata-se de imagens fortes, imagens que podem nos ajudar a intuir o que pode significar nos deixar regenerar por este Espírito. Significa deixar entrar

um vento que desarruma tudo, que abala nossas seguranças, nossa tranquilidade, um fogo que queima para purificar, mas queima mesmo e pode doer.

Isso podemos ver também na missão de Jesus, que veio nos livrar dos espíritos imundos. Um dos milagres que mais vezes aparece, milagre-símbolo da atividade de Jesus, é a libertação dos espíritos imundos. E estas libertações apresentam sempre algo conflitivo, sofrido, nos textos evangélicos. No capítulo quarto do evangelho de Lucas, por exemplo, o mesmo capítulo das tentações, encontramos a narração do primeiro milagre, significativo em relação à missão de Jesus.

Encontrava-se na sinagoga um homem possesso de um espírito de demônio impuro, que se pôs a gritar fortemente: "Ah! Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vies-te para arruinar-nos? Sei quem tu és: o Santo de Deus". Mas Jesus o conjurou severamente: "Cala-te, e sai dele!" E o demônio, lançando-o no meio de todos, saiu sem lhe fazer mal algum. O espanto apossou-se de todos, e falavam entre si: "Que significa isso? Ele dá ordens com autoridade e poder aos espíritos impuros, e eles saem!" (Lc 4.33-36).

Jesus veio nos livrar dos espíritos imundos que todos temos, para substituí-los com seu Espírito. Veio nos livrar do espírito de escravos que nos encerra no medo, para nos regenerar com o Espírito de filhos. E este procedimento não é muito simples. "Lançando-o no meio de todos, saiu". Antes de sair, joga-o no chão, sacode-o, fá-lo gritar. Trata-se de um verdadeiro parto.

Outro texto muito significativo a este respeito é aquele do endemoninhado geraseno (Lc 8,26-39). Quando Jesus se aproxima deste homem, possuído e orientado por espíritos maus, ele grita: "Que queres de mim...? Peço-te que não me atormentes". Renunciar ao nosso modo de viver é complicado e, às vezes, preferimos ficar no nosso pouco, em lugar de labutar para procurar algo melhor. Mas Jesus não o deixa e não nos deixa em paz, a fim de livrar de uma maneira de pensar e de viver que não é digno de pessoas humanas. Quando Jesus liberta aquele indivíduo, os espíritos que tinham tomado conta da vida dele saem e entram em uma manada de porcos, que pastavam ali perto. Quase a dizer: os seres humanos são chamados a viver não com um espírito de porco, e sim com um espírito de filho.

No capítulo sucessivo, quando Jesus desce do monte da transfiguração, encontra uma multidão que vem a seu encontro.

E eis que um homem da multidão gritou: "Mestre, rogo-te que venhas ver o meu filho, porque é meu filho único. Eis que um espírito o toma e subitamente grita, sacode-o com violência e o faz espumar; é com grande dificuldade que o abandona, deixando-o dilacerado. Pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam». Jesus respondeu: «Ó geração incrédula e perversa, até quando estarei convosco e vos suportarei? Traze aqui teu filho". Estava ainda se aproximando, quando o demônio o jogou por terra e agitou-o com violência. Jesus, porém, conjurou severamente o espírito impuro, curou a criança e a devolveu ao pai. (Lc 9,38-42).

Não interessa, aqui, saber se se tratou de crise epilética ou outra doença que hoje poderíamos ver de outra maneira. Interessa a

mensagem que o evangelista quer dar nesta narração. O espírito de Jesus, seu modo de ver e viver a vida, 'ameaça' outros modos de ver e viver, e essa 'ameaça' provoca reações. Assim, desencadeia-se uma luta interior, aqui descrita como um se revirar no chão com convulsões, antes que o espírito imundo deixe em paz este rapaz. Para renascer, para fazer o homem velho morrer, precisa lutar. A libertação de um espírito de vida errado é apresentada, no final, como uma cura e uma experiência nova de ser filho: "curou a criança e a devolveu ao pai".

Cair do cavalo

Tem outra história que se torna emblemática neste assunto: a história de Paulo. Conhecemos a história de Paulo, que se torna o grande teólogo da vida nova no Espírito. Muito bem. Sua história de 'cristão' começa com uma queda do cavalo. Paulo era um religioso d.o.c. (de origem controlada), muito zeloso tanto que estava indo, com cartas de recomendações, a prender aqueles que não pensavam como ele. Tinha levado muito a sério sua escolha religiosa, com aquela preocupação meio fanática, farisaica, mas, mesmo assim, profunda, que fazia dele, como ainda hoje faz de tantas pessoas, um religioso ideal, um religioso no sentido que normalmente se entende com este termo. Muito bem. Este Paulo precisa cair do cavalo para renascer à vida nova. Tem que cair das suas seguranças, cair do seu fanatismo, cair de tudo o que representava esta falsa pureza religiosa, que ele encarnava com zelo perseguidor. Precisa encarar um período de profunda crise. Na hora de levantar do chão, não enxerga mais nada, não entende mais nada. É necessário ficar um pouco de tempo nesta situação de não entender nada,

para poder reconquistar a visão aos poucos, rever as coisas em outra perspectiva. (Cf. At 9,1-9)

Também do ponto de vista da busca da verdade, precisa passar por esta experiência. Acho que muitos ouviram falar do mito da caverna, que o filósofo grego Platão usou para ilustrar sua teoria do conhecimento humano. Ele imagina um grupo de pessoas no fundo de uma caverna, presas, de forma que não podem sair e nem se virar para ver aquilo que existe atrás delas. Sempre viveram ali e o que elas conseguem enxergar são somente sombras projetadas no fundo da caverna, acham que não existe outro mundo para além daquele. Mas, se um belo dia alguém entre elas conseguir se livrar e sair da caverna rumo ao mundo real, irá descobrir que a luz do dia, a que não estava acostumado, num primeiro momento, vai incomodá-lo e não irá conseguir enxergar nada¹⁷. Quando provocados a sair do nosso pequeno mundo no fundo da caverna, precisamos encarar a experiência de uma luz que, num primeiro momento, nos cega. Aí, podemos voltar atrás e ficar tranquilos no nosso pequeno mundo antigo, convencidos e satisfeitos com a realidade das sombras, ou aceitar não enxergar, não conseguir entender nada por algum tempo, acostumando-nos aos poucos a uma luz que irá mudar toda a perspectiva da nossa vida.

A experiência de crise como foi a de Paulo é comum a todos os grandes homens de pensamento ou de espiritualidade, que encontramos na Bíblia e fora da Bíblia. As convulsões daqueles que são possuídos pelos espíritos imundos antes de ser libertados, a queda do cavalo, a crise através da qual precisa passar para poder reabrir os olhos para uma nova perspectiva, representam as dores do parto do homem novo. Para ir além do

17 Cfr. PLATÃO, *A República*, livro VII.

medo, precisa atravessá-lo. Precisa atravessá-lo, olhar na cara dele, não fugir dele. E atravessar é complicado, a gente deixa sempre por último; mas precisa fazer isso, para poder superar o medo de verdade.

O contrário de Babel

A narração do Pentecostes nos diz que o fruto do Espírito é a comunicação universal, ao contrário do que aconteceu na torre de Babel (Cf. At 2,5-12). A comunicação e a comunhão a que nos referimos quando falamos da vida nova no Espírito é coisa de gente grande, não de pessoas que ainda precisam de alguém que diga o que fazer e o que não fazer, e que estabeleça, como diz Paulo, dias, meses, estações, anos a ser observados.

Assim também nós, quando éramos menores, estávamos reduzidos à condição de escravos, debaixo dos elementos do mundo. Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei, para remir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial. E porque sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: Abba, Pai! De modo que já não és escravo, mas filho. E se és filho, és também herdeiro, graças a Deus (Gl 4,3-7)

Novamente, aparece a palavra 'Abbá' na nossa boca. O Mistério de que participamos no Espírito de Cristo nos resgata dos tutores, dos administradores externos, para que tomemos consciência do nosso ser filhos, portanto, não mais escravos, não mais submissos, não mais de menor idade em nenhum sentido.

Mas, como poder alcançar esta maturidade? Nós a alcançaremos não colocando a moral nem a religião acima da espiritualidade. Justamente como fez Jesus, que nunca fez questão de propor uma alternativa ao judaísmo. Simplesmente permaneceu dentro da tradição religiosa do seu povo, da sua família, mas com uma liberdade de filho que mudou tudo. Não questionou a religião em si: simplesmente levou a descobrir o essencial da religião dos seus pais, sem a pretensão de fundar nenhuma nova religião. Não quis criar uma nova lei moral. Se tem algo de que Jesus falou muito pouco na sua atividade missionária é justamente a moral. Mas inseriu um Espírito novo em toda a lei que existia, em toda a religião que existia. E este algo novo era a convicção da paternidade do Mistério, a convicção do nosso ser filhos. Esta é a espiritualidade, o espírito, que está além e relativiza tudo o resto.

É deste modo que podemos procurar uma nova comunicação universal e descobrir a missão universalista da espiritualidade, verdadeiramente católica. Um sistema ético-religioso considerado mais importante do que a espiritualidade será sempre motivo de divisão, de discriminação. Enquanto que o Espírito de Jesus supera qualquer discriminação, reconhecendo, antes de tudo, que todos precisamos de misericórdia, como diz São Paulo, para ser todos objetos de misericórdia (Cf. Rm 11,32).

Independentemente da lei

A carta de Paulo aos Romanos é uma carta riquíssima. Pode parecer até um pouco difícil, mas, percorrendo-a, podemos descobrir uma riqueza e uma profundidade impressionantes. Antes de mais nada, esclarece que precisa superar qualquer discriminação, reconhecendo que todos precisamos de misericórdia.

Ora, se tu te denominas judeu e descansas na Lei e te glorias em Deus, tu que conheces sua vontade e que, instruído pela Lei, sabes discernir o que é melhor, que estás convencido de ser o guia dos cegos, a luz dos que andam nas trevas, educador dos ignorantes e mestre dos que não sabem, possuindo na Lei a expressão da ciência e da verdade... ora tu, que ensinas aos outros, não ensinas a ti mesmo! pregas que não se deve furtrar, e furtas! proibes o adultério e cometes adultério! abominas os ídolos e despojas seus templos! Tu, que te glorias na Lei, estás desonrando a Deus pela transgressão da Lei, pois, como está escrito: por vossa causa o nome de Deus está sendo blasfemado entre os gentios. (Rm 2.17-24)

Estes religiosos, certos de possuir toda a verdade, acham que podem julgar todo mundo e não percebem que são uns pobres coitados como os outros. Como o segundo filho da parábola de Lucas 15: "jamais transgredi um só dos teus mandamentos". Mas não entendeu absolutamente nada daquilo que significa ficar em casa. Ele precisa de misericórdia mais do que o irmão mais novo que, embora tenha errado, conseguiu redescobrir o sentido profundo de ser filho. Todos precisamos de misericórdia; portanto todos, religiosos e não religiosos, podemos nos tornar justos não pela nossa habilidade, mas pela habilidade do Mistério.

Então, podemos nos perguntar junto com Paulo, para que a lei? A lei se torna a do Espírito: "A Lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te libertou da lei do pecado e da morte" (Rm 8,2). Como explicar esta lei do Espírito?

Com efeito, os que vivem segundo a carne desejam as coisas da carne, e os que vivem segundo o espírito, as coisas que são do espírito. De fato, o desejo da carne é morte, ao passo que o desejo do espírito é vida e paz (Rm 8,5-6).

Viver segundo o Espírito, pensar nas coisas do Espírito, deixar-nos conduzir pelos desejos do Espírito que levam à vida e à paz, significa abrir espaço em nós ao Espírito de Cristo, à auto-consciência filial de Jesus. "Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim" (Gl 2,20).

Permitam-me, aqui, uma citação do filósofo Nietzsche, morto em 1900, que muitas vezes é desprezado pelos religiosos, mas que talvez vivesse uma espiritualidade que nos provoca a repensar a nossa. Escutamos este aforisma. "Jesus disse a seus judeus: 'A lei era para servos – amem a Deus como eu o amo, como seu filho! Que nos importa a moral, a nós, filhos de Deus!'"¹⁸. Esta consciência de ser filhos se torna nossa bússola, em todos os sentidos. Quanto mais cresce em nós esta consciência de ser filhos, partilhando-a com a mesma consciência de Jesus, com as características reveladas por Jesus, mais percebemos o que podemos ou não podemos fazer.

Tudo isso sem a pretensão da certeza absoluta de quem ainda não caiu do cavalo, mas aceitando sempre, sem agonia, aquela incerteza que faz parte da nossa realidade humana limitada. A lei do Espírito nos leva a cultivar ideais conforme o Espírito, a pensar conforme o Espírito, mas isso tudo não nos poupa do fato de que, às vezes, não seja tão simples assim, tão evidente

18 NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 81- 82. (Aforismo 164)

e imediato entender o que precisa fazer ou não fazer. Nestes casos, não precisamos querer que sejam os outros a nos dizer o que fazer. Precisamos aceitar a dificuldade e o limite de não ter tudo claro, porque isso faz parte da nossa vida.

Tem uma passagem muito bonita, na primeira carta de João, que diz: "Nisto reconheceremos que somos da verdade, e diante dele tranquilizaremos o nosso coração, se o nosso coração nos acusa, porque Deus é maior que o nosso coração e conhece todas as coisas" (1Jo 3,19-20). Pode existir uma incerteza, algo que não nos deixa tranquilos. Mas o Mistério é maior, estamos sempre entregues à sua misericórdia, que, como um Pai, nos segura nos seus braços. Se aceitarmos assim nosso limite, não nos devemos angustiar. Não temos que procurar certezas, quando não existem. Esta é a lei do Espírito que dá vida, que liberta do medo de ser escravo e da preocupação de ter sempre tudo claro e sob controle.

Podemos dizer que no cristianismo não existe uma moral específica, mas existe uma espiritualidade que transforma a vida. E a transforma no dinamismo do Espírito, que nos cria continuamente até a estatura de Cristo, que alcançaremos totalmente somente no além. Por enquanto, precisamos ficar nessa nossa realidade limitada, com a liberdade e a paz interior de quem sabe que está entregue à misericórdia do Mistério, como uma criança no colo da mãe.

Independentemente da religião

Quando, falando em espiritualidade, se usa a imagem da criança, precisa esclarecer que não se trata de infantilismo. No evangelho de Mateus, lemos: "se não vos converterdes e não vos

tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus" (18,3). O texto deixa bem claro que não se trata de "voltar" a ser criança, mas sim de "nos tornar" como crianças. Não se trata de um retrocesso; trata-se de um processo de crescimento e de amadurecimento. Viver como uma criança no colo da mãe é coisa de gente grande. Ora, um aspecto da espiritualidade de gente grande é a capacidade de relativizar a experiência religiosa. Relativizar não significa desvalorizar ou desprezar; pelo contrário, significa conferir o justo valor à experiência religiosa e assim torná-la mais crível e respeitável. Relativizar a experiência religiosa significa que qualquer manifestação religiosa histórica deve ser 'relativa' à presença e à ação de um Mistério que interpela a vida de todos os seres humanos. Vamos retomar o capítulo terceiro da carta aos Romanos.

Ou acaso ele é Deus só dos judeus? Não é também dos gentios? É certo que também dos gentios, pois há um só Deus, que justificará os circuncisos pela fé e também os incircuncisos através da fé. (Rm 3,29-30)

Aqui aparece claramente o tema da relação cristianismo – religiões. Um tema fundamental, justamente porque mexe com uma dimensão constitutiva do cristianismo, que é a sua vocação universal, católica. Este universalismo é algo constitutivo do cristianismo, porque, parafraseando São Paulo, podemos dizer que 'Deus não é somente o Deus dos cristãos'. Isto deveria ser bem claro e nunca deveríamos esquecê-lo.

O Mistério, que Jesus Cristo nos ensinou a considerar como um Pai, não interessa somente aos judeus ou aos cristãos, mas interessa a todo mundo e tem a ver com todas as experiências religiosas presentes no mundo. E se nós acreditamos que o Pen-

tecosteres é o contrário de Babel, precisamos nos perguntar por que isso não se concretiza. Por que não experimentamos esta comunicação das linguagens, através também da comunicação entre as diversas experiências religiosas? Lembramos como começou a história da salvação, com aquele "sai da tua terra, da tua pátria e vai, porque em te serão abençoadas todas as nações".

Esta universalidade é retomada por Jesus Cristo, Aquele em que serão encabeçadas todas as coisas (Ef 1,10). Na vida de Jesus, como nos é apresentada pelos evangelhos, esta perspectiva universalista está sempre presente. Retomamos aqui alguns elementos desta visão universalista da 'salvação'. Já no momento do nascimento de Jesus, aparecem personagens que não têm nada a ver com a religião de Israel: Trata-se dos reis magos, sábios que vêm do Oriente, conduzidos por uma estrela (Cf. Mt 2,1-12). Como a dizer, a própria natureza, na sua misteriosa beleza e perfeição, pode ser um guia para as pessoas 'de boa vontade' no caminho de uma espiritualidade que conduz ao encontro e à 'adoração' do Mistério presente no mundo.

Ainda no início da vida de Jesus, escutamos as palavras do velho Simeão, que, acolhendo o menino no templo de Jerusalém, clama: "meus olhos viram tua salvação, que preparaste em face de todos os povos, luz para iluminar as nações, e glória de teu povo, Israel" (Lc 2,30-32). A salvação é para todos os povos e a luz deve iluminar todas as nações. João também, no começo do seu evangelho, retoma esta luz que é para todos: "No princípio era o Verbo [...] O que foi feito nele era a vida e a vida era a luz dos homens" (Jo 1, 1.4).

Durante sua missão, Jesus não exclui ninguém; pelo contrário, podemos dizer que reserva uma atenção especial para aqueles que normalmente são excluídos, não somente pela sociedade

civil, como também pela religião. É interessante considerar o relacionamento de Jesus com determinadas categorias de pessoas, a exemplo dos samaritanos. Os samaritanos eram considerados meio hereges, desprezados pelos bons judeus. Jesus, sempre que puder, vai colocar eles em destaque. Na parábola do bom samaritano, coloca-os em contraponto aos representantes da religião, os levitas e os sacerdotes (Cf. 10,30-37). No conto dos leprosos curados, o único que volta para agradecer é um samaritano. Talvez, mais livre em relação às prescrições rituais, entende o essencial: entende que o que importa é voltar atrás para agradecer aquele cara que o tinha curado, mais do que ir procurar a reabilitação ritual de quem antes o tinha excluído. Entende que conquistou uma liberdade nova e não precisa mais se apresentar aos sacerdotes (Cf. Lc 17,11-19). Jesus, sempre que pode, recupera estas figuras de excluídos, marginalizados, desprezados, e coloca-as no centro, quando são elas que entendem o essencial.

Outra vez é um centurião romano, que, frente à disponibilidade de Jesus de ir na sua casa para curar seu servo, responde:

Senhor, não sou digno de receber-te sob o meu teto; basta que digas uma palavra e o meu criado ficará são. Com efeito, também eu estou debaixo de ordens e tenho soldados sob o meu comando, e quando digo a um 'Vai!', ele vai, e a outro 'Vem!', ele vem; e quando digo ao meu servo: 'Faze isto', ele o faz. (Mt 8, 8-9)

Isso desperta a admiração de Jesus, que clama: "Em verdade vos digo que, em Israel, não achei ninguém que tivesse tal fé". E aproveita para lembrar a universalidade da salvação: "Mas eu vos digo que virão muitos do oriente e do ocidente e se assentarão à mesa no Reino dos Céus" (Cf. Mt 8,10-11). Na parábola

do juízo final, Jesus nos diz que "serão reunidas em sua presença todas as nações", que serão julgadas não com parâmetros 'religiosos', mas sim com parâmetros 'profanos', por isso acessíveis a "todas as nações": dar de comer e beber a quem tem fome e sede; acolher e socorrer os estrangeiros, aqueles que precisam de tudo, aqueles que estão doentes ou em cárcere (Cf. Mt 25,31-46).

Uma das últimas instruções de Jesus a respeito da compreensão das Escrituras é a seguinte: "Assim está escrito que o Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que, em seu Nome, fosse proclamado o arrependimento para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém" (Lc 24, 46-47). E o mesmo evangelista inicia os Atos dos Apóstolos novamente com Jesus que deixa aos seus discípulos a missão de testemunhar "em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria, e até os confins da terra" (At 1,8). A missão começa na religiosa Jerusalém, para, depois, se ampliar a regiões onde a religião judaica não é mais tão genuína, para chegar aonde não existe mais nada da religião originária de Jesus ou dos discípulos.

Catalizadores de espiritualidade

Esta perspectiva universalista é uma grande questão que aparece logo no início do cristianismo e que podemos ver bem representada na narração da conversão do romano Cornélio e de sua família. Para Pedro, fiel praticante da religião judaica, não foi fácil entrar logo na perspectiva de uma nova 'espiritualidade' transversal a todas as religiões. E, no episódio da conversão de Cornélio, aprendeu uma importantíssima lição: "Ao que Deus purificou, não chames tu de profano" (At 10,15).

Para entender melhor esta lição, precisamos lembrar o que aconteceu naquela ocasião. A narração começa nos apresentado Cornélio como um “centurião da coorte itálica. Era piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa” (10,1-2). Era um homem religioso e que fazia o bem, mas sua religião não tinha nada a ver com a religião de Israel. Ora, este centurião sente a inspiração e o desejo de conhecer Pedro e o convida a sua casa. Quando Pedro entra e vê reunidos os parentes e amigos do centurião, começa dizendo: «Bem sabeis que é ilícito a um judeu relacionar-se com um estrangeiro ou mesmo dirigir-se à sua casa. Mas Deus acaba de mostrar-me que a nenhum homem se deve chamar de profano ou impuro” (10,28). E, depois de um tempo escutando aquelas pessoas, conclui:

Tomando então a palavra, Pedro falou: “Dou-me conta, em verdade, de que Deus não faz acepção de pessoas, mas que, em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça, lhe é agradável. Ele enviou a palavra aos filhos de Israel, dando-lhes a boa nova da paz por Jesus Cristo, que é o Senhor de todos” (At 10,34-36)

Observem que interessante: quando Pedro se dá conta de que Deus realmente não faz acepção de pessoas, entende também qual é, de fato, a missão universalista de Israel e o sentido da boa nova de Jesus.

A presença e a ação do Mistério precedem o nascimento de Jesus e a ação dos seus discípulos. Portanto podemos considerar a missão dos cristãos como um catalizador de uma espiritualidade que pode ser acessível para todos, porque o Espírito está presente em todos. Pedro não transmitiu o Espírito para Cornélio e sua família, mas simplesmente teve que reconhecer que

já estava presente naquele lugar. Os religiosos judeus, "os fiéis que eram da circuncisão, que tinham vindo com Pedro, ficaram estupefatos de verem que também sobre os gentios se derramara o dom do Espírito Santo" (10,45). Os religiosos judeus iam aprendendo a reconhecer a universalidade da presença do Espírito, independentemente de raça ou religião. É superada a distinção religiosa entre sagrado e profano e se entende que o que importa não é tanto a religião e sim a 'espiritualidade', isto é, viver com um espírito que nos ajuda a fazer o bem.

Mas é difícil entrar nesta nova perspectiva cristã não religiosa. No caso em questão, Pedro, quando sobe para Jerusalém, vem reprovado pelos circuncisos (At 11,2), precisa se justificar narrando tudo aquilo que tinha acontecido e conclui dizendo: "Portanto, se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós, que cremos no Senhor Jesus Cristo, quem seria eu para poder impedir a Deus de agir?" (11,17). Pedro consegue ser bastante convincente, embora saibamos que certa mentalidade religiosa não muda facilmente e poderão acontecer recaídas, mais ou menos conscientes. Este universalismo será novamente objeto de uma séria discussão, envolvendo agora Paulo, antes em Antioquia e depois em Jerusalém. É no capítulo 15 dos Atos dos Apóstolos que aparece o famoso problema da relação com os não circuncisos. Em Antioquia tinham chegado logo uns piedosos (que nunca faltam!) para dizer: "Se não vos circuncidardes segundo a norma de Moisés, não podereis salvar-vos" (At 15,1). Circuncidar-se segundo a norma de Moisés significava aceitar e estar disposto a observar toda a lei e as tradições religiosas judaicas. Paulo claramente não topa, porque tinha caído do cavalo, e sobe a Jerusalém para tentar resolver esta questão.

É interessante a resposta de Pedro, referendando sua experiência na casa de Cornélio:

Irmãos, vós sabeis que, desde os primeiros dias, aprouve a Deus, entre vós, que por minha boca ouvissem os gentios a palavra da Boa Nova e abraçassem a fé. Ora, o conhecedor dos corações, que é Deus, deu testemunho em favor deles, concedendo-lhes o Espírito Santo assim como a nós. Não fez distinção alguma entre nós e eles, purificando seus corações pela fé. Agora, pois, por que tentais a Deus, impondo ao pescoço dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem mesmo nós pudemos suportar? Ao contrário, é pela graça do Senhor Jesus que nós cremos ser salvos, da mesma forma que eles. (At 15,7-11)

Comentando este texto dos Atos dos Apóstolos, o Papa Francisco conclui dizendo:

Queridos irmãos, aprendamos do príncipe dos Apóstolos que um evangelizador não pode ser um impedimento para a obra criadora de Deus, o qual «quer que todos os homens sejam salvos» (1 Tm 2, 4), mas alguém que favorece o encontro dos corações com o Senhor. E nós, como nos comportamos com os nossos irmãos, sobretudo com quantos não são cristãos? Somos impedimento para o encontro com Deus? Obstaculamos o seu encontro com o Pai ou favorecemo-lo? Peçamos hoje a graça de nos deixarmos impressionar com as surpresas de Deus, de não impedir a sua criatividade, mas de reconhecer e favorecer as vias sempre novas através das quais o Ressuscitado efunde o seu Espírito no mundo e atrai os corações fazendo-se conhecer como o «Senhor de todos» (At 10, 36)¹⁹

19 Papa Francisco, *Audiência Geral*, 16 de outubro de 2019.

O que realmente importa

Podemos retomar a questão da relação do cristianismo com as outras religiões recuperando a passagem da carta aos Gálatas, onde se fala da circuncisão:

Atenção! Eu, Paulo, vos digo: se vos fizerdes circuncidar, Cristo de nada vos servirá. Declaro de novo a todo homem que se faz circuncidar: ele está obrigado a observar toda a Lei. Rompestes com Cristo, vós que buscais a justiça na Lei; caistes fora da graça. Nós, com efeito, aguardamos, no Espírito, a esperança da justiça que vem da fé. Pois, em Cristo Jesus, nem a circuncisão tem valor, nem a incircuncisão, mas a fé agindo pela caridade. (Gl 5,2-6).

Nesta última frase, Paulo resolve o problema, pelo menos teoricamente. Não importa nem a circuncisão nem a não circuncisão, no fim das contas; o que realmente importa é reconhecer o Mistério em que estamos mergulhados e nos entregar a este Mistério, sem mais a agonia de querer nos salvar por nossa conta, usando as coisas, os outros ou Deus. Acreditar na misericórdia e viver a misericórdia: fé que opera na caridade.

A propósito disso, quero retomar aqui uma parábola de Carlos Mesters, biblista que, no Brasil, contribuiu sobremaneira para aproximar a Bíblia do povo e o povo da Bíblia de uma forma muito bonita. Na oportunidade de um encontro das comunidades de base, tempos atrás, escreveu uma parábola, imaginando Jesus num terreiro de Candomblé. Como sabemos, o terreiro é o lugar sagrado do Candomblé, uma das manifestações da religiosidade afro brasileira, através da qual muitos negros conseguiram salvar algo da sua cultura religiosa, frente à violência

física, cultural e religiosa que sofreram os escravos africanos. Carlos Mesters imagina Jesus participando de uma celebração de Candomblé.

Certa vez, Jesus reuniu os discípulos e as discípulas e disse: Quando vocês forem anunciar o Reino, não devem levar dinheiro nem comida, mas devem confiar no povo. Chegando a um lugar, se vocês forem acolhidos, e o povo partilhar comida e casa com vocês, e se vocês participarem da vida deles trabalhando e tratando dos doentes e do pessoal marginalizado, sem voz nem vez, então podem dizer ao povo com toda certeza: "Gente! Olhe aqui! O Reino chegou! Está chegando!" E eles foram...

Jesus também foi. Andou, andou, andou. Já era quase noite. Estava começando a escurecer quando chegou a um terreiro. O pessoal que entrava, saudava-o e dizia: "boa noite, Jesus! Entre e sinta-se em casa. Participe com a gente."

Jesus entrou. Viu o pessoal reunido. A maioria era pobre. Alguns, não muitos, eram de classe média. Todo mundo dançando, alegre. Havia muita criança no meio. Viu como todos eles se abraçavam entre si. Viu como os brancos eram acolhidos pelos negros como irmãos. Jesus, ele também foi sendo acolhido e abraçado. Estranhou, pois conheciam o nome dele. Eles o chamavam de Jesus, como se fosse amigo e irmão de longa data; gostou de ser acolhido assim...

Viu também como a mãe-de-santo recebia o abraço de todos e como ela retribuía acolhendo a todos. Viu como invocavam os orixás e como alguns vinham distribuindo passes para ajudar os aflitos, doentes e necessitados. Jesus também entrou na fila e foi até a mãe-de-santo.

Quando chegou a vez dele, abraçou-a e ela disse: “A paz esteja com você, Jesus”. Ele respondeu: “Com a senhora também! Posso fazer uma pergunta?” Ela respondeu: “Pois não, Jesus!” E ele disse: “Como é que eles sabem meu nome?” Ela riu: “Mas, Jesus, aqui todo mundo conhece você. Você é muito amigo da gente. Sinta-se em casa, aqui, no meio de nós”.

Jesus olhou para ela e disse: “Muito obrigado!”. E continuou: “Mãe, estou gostando, pois o Reino de Deus já está aqui no meio de vocês.” Ela olhou para Ele e disse: “Muito obrigada, Jesus! Mas isso a gente já sabia. Ou melhor, já adivinhava! Obrigada por confirmar a gente. Você deve ter um orixá muito bom. Vamos dançar para que ele venha nos ajudar!”

E Jesus entrou na dança. Dentro dele o coração pulava de alegria, sentia uma imensa felicidade e dizia baixinho: “Pai, eu te agradeço porque escondestes essas coisas dos sábios e dos entendidos e as revelastes ao povo humilde aqui do terreiro. Sim, Pai, assim foi do teu agrado!”

Dançou um tempão. No fim, comeu pipoca, cocada e batata assada com óleo de dendê que o pessoal partilhava com Ele. E dentro dele o coração repetia, sem cessar: “Sim, o Reino de Deus chegou! Pai, eu te agradeço!”²⁰

Esta parábola de Mesters criou problema. Os mesmos piedosos de Atos 15 enviaram uma carta aos Bispos, dizendo: “Como podem permitir que se escreva uma coisa dessa?! Como pode se

²⁰ Disponível em: www.pavablog.com/2011/07/03/o-dia-em-que-jesus. Acessado em 21 de julho de 2021.

imaginar Jesus num terreiro de Candomblé?!". Mas a dificuldade de superar esta míope perspectiva religiosa continua ainda hoje. Lembramos aqui as críticas que o Papa Francisco recebeu quando, por exemplo, permitiu manifestações culturais e religiosas indígenas na cerimônia de abertura do Sínodo da Amazônia, ou quando se encontra fraternamente ou assina documentos junto com representantes de outras religiões, como no caso do "Documento sobre a fraternidade humana e para a paz mundial e a convivência comum".

Neste documento histórico, lemos:

O pluralismo e as diversidades de religião, de cor, de sexo, de raça e de língua fazem parte daquele sábio desígnio divino com que Deus criou os seres humanos. Esta Sabedoria divina é a origem donde deriva o direito à liberdade de credo e à liberdade de ser diferente. Por isso, condena-se o facto de forçar as pessoas a aderir a uma determinada religião ou a uma certa cultura, bem como de impor um estilo de civilização que os outros não aceitam²¹.

Se o pluralismo e a diversidade de religião correspondem a um 'sábio desígnio divino', temos que parar de falar em 'tolerância' religiosa. Quando se usa este termo se indica que o que for tolerado é algo que não presta, mas que nós, sendo magnânimos, aceitamos e suportamos. Ora, se a diversidade de religião é algo que corresponde à vontade divina, nós não devemos tolerá-la, mas respeitá-la e ficar feliz por ela.

21 Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum, assinado em Abu Dabhi, em 4 de fevereiro de 2019, pelo Papa Francisco e o Grão Imame de Al-Azhar.

Não cortemos as asas ao Espírito Santo

Temos muitos séculos de cristianismo monocultural e não conseguimos levar a sério o princípio trinitário como princípio espiritual estruturante da unidade e da diversidade, também nas relações com as outras religiões.

O Mistério é Uno e Trino. Em nome de um monoteísmo, identificado com monorreligiosismo, tentamos destruir muitas religiões somente porque se apresentavam de forma diferente daquela que nossa cultura tinha definido como oficial e legítima. Acredito que, ainda hoje, precisamos repensar seriamente a relação entre cristianismo e outras religiões. Transformou-se o cristianismo em um aparado religioso ao lado de outros, enquanto que o cristianismo não queria ser isso. Jesus não veio fundar uma nova religião. Veio trazer algo novo que interpela todas as religiões. Interpela o homem como tal. A Igreja de Jesus Cristo, a assembleia dos que acreditam em Jesus Cristo, deveria ser, no mundo, o sinal e o instrumento da unidade dos homens entre si e da unidade dos homens para com Deus, como nos lembra o primeiro capítulo da *Lumen Gentium*²². O sinal, porque começa a viver esta unidade; o instrumento, porque a promove. Sinal e instrumento da unidade de todo mundo, também de todas as religiões, no nome daquele Espírito de filhos que Cristo nos trouxe.

Deveríamos, talvez, repensar o cristianismo como uma experiência espiritual transversal a todas as manifestações religiosas e que tem a missão universalista, católica, de recapitular tudo em Cristo.

²² *Lumen Gentium* é o título do Documento do Concílio Vaticano II sobre a Igreja.

Mas, como a Igreja pode ser sinal e instrumento desta unidade, deste Cristo que recapitula em si todas as coisas? Às vezes, dá para pensar que, quanto mais a Igreja reforça seu sistema religioso institucional, tanto mais se torna um fator de divisão e de discriminação, ao invés de unidade. Acredito que, hoje, nos encontramos em uma situação parecida àquela do exílio de Babilônia. De uma situação de cristandade, já totalmente superada, fomos jogados na babilônia da modernidade e da pós-modernidade, numa realidade multicultural, multirracial, multirreligiosa, como justamente era a Babilônia para o povo de Israel. Pergunto-me: nesta realidade, será que não somos convocados a entrar na perspectiva de Isaías, e não naquela de Esdras e Neemias? Deveríamos ter a sabedoria e a coragem de deixar de gastar tempo e energias preciosas para 'reconstruir o Templo'. Ainda mais porque Jesus, já há dois mil anos, nos disse em alto e bom tom que

...nem sobre esta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai. [...] Mas vem a hora – e é agora – em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois tais são os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade. (Jo 4, 21. 23-24)

A hora de adorar o Pai em espírito e verdade chegou já há dois mil anos e, talvez, ainda hoje, não nos demos conta disso! Parar de gastar tempo e energias para reconstruir o templo significaria entrar numa perspectiva corajosa de espiritualidade e num clima de autêntico diálogo inter-religioso.

Aqui precisamos repensar os Atos dos Apóstolos. Cobramos o que das outras religiões, das outras culturas, para elas pode-

rem partilhar conosco Cristo? Para permitir que Cristo se torne para elas também inspiração de uma nova espiritualidade na experiência religiosa e humana delas? Junto com Cristo, cobramos delas também uma carreta de tantas outras coisas, que não tem nada a ver diretamente com Ele.

Por isso, «como podemos ver na história da Igreja, o cristianismo não dispõe de um único modelo cultural» e «não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico». Entretanto, o risco dos evangelizadores que chegam a um lugar é julgar que devem não só comunicar o Evangelho, mas também a cultura em que cresceram, esquecendo que não se trata de «impor uma determinada forma cultural, por mais bela e antiga que seja»²³.

Nós pedimos a todos os povos para se circuncidar (e até algo a mais!), para poder assumir a única forma que nós definimos e que deve ser assim em todos os cantos do planeta. Segundo uma determinada visão religiosa, Cristo pode ser motivo de salvação para todos somente na condição de que todos assumam também nossa bagagem cultural, que determina a modalidade de nos relacionar com o Mistério. Lembram Isaías? “Os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão bem aceitos no meu altar...”. Os holocaustos e os sacrifícios deles, não os nossos que eles tiveram que aceitar. A modalidade de rezar deles e a modalidade de celebrar o Mistério deles serão bem aceitas no meu altar, porque “a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos” (Is 56,7). Como pode a Igreja ser sinal e instrumento da unidade, como pode cumprir

²³ Papa Francisco. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Querida Amazônia”*, n. 69. (2 de fevereiro de 2020)

a missão universal de Cristo Salvador, continuando a se fechar nas suas seguranças monoculturais, no seu sistema religioso-institucional definido, achando que pode e deve ser assim em todo tempo e lugar?

O Papa Francisco, na viagem à Tailândia em 2019, falando para líderes budistas, islâmicos, brama-hinduístas, sick e cristãos, dizia que as grandes tradições religiosas do mundo “testemunham um patrimônio espiritual, transcendente e amplamente partilhado, que pode oferecer consistente contribuição neste sentido, se formos capazes de arriscar-nos a nos encontrar sem medo”.

Para colocar, de verdade, o ‘patrimônio espiritual’, a espiritualidade, acima da moral e da religião, relativizando o resto a esta espiritualidade que Jesus Cristo nos testemunhou e transmitiu, precisa coragem. A coragem de quem sabe que está nas mãos do Mistério, a coragem de se entregar a mãos mais fortes e seguras do que as nossas. Ao invés disso, a impressão é de que nós queremos manter tudo em nossas mãos, manter tudo sob nosso controle, porque... quem sabe?! Se a gente não definir tudo, deixando, por exemplo, que os leigos comecem a fazer coisas de padres, onde faltam os padres, meu Deus! Precisa controlar tudo: temos medo! Medo de quê? Trata-se de um medo incompreensível que pode nascer somente de um espírito de escravos e não de filhos.

Na Exortação Apostólica Querida Amazônia, o Papa Francisco escrevia:

É necessário aceitar corajosamente a novidade do Espírito capaz de criar sempre algo de novo com o tesouro inesgotável de Jesus Cristo, porque «a enculturação

empenha a Igreja num caminho difícil mas necessário». É verdade que, «embora estes processos sejam sempre lentos, às vezes o medo paralisa-nos demasiado» e acabamos como «espectadores duma estagnação estéril da Igreja». Não tenhamos medo, não cortemos as asas ao Espírito Santo²⁴.

Não temos a coragem de nos entregar em mãos mais fortes e mais seguras do que as nossas, deixando-nos conduzir por aquele Espírito que é como o vento que sopra onde quer e se escuta sua voz, mas não sabemos donde vem e para onde vai (Jo 3,8). Não sabemos donde vem e para onde vai, mas confie-mos, nos entreguemos! Então, poderá acontecer, de verdade, algo novo, no novo milênio da nossa história.

24 Idem, n. 69

Considerações “iniciais”

Normalmente, chegando ao fim de um livro, se oferecem algumas considerações finais. No nosso caso, pensei mais oportuno definir como iniciais estas considerações, porque este escrito quer ser simplesmente o mapa de um possível itinerário de busca espiritual. Então, o mapa é somente o início de um itinerário que cada um depois percorre do seu jeito, com a consciência de que somente “caminhando se abre caminho”.

Para finalizar o esboço deste itinerário não religioso de busca espiritual, deixo-me provocar por uma passagem do evangelho de Mateus, que, de súbito, pareceria colocar em discussão meu modo não religioso de compreender a experiência espiritual. Este texto evangélico é muito importante, porque retoma as últimas palavras de Jesus e, portanto, representa o que poderíamos chamar de testamento espiritual dele. Escutemos:

Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos! (Mt. 28,19-20).

O fato de Jesus enviar seus discípulos a todas as nações, ensinando a observar aquilo que ele mandou, pode se entender na forma não religiosa que vimos, sobretudo, na terceira parte. Mas, quando pede para batizar todas as nações em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, as coisas aparentemente se

complicam. Porque, para nós, o Batismo é um dos sete sacramentos da religião cristã/católica e, considerando deste modo, parece que, conforme o último desejo de Jesus, todas as nações da terra deveriam se converter ao catolicismo e receber o sacramento do Batismo. Infelizmente, na história da Igreja, muitas vezes se pensou deste modo e hoje sabemos quão violenta e pouco evangélica acabou sendo, às vezes, a evangelização.

Mas então, como podemos entender este convite a batizar todas as nações em nome do Pai, de Filho e do Espírito Santo? Acredito que a resposta já foi dada nas páginas anteriores, e agora podemos, simplesmente, retomar e colocar em ordem as ideias. Em primeiro lugar, precisa lembrar que, quando ouvimos falar em batismo, na Bíblia, não podemos pensá-lo imediatamente na forma que o consideramos hoje na religião católica. Consultando o sentido da palavra batismo no dicionário, encontramos duas definições principais: 1. Ritual com que uma pessoa entra a fazer parte da Igreja, o primeiro dos sete sacramentos; 2. Qualquer ritual que tenha valor de consagração e de iniciação à uma nova vida.

É claro que, no tempo de Jesus, não podia ainda ser conhecido nem usado no primeiro sentido, portanto temos que entender o batismo, a que se refere Jesus, no segundo sentido. E este segundo sentido se torna claro quando consideramos o batismo que o próprio Jesus tinha recebido de João Batista. Os que escutavam a pregação de João 'no deserto' reconheciam que seu modo de pensar e de viver não prestava e, então, "eram batizados por ele no rio Jordão" (Mt 3,6), manifestando, assim, o desejo e a disponibilidade de começar a viver de um novo jeito, de entrar em uma nova vida. Quando Jesus se aproxima para receber, ele também, o batismo, João lhe diz que ele não

precisa se batizar; mas Jesus insiste e João o batiza. Então, o que aconteceu?

Batizado, Jesus subiu imediatamente da água e logo os céus se abriram e ele viu o Espírito de Deus descendo como uma pomba e vindo sobre ele. Ao mesmo tempo, uma voz vinda dos céus dizia: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mt 3,16-17).

A experiência do batismo, para Jesus, representa e traduz a profunda experiência espiritual de compreender que o Mistério que o envolve é Pai, e que ele é Filho amado deste Mistério. Nos evangelhos sinóticos, a narração do batismo de Jesus precede a narração das tentações, como se dissesse que somente quem percebe e aceita vitalmente que o Mistério é Pai será capaz de encarar todas as 'tentações' da vida, sem medo e sem procurar soluções que não resolvam nada. Este é o sentido que precisamos dar à frase: no batismo recebemos o Espírito Santo. Isto é, celebrar o batismo significa manifestar nossa disponibilidade e nosso desejo de viver a vida com o mesmo Espírito, a mesma atitude de filho, com que Jesus Cristo a viveu. E quando batizamos crianças pequenas, é porque desejamos este Espírito também para nossos filhos e nos comprometemos a educá-los de forma tal que possam viver a vida como filhos do Mistério.

Então, podemos concluir que, também em relação ao Batismo, como já vimos em relação à Eucaristia, existe um modo religioso/ritual de considerá-lo e um modo não religioso/vital. Qual será o sentido de batismo de que fala Jesus, quando envia seus discípulos para batizar todas as nações? O que interessava a Jesus era ensinar a viver como filhos e "adorar o Pai em

Espírito e verdade". Portanto podemos concluir que o convite a batizar todas as nações 'em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo' não se referia ao batismo religioso/ritual e sim ao não religioso/vital.

Isto é, os discípulos, ensinando a viver como Jesus vivia, eram convidados a ajudar todas as nações da terra a entrar numa nova visão e prática de vida, orientada por um Espírito de Filhos, que se entregam à Paternidade do Mistério. Afinal, trata-se de ajudar a viver "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo".

Apêndice

Dez dicas para permanecer livres

*É para a liberdade que Cristo nos libertou
Permaneçei firmes, portanto, e não vos deixeis
prender de novo ao jugo da escravidão.*

Gálatas 5,1

Deixei, propositalmente, esta reflexão como apêndice, para indicar que a moral, ou seja, as orientações para o nosso agir, vêm somente depois, como consequência do nosso modo de pensar e de ver a vida. O comportamento moral é consequência, não pressuposto da nossa plenitude de vida. Se fundarmos nossa espiritualidade na ética do dever, de nos comportar, de observar as normas, e esquecermos da boa nova que o Mistério é Pai e que nós somos filhos, não seremos mais partícipes da espiritualidade de Cristo e nos tornaremos escravos do dever.

Nosso modo de agir poderá não ser sempre totalmente coerente com nosso modo de pensar, porque, como diz Paulo, às vezes “não faço o bem que eu quero, mas pratico o mal que não quero” (Rm 7,19). Todavia, quanto mais profundas nossas convicções existenciais, mais coerente com tais convicções será nosso agir, apesar dos limites humanos que sempre nos acompanham. Por isso, também em relação ao nosso comportamento, torna-se decisiva a consistência da nossa atitude de espírito, isto é, da espiritualidade com que encaramos a vida.

Dizer que nosso agir é somente uma consequência da espiritualidade não significa que não seja importante. Muito pelo contrário, significa evidenciar corretamente sua importância, enquanto manifestação da relevância pessoal e social de um determinado modo de pensar e sentir a vida. Já vimos como o próprio Jesus convida continuamente a colocar em prática aquilo que dizemos acreditar: não quem ‘diz’ Senhor, Senhor,

mas quem 'faz' a vontade do Pai (Cf. Mt,21). João, na sua primeira carta, escreve: "Se alguém disser: 'Amo a Deus', mas odeia o seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar" (1Jo 4,20). Espiritualidade e vida concreta não são duas coisas separadas ou contrapostas. Escutemos o que nos diz Tiago na sua carta: "De fato alguém poderá objetar-lhe: 'Tu tens fé e eu tenho obras. Mostra-me a tua fé sem obras e eu te mostrarei a fé pelas minhas obras" (Tg 2,18). Isso significa: se tua religião não se manifesta em um novo modo de viver, é uma religião sem espiritualidade, é uma religiosidade 'mentirosa'. Pelo contrário, meu modo de viver, até eu não pertencendo a nenhuma religião, pode mostrar minha fé, isto é, a espiritualidade que orienta todo meu ser e meu agir.

Como já vimos, aquilo que realmente importa é "a fé agindo pela caridade" (Gl 5,6). A espiritualidade é mais importante que a moral, porque a moral nasce da espiritualidade; mas a verdadeira espiritualidade, necessariamente, se expressa, se manifesta, num determinado modo de viver. Nos Atos dos Apóstolos, Lucas nos apresenta os cristãos como 'aqueles do caminho', embora nossas traduções normalmente não retomem esta expressão literal do texto original grego²⁵. O cristianismo se propõe como um caminhar nas pegadas de Cristo, com seu estilo de vida, oferecendo-nos a possibilidade de descobrir, na experiência espiritual, uma liberdade de filhos que nos dá novo fôlego, que nos permite um relacionamento com a vida, os outros e o Mistério como pessoas libertas do medo e de todas as suas consequências.

25 Cf. At 9,2 e respectiva nota.

A moral, portanto, não como condição, mas sim como consequência de uma experiência de libertação. “É para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei firmes, portanto, e não vos deixeis prender de novo ao jugo da escravidão” (Gl 5,1). Uma vez percebida a grandeza de ser amado, a vida muda. Nasce uma série de comportamentos que são comportamentos de filho, de alguém que foi resgatado do medo e da condição de escravo e que quer continuar sendo livre.

Nesta perspectiva podemos reler o Decálogo²⁶. Decálogo, ao pé da letra, significa ‘dez palavras’, não ‘dez mandamentos’, como estamos acostumados a dizer e como encontramos também nas traduções portuguesas do texto original hebraico. “lahweh disse a Moisés: ‘Sobe a mim na montanha, e fica lá; dar-te-ei tábuas de pedra — a lei e o mandamento — que escrevi para ensinares a eles’” (Ex 24,12). O sentido profundo destas tábuas se compreende corretamente à luz da frase final: “que escrevi para ensinares a eles”. Isto é, aquilo que está escrito naquelas tábuas de pedra não são mandamentos ou imposições, e sim ‘instruções’. Por isso, no título deste apêndice, escolhi traduzir Decálogo com ‘dez dicas’, no sentido que usamos quando alguém nos dá uma dica para descobrir algo que estamos procurando e não sabemos onde se encontra.

O Decálogo começa assim: “Eu sou lahweh teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão” (Ex 20,2). Este é o prólogo do Decálogo: Eu sou quem te livrou; agora eu te revelo como permanecer livre, vou te dar dicas em relação a como agir para permanecer livre. O Decálogo não foi promulgado antes da libertação do Egito, como condição da libertação, mas

²⁶ Na Bíblia encontramos duas versões do Decálogo: em Êxodo 20,1-17 e em Deuteronômio 5,6-21.

somente depois que o povo de Israel já tinha sido liberado. Isto é, o Decálogo não diz: se você se comportar, cumprindo o que eu mando, então eu vou te libertar, se não, vou te deixar apodrecer na escravidão. Foi promulgado depois que 'o Senhor fez sair do país do Egito, da condição de escravidão'.

Este é pressuposto de tudo o resto: Eu sou o Senhor que te libertou, independentemente do fato de que tu observasses ou não observasses a lei. Eu gosto de você, não porque você é legal, não porque você é o povo mais numeroso, mas simplesmente porque gosto de você (Cf. Dt 7,7s); eu libertei você gratuitamente porque escutei seu grito, vi sua necessidade e manifestei minha paternidade. Por isso estendi para você a mão e tirei você da escravidão do Egito. Agora, se estiver interessado em permanecer livre, vou revelar para você como pode fazer. O Decálogo é uma 'revelação' antes que um código de leis. Eu vou te revelar, de amigo a amigo, as dicas que podem te permitir permanecer livre e não voltar a cair na escravidão.

O Decálogo é de uma riqueza impressionante e é, no fim das contas, bastante laico, isto é, não diretamente ligado a um discurso religioso particular. Não se preocupa com distinções sacrais, mas indica, de forma elementar, os limites do humano. O Decálogo, conforme a tradição clássica, foi escrito pelo dedo de Deus sobre as tábuas. Podemos entender este 'dedo de Deus' como o próprio Moisés que "subiu a Deus. E da montanha lahweh o chamou" (Ex 19,3); Moisés, que encontra o Mistério "na escuridão de uma nuvem" (Ex 19,9); que "falava e Deus lhe respondia no trovão" (Ex 19,19). Todo o capítulo que, no livro do Êxodo, precede a promulgação do Decálogo nos apresenta uma profunda experiência espiritual de Moisés na solidão do monte Sinai. É neste encontro solitário e profundo com o

Mistério que Moisés recebe a revelação confidencial das dicas que podem permitir permanecer livres e, como 'dedo de Deus', incide nas pedras estas dez dicas confidenciais.

Os estudos bíblicos nos indicam que, para traduzir suas profundas intuições espirituais, Moisés se inspirou em normas que eram, em grande parte, já presentes no mundo e na cultura ética do seu tempo, e que assumem um novo sentido pelo contexto em que são apresentadas, mais do que pelo conteúdo. É importante observar que o Decálogo representa um conjunto de instruções confidenciais que se apresentam também como a nova constituição de um povo. Isto significa que as consequências práticas de um determinado modo de ver a vida não têm a ver somente com o indivíduo particular. Não podemos esquecer que nós não vivemos, e sim convivemos. Portanto, nosso agir individual se torna sempre determinante também para o conjunto da sociedade. Neste sentido, podemos dizer que a espiritualidade, enquanto orienta nosso agir na convivência humana, assume também uma dimensão política decisiva.

Uma das características do Decálogo é que a maioria das dicas sugeridas para permanecer livres se apresentam em forma negativa, começando com um "não fazer isto e isto". Por quê? Porque o Decálogo quer indicar o limite último para não recair na escravidão. Dali para cima existe todo um positivo que não se quer especificar com um receituário daquilo que precisa fazer. Por exemplo, diz: não assassinar. É claro que, dentro do limite extremo de não assassinar, existe todo um campo positivo de compromisso com a vida, que poderá ser detalhado historicamente. Porém, pelo menos, não ultrapassar este limite extremo do assassinio, se não quiser perder de vez esta possibilidade de liberdade que eu dei de presente. Isso, num certo sentido,

é também um ato de confiança na inteligência do ser humano, que não precisa ser instruído detalhadamente sobre o que pode ou não pode fazer. Então se enuncia somente aquilo que negativamente terá de evitar, para não recair na escravidão que estraga a vida.

Vamos fazer, então, uma releitura destas dez dicas, que podem nos ajudar a delinear as grandes coordenadas de uma vida e de uma convivência orientadas por uma espiritualidade que, já desde milênios, se propõe como inspiração para um mundo que acredita na importância de viver na liberdade e na responsabilidade, que nasce do fato de se sentir amados.

I. **Relativize tudo ao único Absoluto**

Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem esculpida, de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima, no céu, ou cá embaixo na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra. Não te prostrarás diante desses deuses nem os servirás (Dt 5,7-9).

Eu te libertei; se quiseres permanecer livre, procure não criar ídolos, não deixar que nada e ninguém se torne um absoluto na tua vida, porque todos os absolutos que tu construíres, acabam sempre assumindo o papel de tiranos na tua vida e, conseqüentemente, te escravizando. Quem está revelando esta dica de liberdade é confiável porque, com seu agir concreto em prol daqueles que eram escravos no Egito, se mostrou como Pai e não com Dono.

A idolatria é a grande ameaça, sempre presente na história bíblica do povo de Israel, como também na nossa história. Ameaça que nasce do medo das dificuldades, que sempre acompanham nossa vida, e da conseqüente preocupação em procurar algo que possa nos tranquilizar. Mas as seguranças que procuramos ou que criamos nunca atendem, de forma satisfatória, àquela sede infinita de vida que não poderá ser saciada com água, que precisamos buscar sempre de novo. Em uma passagem do evangelho de João, Jesus, falando com uma samaritana que estava buscando água em um poço, diz: "Aquele que bebe desta água terá sede novamente; mas quem beber da água que eu lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna". Então a Samaritana lhe diz: "Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir mais aqui para tirá-la!" (Cf. Jo 4,13-15).

Mas, podemos nos questionar, existe esta água? Como podemos encontrá-la? Podemos encontrá-la renunciando a cavar cisternas, "cisternas furadas, que não podem conter água" e confiando na água que brota fresca e limpa da fonte (Cf. Jr 2,13). Podemos encontrá-la renunciando a procurar a 'salvação' por nossa conta em algo que é

apenas madeira cortada da floresta, obra da mão de um artista com o cinzel. Eles a enfeitam com prata e ouro. Com pregos e com martelos a firmam, para que não vacile. Eles são um espantalho em um campo de pepinos. Eles não podem falar; devem ser carregados, porque não podem caminhar! Não tenhais medo deles, porque não podem fazer o mal e nem o bem tampouco (Jr 10,3-5).

É recorrente nos profetas esta forma de descrição dos ídolos como obra das mãos dos homens, que querem reduzir à medida humana o divino, para poder controlá-lo. Superando esta sedução de nos construir uma salvação à medida humana, experimentaremos, finalmente, o que significa ser livres.

A dica aqui oferecida é não deixar que nada e ninguém se torne para nós algo absoluto. Absolutizar algo ou alguém significa conferir-lhe características divinas, que não lhe pertencem e que não terá como satisfazer; por isso, no final, sempre nos decepcionará. “Os ídolos escravizam. Prometem a felicidade, mas não a dão; e passamos a viver por aquela coisa, por essa visão, arrebatados num vórtice autodestruidor, à espera de um resultado que nunca chega”,²⁷ Pode se tratar de uma pessoa como também de coisas ou de ideais.

Também o “não farás para ti imagem esculpida, de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima, no céu, ou cá embaixo na terra...” é uma indicação de não absolutizar aquilo que absoluto não é. Portanto, embora não venerando nenhuma imagem sagrada, se absolutizarmos o dinheiro, o sucesso, o prazer, seremos mais idólatras do que quem, eventualmente, está com a casa cheia de imagens de santos. O ídolo pode até ser, em si, alguma coisa boa, que, porém, se torna má, porque, de bem ‘relativo’, o transformamos em ‘absoluto’. Não se trata de desprezar, mas sim de desmitizar e relativizar tudo ao único Absoluto, se quisermos realmente valorizar o resto. Na realidade, não devemos ter medo de admitir que, na vida, tudo é relativo, inclusive a própria vida; e tudo pode ser valorizado corretamente quando o consideramos como relativo.

²⁷ Papa Francisco. Audiência Geral, 1º de Agosto de 2018.

O único Absoluto é o Mistério que nos liberta, justamente porque é inesgotável e não podemos nunca ter a pretensão de entendê-lo totalmente e de prendê-lo em formas humanas, que podemos controlar como e quando queremos. Neste sentido, precisamos prestar atenção a não transformar em ídolo também este Mistério, através de formas religiosas que não respeitem o seu ser 'totalmente outro'. Muitas vezes, falamos do Mistério divino como se fosse um colega de quem sabemos tudo, e o banalizamos, reduzindo-o à nossa medida. Esquecemos que

os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, e os vossos caminhos não são os meus caminhos, oráculo de lahweh. Quanto os céus estão acima da terra, tantos os meus caminhos estão acima dos vossos caminhos, e os meus pensamentos acima dos vossos pensamentos (Is 55,8-9).

Assim, podemos dizer que, para permanecer livres, é fundamental também não absolutizar nossas modalidades humanas de nos relacionar com o divino, isto é, relativizar a religião à espiritualidade.

II. Deixe que o Mistério seja Mistério

Não pronunciarás em vão o nome de lahweh teu Deus, pois lahweh não deixará impune aquele que pronunciar em vão o seu nome (Dt 5,11).

Esta é outra dica que desenvolve a ideia da primeira para permanecer livres, e que dizia para não absolutizar nada. Mas, também, não absolutizando nada e confiando no Mistério, cuidado com o

modo como nos relacionamos com este Mistério! Não podemos instrumentalizá-lo, nem pensar em poder colocá-lo a nosso serviço. Trata-se de uma tentação que foi também de Jesus, como vimos: "Se és filho de Deus", então coloca-O a teu serviço.

"Não pronunciarás em vão o nome de Iahweh teu Deus" significa não querer tomar posse do Mistério e usá-lo, nem para permanecer livres. O Mistério se manifesta na nossa história humana e, num determinando sentido, torna-se vulnerável. Se o ser humano se aproveitar disso, significa que não conheceu seu Nome: um nome que significa absoluta liberdade e absoluta fidelidade. Se queremos usar Deus, perdemos a liberdade verdadeira que Ele nos deu de presente. A liberdade verdadeira e profunda pressupõe um tipo de espiritualidade que não pretende usar nem o próprio Deus para a própria salvação.

Podemos retomar, novamente, a distinção entre religião e espiritualidade; distinção que não precisa radicalizar, mas que pode nos ajudar a refletir. Podemos ser 'religiosos', mas pouco 'espirituais', e isso é um desastre. Podemos ser religiosos por medo, por necessidade de segurança; a religião pode ser vivida como tradição, prática moral, simples prática ritual, e, então, é um problema porque, entre outras coisas, não conseguimos mais distinguir entre a substância e as formas; tornamo-nos fanáticos ou neuróticos. A religião é autêntica somente quando é expressão de uma espiritualidade que deixa que o Mistério seja Mistério.

Uma falsa religiosidade prejudica grandemente o nome do Mistério, usando-o mal e não observando esta segunda dica. Somente a título de exemplo, podemos lembrar a escrita "Gott mit uns" (Deus está conosco) usada pelos nazistas e nos questionar como podemos associar o Mistério, que é Pai, com a ló-

gica perversa do nazismo. Este uso do nome de Deus é uma blasfêmia, que ofende a todos os que acreditam no Mistério como um Pai e que procuram viver com um espírito de filhos e de irmãos, que se respeitam e se ajudam.

Levar a sério esta segunda dica comporta, portanto, saber viver a religião, em todos os seus aspectos, sempre e somente como expressão de uma espiritualidade em que se deixa que o Mistério seja um Amigo e um Pai, e não um funcionário dos nossos interesses. Uma experiência de espiritualidade que não pretende usar o nome do Mistério como um instrumento de poder. Quem continua identificando Deus e poder opressivo se torna blasfemo e causa de blasfêmia do nome divino: "por vossa causa o nome de Deus está sendo blasfemado entre os gentios" (Rm 2,24).

Esta dica nos ajuda a entender que nosso testemunho ou contratestemunho nos acompanha constantemente: desde que somos batizados "em Nome...", somos responsáveis por este Nome e precisamos prestar atenção para não usá-lo mal.

III. Trabalhe, descanse e deixe descansar

Guardarás o dia de sábado para santificá-lo, conforme ordenou Iahweh teu Deus. Trabalharás durante seis dias e farás toda a tua obra; o sétimo dia, porém, é o sábado de Iahweh teu Deus. Não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu escravo, nem tua escrava, nem teu boi, nem teu jumento, nem qualquer dos teus animais, nem o estrangeiro que está em tuas portas. Deste modo o teu escravo e a tua escrava poderão repousar como tu. Recorda que foste escravo na terra do Egito,

e que lahweh teu Deus te fez sair de lá com mão forte e braço estendido. É por isso que lahweh teu Deus te ordenou guardar o dia de sábado (Dt 5,12-15).

Muitas vezes se considera esta terceira dica de como permanecer livres unicamente em relação ao preceito festivo e, de qualquer forma, se considera tranquilamente como parte da primeira tábua do Decálogo (aquela dos assim chamados deveres para com Deus). Considerando melhor, porém, o objeto próprio desta dica não se refere ao culto religioso, mas sim ao homem e ao seu trabalho.

Aqui encontramos o convite a trabalhar: "trabalharás durante seis dias e farás toda a tua obra". O trabalho é importante, tanto para a sobrevivência física, como para a sobrevivência psicológica da pessoa humana. "Quem não quer trabalhar também não há de comer" (2Ts 3,10), nos lembra Paulo, sem meios termos. Precisa trabalhar, mas sem absolutizar o trabalho. Todos precisam trabalhar e todos precisam descansar, superando uma visão que considerava o tempo livre como privilégio dos deuses, e o trabalho como uma escravidão de que se livrar. O Deus de Israel, pelo contrário, é apresentado com um Deus que trabalha e que descansa. Na versão do Decálogo no livro de Êxodo, lemos: "Porque em seis dias lahweh fez o céu, a terra, o mar e tudo o que eles contêm, mas repousou no sétimo dia; por isso lahweh abençoou o dia do sábado e o santificou." (Ex 20,11).

Escravidão, portanto, não é o trabalho em si, e sim o trabalho feito como no Egito, onde se queria alcançar o máximo resultado sem levar em conta as pessoas, e a finalidade era o bem-estar do Faraó e não de quem trabalhava. Portanto, a libertação do Egito se

apresenta, também, como libertação deste trabalho alienante, não para não trabalhar mais, e sim para trabalhar como pessoas livres. E o sinal desta liberdade consiste no fato de que o israelita comerá ele mesmo do fruto do seu trabalho e a labuta cansativa será interrompida com momentos de descanso. Se quiser permanecer livre, aprenda a não se tornar burro de carga, considerando teu trabalho como salvação do mundo. Lembre-se do sétimo dia, redescubra a gratuidade e a importância de fazer festa. Lembre-se de que o Mistério criador descansou no sétimo dia e lembre-se de que este descanso, esta gratuidade, esta festa faz parte do direito de todos, até dos animais.

Para resgatar o sentido libertador do trabalho humano, porém, não basta a redução da semana de trabalho, mas precisa 'santificar' o dia de descanso. Muitas vezes constatamos que o tempo livre não é efetivamente libertador porque encerrado num círculo vicioso, onde o sentido do trabalho é o tempo livre e o sentido do tempo livre é o trabalho; e tudo isso se torna um não sentido angustiante, que muitas pessoas experimentam na nossa sociedade consumista. Para sair deste não sentido, precisa fazer com que o sétimo dia seja 'santificado', isto é, subtraído ao ritmo e à lógica 'normal'.

A terceira dica contém um princípio revolucionário, que faz com que um dia por semana também o escravo não seja mais escravo. Pelo menos um dia a cada semana, também o escravo tem todos os direitos que os outros têm. É claro que, se isso acontecer um dia a cada semana, estraga o jogo, porque, depois, aquele que o dia anterior foi teu companheiro de festa, com direitos iguais, não poderás tratá-lo de modo escravista, se verdadeiramente levas a sério este princípio. A lógica do sábado insere na nossa convivência um princípio de libertação muito

profundo: lembre-se de que foste escravo e sabes o que significa não ter nem um dia da semana para descansar. Portanto, se quiseres permanecer livre, saiba descansar e permita que todo mundo descanse contigo, pelo menos um dia a cada semana, e este dia se torne sinal e instrumento de uma mentalidade nova, de uma realidade nova.

Nesta perspectiva, assume sentido também o domingo e a celebração da Eucaristia: relacionando nossa vida e nosso trabalho ao Mistério divino, através de Cristo, queremos que permaneça algo criativo e solidário, para nós e para todos, conjugando eficiência e solidariedade, responsabilidade e gratuidade, labuta e festa. A terceira dica, portanto, é uma indicação de liberdade que deve mudar nosso modo de conceber o trabalho. Se quiseres permanecer livres, não absolutizes o trabalho, não absolutizes tua obra, teu fazer, como se fosse o que pode salvar o mundo. Saiba festejar e saiba partilhar esta festa com os outros, porque todos têm direito a isso. Saiba redescobrir a gratuidade do viver e do conviver no mundo.

Acredito que esta terceira dica para ser livres, hoje, nos provoca a pensar seriamente no 'novo normal' pós-pandêmico, lembrando também a tradição hebraica do ano sabático. No capítulo 25 de Levítico, apresenta-se detalhadamente a prescrição do ano sabático, como um período em que se devia deixar descansar a terra, e não somente isso. Devia-se também perdoar as dívidas e permitir o resgate das propriedades ou da liberdade eventualmente perdidas. Tratava-se de um verdadeiro recomeço, oferecendo para todo mundo uma nova oportunidade.

Para que apareçam novos modelos de progresso, precisamos de «converter o modelo de desenvolvimento global», e isto implica refletir responsabilmente «sobre

o sentido da economia e dos seus objetivos, para corrigir as suas disfunções e deturpações». Não é suficiente conciliar, a meio termo, o cuidado da natureza com o ganho financeiro, ou a preservação do meio ambiente com o progresso. Neste campo, os meios-termos são apenas um pequeno adiamento do colapso. Trata-se simplesmente de redefinir o progresso. Um desenvolvimento tecnológico e económico, que não deixa um mundo melhor e uma qualidade de vida integralmente superior, não se pode considerar progresso²⁸.

Depois deste período de pandemia, deveríamos pensar não em voltar à normalidade, mas sim em recomeçar com uma nova lógica, a lógica pressuposta pela terceira dica que o Mistério nos revelou.

IV. Cuide do fraco

Honra teu pai e tua mãe, conforme te ordenou Iahweh teu Deus, para que os teus dias se prolonguem e tudo corra bem na terra que Iahweh leu Deus te dá (Dt 5,16).

Novamente: Eu te libertei; se quiseres permanecer livre, aprenda a honrar teu pai e tua mãe. Esta dica também foi muitas vezes mal entendida, porque logo se pensa que seja para as crianças. Mas não é. O Decálogo falava aos adultos; portanto, dizer a um adulto: honra teu pai e tua mãe, não significa que o pequeno e o fraco precisam respeitar a autoridade do grande e do forte; significa que o forte, o robusto, o jovem deve respeitar

²⁸ Papa Francisco, Carta Encíclica “*Laudato si’*”, n. 194. (24 de maio de 2015)

o fraco, isso é o pai e a mãe idosos. Por isso, é exatamente o contrário daquilo que muitas vezes se pensa, isto é, que essa dica fala do respeito à autoridade. Podemos até considerar este aspecto, mas, em primeira instância, aqui se diz: se quiser permanecer livre, você, que é forte, jovem, robusto, respeite o fraco, respeite seu pai. "Mesmo que a sua inteligência faltar, sê indulgente com ele, não o menosprezes, tu que estás em pleno vigor" (Eclo 3,13). Respeita sua mãe que, eventualmente, não é mais autossuficiente e precisa de todo teu apoio. Numa entrevista concedida durante a pandemia, o Papa Francisco, falando das dificuldades dos idosos, diz:

Apesar de tudo, os idosos continuam sendo as raízes. E precisam falar com os jovens. Esta tensão entre velhos e jovens deve sempre se resolver no encontro. Porque o jovem é broto, folhagem, mas precisa da raiz, sem a qual não pode dar fruto. O idoso é como a raiz. Aos idosos de hoje quero dizer: sei que vocês sentem a morte perto e que tem medo, mas dirigem o olhar do outro lado, lembrem os netos e não deixem de sonhar. É isso que Deus vos pede: de sonhar (Joel 3,1). O que tenho a dizer aos jovens? Tenham coragem de olhar mais adiante e sejam profetas. Ao sonho dos idosos corresponda a vossa profecia. Isso também se encontra em Joel 3,1.²⁹

A passagem do profeta Joel, citada pelo Papa, diz: "Depois disso, derramarei o meu espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos anciãos terão sonhos, vossos jovens terão visões" (Jl 3,1). Juntos, jovens e idosos, podem

²⁹ IVEREIGH, Austen. "Il Papa confinato. Intervista a Papa Francesco". *Civiltà Cattolica*, 8 aprile 2020. (Tradução nossa)

continuar a viver livres, sonhando e construindo um mundo de solidariedade.

Você, que é forte, respeite a vida que precede a sua, não tanto porque tem mais poder e mais autoridade, mas justamente porque, na sua fraqueza, precisa de você. Você, que é forte, respeite o fraco; você, que é forte, cuide de quem não tem como se defender sozinho, de quem pode precisar de você. A entrevista do Papa, que acabamos de citar, se encerra com uma imagem poética de profunda beleza:

E vem à minha mente outro verso de Virgílio, quando Enéas, derrotado em Troia, tinha perdido tudo e lhe sobravam duas saídas: ou ficar lá chorando e dando fim à sua vida, ou fazer aquilo que tinha no coração, ir além, ir rumo os montes para se afastar da guerra. Trata-se de um verso magnífico: *Cessi, et sublato montem genitore petivi*. "Me conformei e, carregando o pai, fui para os montes". É isso o que todos nós precisamos fazer hoje: lançar mão das raízes das nossa tradições e subir os montes³⁰.

Eis o sentido da quarta dica para permanecer livres. Se quiser permanecer livre, encare a vida e o relacionamento com quem precisa de você, não aproveitando da sua força, da sua superioridade, da sua inteligência: respeite quem é mais fraco, "para que os teus dias se prolonguem e tudo corra bem na terra que lahweh teu Deus te dá". Eis aqui um dos traços da moral que muitas vezes esquecemos. Para que agir desta forma? Para ser

³⁰ Idem. Observem a 'catolicidade' deste Papa, que nos apresenta como exemplo uma personagem da literatura antiga grega, muito anterior à época do cristianismo.

feliz com as pessoas que estão conosco: para você ser feliz na terra que eu darei.

A este propósito, tem uma passagem muito bonita do Deuteronômio, onde se destaca esta perspectiva de vida.

Eis que hoje estou colocando diante de ti a vida e a felicidade, a morte e a infelicidade. Se ouvires os mandamentos de Iahweh teu Deus que hoje te ordeno — amando a Iahweh teu Deus, andando em seus caminhos e observando seus mandamentos, seus estatutos e suas normas —, viverás e te multiplicarás. Iahweh teu Deus te abençoará na terra em que estás entrando a fim de tomares posse dela. [...] eu te propus a vida ou a morte, a bênção ou a maldição. Escolhe, pois, a vida, para que vivas tu e a tua descendência, amando a Iahweh teu Deus, obedecendo à sua voz e apegando-te a ele. Porque disto depende a tua vida e o prolongamento dos teus dias. E assim poderás habitar sobre este solo que Iahweh jurara dar a teus pais, Abraão, Isaac e Jacó. (Dt 30,15-20).

Aquilo que nos é proposto é para poder ser felizes, não para nos criar obstáculos e estragar nossa festa, e sim para continuar sendo livres e felizes naquela liberdade que o Mistério nos oferece gratuitamente. Por isso, precisamos entender também a palavra 'pecado' no sentido que usamos na linguagem comum. Quando alguém perde uma grande oportunidade, por qualquer motivo, a gente exclama: "pecado! Tinha a possibilidade de realizar algo grande e bonito e perdeu a oportunidade!" Isso é o pecado: Uma oportunidade perdida, uma possibilidade de vida melhor desperdiçada.

V. Respeite a vida

Não matarás (Dt 5,17).

Este não matar seria melhor traduzi-lo com “não assassinar”. O verbo aqui utilizado (*rasach*) não se refere nem à pena de morte, nem à morte do inimigo em guerra. Indica somente o assassinato de um cidadão israelita, livre e com plenos direitos; o derramar sangue de um inocente inerte e tirar a vida ilegalmente, também tirando os meios de subsistência digna (Cf. Eclo 34,20-22). No Antigo Testamento, o matar era bastante ‘normal’, aliás, a não observância das leis principais tinha como penalidade a eliminação física, a morte. Paradoxalmente, o respeito à vida era tão importante que tudo aquilo que a ameaçasse não merecia mais viver. Na quinta dica que nos é oferecida, porém, está já claramente afirmado o princípio que ninguém pode se considerar dono da vida e da morte de ninguém, como, ao invés, pretendia o Faraó no Egito, a terra da escravidão, e como continuam pretendendo todos os faraós de hoje, quando contrapõem falsamente a boa saúde da economia com a boa saúde do povo, e consideram a primeira mais importante do que a segunda.

Esta dica, portanto, indica como limite último o “não assassinar”, mas, positivamente, se abre sobre o amplo horizonte do respeito à vida. Respeitar a vida inclui toda uma série de questões que hoje são de extrema atualidade e que, no tempo em que o Decálogo foi promulgado, não existiam ainda: desde a questão da ecologia e de um sistema econômico excludente, até toda a problemática atual relacionada às descobertas da ciência, que podem interferir na manipulação da vida humana.

Não podemos, aqui, considerar a riqueza e complexidade dos problemas que têm a ver com o respeito da vida. Simplesmente vou retomar umas considerações fundamentais do Papa Francisco na Audiência Geral em que comemorou os 25 anos da encíclica *Evangelium vitae* de S. João Paulo II.

Portanto, a mensagem da Encíclica *Evangelium vitae* é mais atual do que nunca. Além das emergências, como a que estamos a viver, trata-se de agir a nível cultural e educativo, para transmitir às gerações vindouras uma atitude de solidariedade, de atenção e de acolhimento, consciente de que a cultura da vida não é património exclusivo dos cristãos, mas pertence a todos aqueles que, trabalhando pela construção de relações fraternas, reconhecem o valor próprio de cada pessoa, até quando é frágil e sofredora. [...] Por isso, com São João Paulo II, que escreveu esta Encíclica, reitero com renovada convicção o apelo que ele dirigiu a todos há vinte e cinco anos: «Respeita, defende, ama e serve a vida, cada vida humana! Unicamente ao longo deste caminho encontrarás justiça, progresso, verdadeira liberdade, paz e felicidade!» (Enc. *Evangelium vitae*, 5).³¹

Somente no caminho do respeito à vida, a humanidade poderá encontrar “justiça, progresso, verdadeira liberdade, paz e felicidade”. Trata-se de cinco palavras que não podemos separar; entender que nenhuma existe realmente quando separada das outras é a dica que pode nos permitir o respeito e a promoção da vida. Se quiser permanecer verdadeiramente livre, respeite a vida, promova a vida. Não mate a vida, de nenhuma forma. A vida é sempre algo que brota do Mistério e, enquanto tal,

31 Papa Francisco. Audiência Geral, 25 de março de 2020.

sempre é inocente. Qualquer forma de ameaça à vida, portanto, é uma espécie de assassinato. Comentando esta palavra do Decálogo, Jesus nos convida a erradicar, em nós, toda atitude de hostilidade que pode, até somente ao longe, ameaçar a vida do próximo. “Não amar é o primeiro passo para matar; e não matar é o primeiro passo para amar”³². Nesta perspectiva, chega até à indicação da não-violência absoluta, possível se estivermos dispostos a superar a contraposição amigo/inimigo e o dogma da meritocracia (Cf. Mt 5,38-48).

VI. Respeite o amor

Não cometerás adultério (Dt 5,18).

Para entender corretamente esta dica precisamos nos perguntar por que o adultério coloca em perigo a possibilidade de ser livres, quando, segundo certa forma de pensar, pareceria exatamente o contrário. Para algumas pessoas, permanecer fiéis é considerado como uma forma de escravidão e não de liberdade, tanto que se brinca com quem está prestes a casar, alertando-o que o casamento é uma prisão. Mas, justamente quando alguém decide se casar, não leva a sério tal brincadeira, porque acredita no amor e sente que pode se comprometer para sempre com a pessoa amada. E pode fazer a promessa de amar por toda a vida, e até mais, porque sente que o amor, enquanto tal, é para sempre.

Este sentimento tem a ver com o Mistério. Na primeira carta de João, encontramos a definição mais bonita do Mistério: “Deus é

32 Papa Francisco. Audiência Geral, 17 de outubro de 2018.

Amor: aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele" (1Jo 4,16). Amor, portanto, é outro modo com que podemos nomear o Mistério em que nos encontramos mergulhados. E este amor é um amor que não tem fim, que é para sempre, apesar de todos os altos e baixos da vida. A este amor podemos nos entregar sem medo, pois nunca irá nos decepcionar. Assim, quem acredita neste amor fiel para sempre, torna-se capaz de conduzir a própria vida conforme este mesmo amor: "Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu Amor em nós é levado à perfeição" (1Jo 4, 12). Nesta altura, podemos entender por que evitar o adultério é tão importante. O adultério questiona o fato de que a pessoa humana seja capaz de um amor como o do Mistério.

Esta dica nos diz que o amor, intrinsecamente irrevogável, é possível também para o ser humano e se torna nele manifestação do amor fiel do Mistério. Acreditar neste amor é radicalmente libertador; não acreditar nele é adultério e prejudica o relacionamento com os outros, a começar pelo parceiro. Podemos, então, retraduzir esta dica de liberdade como um convite a não "adulterar" o amor. Se adultera um bom vinho quando se mistura com água; assim, se adultera o amor quando o misturamos com outras coisas que não têm nada a ver com o amor. Esta adulteração pode levar uma pessoa a não acreditar mais no amor. É muito triste quando se encontram pessoas, sobretudo quando ainda jovens, que dizem não acreditar mais no amor. Se quiser permanecer livre, acredite na possibilidade de amar e preste muita atenção em não prejudicar esta confiança na possibilidade de amar. Não perca a confiança no amor, adulterando-o com atitudes egoístas, interesseiras, possessivas.

Para refletir ainda um pouco sobre este aspecto importante da nossa experiência humana, vou retomar Aristóteles, grande filósofo grego do IV século antes de Cristo. Na sua bela e importante obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles dedica amplo espaço ao tema da amizade. A forma como ele trata deste tema é para nós, hoje, muito interessante, porque analisa três modalidades distintas de relações, que podemos aplicar também ao amor. Amor é uma daquelas palavras muito inflacionadas que, não prestando atenção a como a usamos, acaba justamente por adulterar o bom vinho a que se refere. Aristóteles nos ajuda a distinguir o bom vinho de outras misturas, com a ajuda também da língua grega, que usa palavras diferentes para indicar aquilo que nós chamamos de amor.

A primeira modalidade de nos relacionarmos com os outros, diz Aristóteles, é a modalidade 'erótica'. A forma de 'amor' que os gregos chamam de *eros* se manifesta quando gostamos de alguém somente por interesse, isto é, nos relacionamos com os outros quando e até quando os outros podem nos dar algo em troca, seja isso físico, psicológico ou material. A segunda modalidade de nos relacionarmos com os outros é aquela caracterizada pela *filia*, isto é, pela simpatia que nasce de uma certa sintonia que sentimos para com os outros. Amamos os que têm afinidade conosco, que pensam como nós e com os quais nos encontramos à vontade. Mas estas duas modalidades de amor ou de amizade, não são para sempre: duram até quando o outro me interessa ou sintoniza comigo, porque, na realidade, diz Aristóteles, nestas modalidades de amor não amamos realmente a outra pessoa, e sim aquilo que a outra pessoa pode me proporcionar, afetivamente ou materialmente.

A terceira modalidade de relacionamento é aquela que o grego chama ágape e, para exemplificar esta forma de relação, Aristóteles recorre ao amor materno, onde podemos ver efetivamente a preocupação constante e fiel para com a outra pessoa, também quando, eventualmente, não se recebe nada em troca. Nesta forma de amor é mais importante "amar que ser amado" (expressão do próprio Aristóteles), e se exclui qualquer traição³³.

Claramente, o que nós chamamos de amor não precisa deixar de lado a dimensão erótica e afetiva. Não somos anjos e, quando amamos alguém, esperamos sempre algum retorno, sobretudo afetivo; isso é humano e normal. Mas o que faz a diferença é a motivação principal do nosso relacionamento com os outros. Se a motivação principal for algum tipo de interesse material ou afetivo, tal motivação acabará por adulterar o amor e sabemos, de antemão, que esta relação não durará. Mas, se acreditarmos ser mais importante amar que ser amado e nos preocuparmos efetivamente com o bem dos outros, receberemos com gratidão e alegria as recompensas afetivas ou materiais que podem derivar deste amor, mas não serão essas recompensas a condição necessária para continuar amando.

A ampliação da sexta dica a todo o campo da sexualidade deve ser lida nesta perspectiva. A sexualidade na Bíblia não é sacralizada, nem considerada diabólica, mas é vista em relação à imagem do Mistério, que é comunhão e amor (Cf. Gn 1,27). Separar a sexualidade do amor corre o risco de instrumentalizá-la para fins diferentes daquele do amor ágape e acaba por prejudicar a confiança na possibilidade de amar, tornando os seres hu-

33 Cf. ARISTÓTELE. *Ética a Nicômaco*, Livro VIII.

manos cada vez mais infelizes e neuróticos. Acreditar em um amor não adulterado é comprometedor, mas é a única via para permanecer naquela liberdade que o Mistério nos deu de presente, experimentando, assim, o gosto de viver.

VII. Respeite a destinação universal dos bens

Não roubarás (Dt 5,18).

Trata-se de uma dica que não quer tutelar principalmente coisas, e sim pessoas; o sentido original do verbo usado parece se referir ao sequestro e é o mesmo usado em Dt 24,7: “Se alguém for pego em flagrante sequestrando um dos irmãos, dentre os filhos de Israel — para explorá-lo ou vendê-lo — tal sequestrador será morto. Deste modo extirparás o mal do teu meio.”. No horizonte aparece sempre o contexto do Êxodo, onde nasceu o Decálogo: ninguém pode ser escravizado, de nenhuma forma. A sétima dica revelada, portanto, visa defender a pessoa humana e sua liberdade, respeitando também tudo o que lhe pertence e, de certa forma, o representa. Eu libertei você a fim de que você permaneça livre. Se quiser permanecer livre, não abuse dos bens materiais, tirando-os dos outros.

Relida à luz do ensinamento de Jesus, esta palavra do Decálogo se posiciona claramente contra qualquer forma de acumulação de bens e de enriquecimento como fim em si. (Cf. Lc 12,13-21; 16,1-14). A acumulação dos bens não ameaça somente o próximo, como também ameaça a felicidade e a liberdade autêntica daqueles que a praticam.

Deveria ser altamente instrutiva uma *desconcertante verificação* do período mais recente: ao lado das misérias do subdesenvolvimento, que não podem ser toleradas, encontramos-nos perante uma espécie de *superdesenvolvimento*, igualmente inadmissível, porque, como o primeiro, é contrário ao bem e à felicidade autêntica.³⁴

O 'não roubarás' precisa ser lido na perspectiva da destinação universal dos bens. Antes do direito à propriedade particular, dizem também os documentos da doutrina social da Igreja, vem o direito de todo mundo ter o necessário. Por isso o princípio do não roubar não defende tanto a propriedade de quem tem, quanto o direito de cada um ter o necessário para viver. A propriedade particular é um meio e não um fim; isso significa que é legítima porque e até quando serve à realização desta finalidade superior, que é fazer com que todo mundo tenha o necessário para viver decentemente. Já na "Populorum Progressio" de Paulo VI se dizia que todos os direitos, inclusive o da propriedade particular, estão subordinados à destinação universal dos bens. Isso significa que "Ninguém tem direito de reservar para seu uso exclusivo aquilo que é supérfluo, quando a outros falta o necessário".³⁵ Neste sentido, acumular o supérfluo, quando os demais carecem do necessário, torna-se já uma forma de roubo. O não roubar é um princípio que se relaciona ao uso dos bens da terra, na perspectiva correta e libertadora que é a da solidariedade.

34 João Paulo II. Carta Encíclica "*Sollicitudo Rei Socialis*", n. 28. (30 dezembro de 1987)

35 Paulo VI. Carta Encíclica "*Populorum Progressio*", n. 23. (26 de março de 1967)

A solidariedade é uma reação espontânea de quem reconhece a função social da propriedade e o destino universal dos bens como realidades anteriores à propriedade privada. A posse privada dos bens justifica-se para cuidar deles e aumentá-los de modo a servirem melhor o bem comum, pelo que a solidariedade deve ser vivida como a decisão de devolver ao pobre o que lhe corresponde.³⁶

Além disso, a solidariedade nos assegura que, não acumulando de forma prejudicial ao próximo, tem o necessário para todo mundo e até mais. Depois da partilha dos pães, narrada pelo evangelho de João, Jesus pede aos discípulos que recolhem o que tinha sobrado e eles “encheram doze cestos com os pedaços dos cinco pães de cevada deixados de sobra pelos que se alimentaram” (Jo 6,13). Quem quiser acumular somente para si mais do que o necessário rouba à humanidade a possibilidade de experimentar o milagre e a alegria libertadora da solidariedade.

VIII. Respeite a verdade

Não apresentarás um falso testemunho contra o teu próximo (Dt 5,20).

Se quiser permanecer livre, não prejudique a possibilidade da confiança recíproca. No contexto em que nasce o Decálogo, sabemos que a condenação ou absolvição de um indivíduo se dava pelo testemunho de duas pessoas. Portanto pronunciar falso testemunho se tornava uma questão de vida ou de morte

³⁶ Papa Francisco. Exortação Apostólica “*Evangelii Gaudium*”, n. 189. (24 de novembro de 2013)

e podia criar o caos na convivência humana. Podia-se provocar a condenação de um inocente, prejudicando, assim, a confiança recíproca e a possibilidade de contar com os outros, com a consequência de cada um fazer justiça por própria conta, aceitando como normal a lei do mais esperto e do mais forte.

Proibir a mentira significa tutelar a confiança entre as pessoas, na busca comum de uma verdade que nos libertará: "Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discipulos e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará" (Jo 8,32). Mas qual é a verdade que nos liberta, quando a encontramos? Conhecer a verdade não significa conhecer, com certeza, o que é verdadeiro, mas conhecer o que é, ou melhor dizer, quem é a verdade. É quando descobrimos que a verdade é o rosto humano do Mistério, que a verdade nos libertará.

A verdade nos torna livres quando acreditamos que existe, mas que, como o Mistério, ela é inesgotável e, portanto, não podemos ter a pretensão de conseguir dizê-la totalmente ou usá-la em nosso proveito, como acontece quando esta passagem do evangelho é citada no contexto de determinadas ideologias que, na realidade, não se preocupam minimamente com a verdade. A verdade liberta quando não temos a pretensão de identificá-la com nossas certezas e a procuramos continuamente dialogando com os outros, cientes de que ela é sempre mais do que aquilo que já conhecemos, porque a verdade tem a ver com o Mistério. Como o Mistério, que nunca acabamos de compreender, assim, a verdade nos livra de toda forma de arrogância e de fanatismo, porque sabemos que nunca chegaremos a conhecê-la totalmente.

Essa dica de liberdade, à luz da introdução ao Decálogo, assume hoje um sentido especial em relação aos meios de comunicação social.

Hoje, o ambiente dos mass-media é tão invasivo que já não se consegue separar do círculo da vida quotidiana. A rede é um recurso do nosso tempo: uma fonte de conhecimentos e relações outrora impensáveis. Mas numerosos especialistas, a propósito das profundas transformações impressas pela tecnologia às lógicas da produção, circulação e fruição dos conteúdos, destacam também os riscos que ameaçam a busca e a partilha duma informação autêntica à escala global. Se é verdade que a internet constitui uma possibilidade extraordinária de acesso ao saber, verdade é também que se revelou como um dos locais mais expostos à desinformação e à distorção consciente e pilotada dos factos e relações interpessoais, a ponto de muitas vezes cair no descrédito³⁷.

No processo sobre as formas de opressão que ameaçam a convivência humana, também os meios tradicionais de comunicação são, muitas vezes, falsos testemunhos, falsos profetas com a tarefa de fazer adorar a besta, legitimando seu agir.

Vi depois outra Besta sair da terra: tinha dois chifres como um Cordeiro, mas falava como um dragão. Toda a autoridade da primeira Besta, ela a exerce diante desta. E ela faz com que a terra e seus habitantes adorem a primeira Besta, cuja ferida mortal tinha sido curada. [...] ela seduz os habitantes da terra, incitando-os a fazerem uma

37 Papa Francisco. *Mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. (2 de junho de 2019)

imagem em honra da Besta [...] Faz também com que todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos recebam uma marca na mão direita ou na fronte, para que ninguém possa comprar ou vender se não tiver a marca, o nome da Besta ou o número do seu nome (Cfr. Ap 13,11-17).

Como Jesus, somos chamados a viver "para dar testemunho da verdade" (Gv 18,37), mas não um falso testemunho. As *fake News*, como tudo o que atrapalha o caminho da verdade, atrapalha também o caminho da liberdade.

IX – X. Administre corretamente teus desejos

Não cobiçarás a mulher do teu próximo; nem desejarás para ti a casa do teu próximo, nem o seu campo, nem o seu escravo, nem a sua escrava, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença a teu próximo (Dt 5,21).

Trata-se de duas dicas de grande finura moral, que destacam algo muito bonito. Depois de todas as outras dicas para permanecer livres, tem mais estas muito importantes: administre corretamente seus desejos. Se quiser permanecer livre, administra teus desejos, porque, no fim das contas, é daí que derivam todas as encrencas, todos os problemas e todas as formas de escravidão. "Com efeito, é do coração que procedem más intenções, assassínios, adultérios, prostituições, roubos, falsos testemunhos e difamações" (Mt 15,19).

Verifique o que te interessa de verdade, o que está dentro de ti, porque é daí que se origina a orientação para teu modo de agir.

Pois onde está o teu tesouro aí estará também teu coração. A lâmpada do corpo é o olho. Portanto, se o teu olho estiver são, todo o teu corpo ficará iluminado; mas se o teu olho estiver doente, todo o teu corpo ficará escuro. Pois se a luz que há em ti são trevas, quão grandes serão as trevas! (Mt 6,21-23).

Desejos sombrios nos levam a um agir sombrio e podem, verdadeiramente, prejudicar nossa liberdade. Desejos luminosos nos levam a um agir libertador e iluminam nossa vida e a dos outros.

Mas para viver assim — ou seja, na beleza da fidelidade, da generosidade e da autenticidade — precisamos de *um coração novo*, habitado pelo Espírito Santo (cf. *Ez* 11, 19; 36, 26). Pergunto-me: como acontece este "transplante" de coração, do coração velho para o coração novo? Através da dádiva de *desejos novos* (cf. *Rm* 8, 6), que são semeados em nós pela graça de Deus, de maneira especial mediante os Dez Mandamentos, levados a cumprimento por Jesus, como Ele ensina no "sermão da montanha" (cf. Mt 5, 17-48)³⁸.

As duas últimas dicas para permanecer na liberdade se referem diretamente à questão do desejo da mulher do próximo (nona) e das coisas do próximo (décima) e relembram o início do Gênesis, sobretudo o capítulo segundo, onde se fala do Mistério que coloca o homem no jardim, para que o cuide e o cultive com respeito. A dica para poder viver bem em harmonia profunda, e, portanto, em liberdade profunda, neste mundo, é rejeitar a atitude de ganância, de posse. O que estraga tudo é o desejo incontrolado de 'comer'.

38 Papa Francisco. Audiência Geral, 28 de novembro de 2018.

Estas duas últimas dicas chegam até a raiz de muitos males. Jesus diz: "Ouvistes que foi dito: Não cometerás adultério. Eu, porém, vos digo: todo aquele que olha para uma mulher com desejo libidinoso já cometeu adultério com ela em seu coração" (Mt 5,27-28). Quanta cumplicidade, quanta ambiguidade pode ter em um olhar. O olhar diz muito a respeito do nosso coração, da nossa atitude de fundo, dos nossos desejos. É preciso, portanto, ir além da moral dos atos, daquilo que fazemos ou deixamos de fazer, e verificar aquilo que, no fim das contas, desejamos ou não desejamos, aquilo que nos interessa ou não nos interessa. O que é que está dentro de nós? A verdadeira novidade da nossa atitude consiste em verificar o que está em nós. Podemos até, externamente, parecer perfeitos, mas o Mistério, que vê o coração, e nós também que, apesar dos limites, conhecemos nosso coração, sabemos que ele está doente, se nossos desejos não forem corretos. Às vezes, essas últimas dicas não são muito valorizadas, mas, na realidade, representam o coração de todo o Decálogo.

– Por uma moral do desejo renovado

Para refletir mais um pouco sobre como nosso agir depende da nossa espiritualidade, vou propor a leitura do capítulo oitavo da carta aos Romanos, onde se fala também dos desejos.

Com efeito, os que vivem segundo a carne desejam as coisas da carne, e os que vivem segundo o espírito, as coisas que são do espírito. De fato, o desejo da carne é morte, ao passo que o desejo do espírito é vida e paz" (Rm 8,5-6).

Falar em desejos do Espírito (sempre com letra maiúscula: o Espírito de Cristo, o Espírito de filho), não é um discurso de espiritualismo, mas sim um convite a nos perguntar: o que é que orienta nosso agir? A carne, tudo aquilo que materialmente nos amarra aos bens materiais, aos espíritos imundos, ou o Espírito de filhos? Procurando fazer crescer em nós este Espírito de filhos com seus desejos, tais desejos levarão à vida e à paz. Volta o "para que você seja feliz". Se quiser permanecer livre, cuide do teu interior, cuide daquela parte de te onde se manifesta o que é mais importante e determinante para a tua vida.

Os desejos do Espírito levam à vida e à paz. Acredito que, nesta vida e nesta paz que podemos experimentar, exista uma comprovação da honestidade do nosso caminho, da nossa busca e também das nossas escolhas de consciência. O que pode nos tranquilizar a respeito das nossas escolhas é esta experiência interior de paz que podemos experimentar. O fato de existir um pouco de desequilíbrio em nós é um fator de crescimento importante. O fato de ter fome é uma sorte, porque nos ajuda a não morrer por falta de alimento. O estímulo da sede é algo que nos salva da desidratação. Do mesmo modo aquela insatisfação humana, espiritual, que pode estar em nós é positiva. Não, porém, quando se torna angustiante, porque expressão de uma mentalidade de escravos, que nos faz sentir continuamente em dívida para com o dever e a lei, mas quando nos faz sentir sempre a necessidade de crescer em nosso ser filhos, em nosso corresponder ao amor de um Mistério que é sempre extremamente criativo e desafiador.

Concluindo, podemos dizer que a moral, que nasce daquela espiritualidade não religiosa que estamos procurando, é uma moral do desejo renovado no Espírito de Cristo. Por isso é uma moral libertadora. O Espírito que pode despertar desejos renovados é o Espírito de Cristo, que se torna em nós "Espírito de filhos adotivos" (Rm 8,15); um Espírito que nos liberta da agonia destrutiva de 'nos salvar' por nossa conta e do medo de não conseguir.

Aparecem, atrás deste discurso, as diversas formas de nos relacionar com o Mistério, que se tornam, depois, lógicas diversas de vida, que, retomando o Decálogo, podemos sintetizar no modo seguinte. O ser humano, que pensa ter que se salvar por conta própria, criará continuamente ídolos que lhe ofereçam segurança(I), tentará se aproveitar da religião (II), considerará como absoluta sua atividade (III), pensará somente em si (IV), não terá problema em usar da violência (V), em usar os outros (VI), procurará acumular o mais possível (VII), considerará como verdadeiro somente o que serve a seus interesses (VIII) e, não alcançando nunca aquilo que deseja, viverá em contínua insatisfação e frustração (IX e X). "Quem ama sua vida a perde" (Cf. Jo 12,25). Quem, pelo contrário, com Espírito de filho, acredita no amor do Mistério que liberta e salva, viverá conforme o Decálogo quase sem se dar conta, e será feliz.

Nós estamos sempre em constante tensão entre estas duas lógicas e somos convidados a renascer através das dores de um parto que dura a vida toda.

Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente. E não somente ela. Mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, suspirando pela redenção do nosso corpo (Rm 8,22-23).

Nossa vida é como um caminho no deserto, onde podemos nos alegrar com os presentes que o Mistério nos dá e ir em frente rumo a uma plenitude que não está aqui. Encontramos na Bíblia, e também fora dela, muitos exemplos de pessoas com profunda espiritualidade, que podem nos guiar e nos ajudar neste nosso caminho.

Às vezes, penso no Mistério como num excelente treinador, que quer me ajudar a crescer e me tornar um campeão no salto em alturas. Acontece que, quando consigo alcançar determinada altura, fico todo feliz e satisfeito do resultado obtido. Nesta altura, porém, posso começar a me preocupar, porque meu Treinador irá elevar o nível. De repente, descubro que não consigo mais e desanimo, começando a pensar que não presto para nada. Nem lembro mais daquilo que conseguia fazer antes. Mas o Mistério não abaixa o nível das exigências, até eu conseguir alcançar um novo patamar. Depois disso, poderá me deixar curtir um pouco o resultado alcançado, mas irá elevar novamente o nível. Uma vez entendida a pedagogia dele, não terei mais medo. Uma vez entendido que ele é um bom treinador, que faz isso porque acredita em mim, porque sabe que posso fazer mais, sabe que tenho capacidades, então, não irei mais desanimar. Quando ele elevar o nível de exigências e eu não conseguir dar conta, lhe direi: muito bem, deixe eu descansar um pouco, tenha paciência comigo que já vou tentar de novo. Assim se instaura um relacionamento de filho que sabe que o Pai me espera, me respeita e me ensina a ter paciência comigo mesmo; me ensina a saber me esperar, a saber me respeitar, a não ter nojo de mim, porque ele não desgosta de mim, até quando não consigo, ainda, dar o melhor de mim.

Ensina-me também a gostar de mim, não de forma narcisista, egoísta, mas da mesma forma que ele gosta de mim. Aprendendo a confiar em mim mesmo, como o Mistério confia em mim, a me considerar como filho, em quem o Pai se compraz (Mt 3,17); então, aprendo também a aceitar meus limites, sem medo, sem agonia. Aprendo a não me acomodar, e sim a caminhar em um Espírito de filho que sabe não se satisfazer com pouco demais, porque sabe que o Mistério é Pai e Mãe: é amor incondicional mas também amor que coloca exigências para o meu crescimento. Este relacionamento de filho é o que me ajuda a crescer e me liberta dos medos, dando-me de presente aquela vida e aquela paz que são fruto dos desejos do Espírito.

Frente ao desafio existencial provocado pelo Mistério da vida, podemos assumir essencialmente três tipos diversos de atitudes. A primeira atitude é aquela religiosa, porém de uma religiosidade sacral, que pensa encontrar as respostas da vida prontinhas e seguras nos ritos, nas tradições, nas doutrinas da própria religião.

Um outro tipo de atitude frente às provocações do Mistério é a sua negação, isto é: o ateísmo. Nega-se a existência do Mistério, pensando que podemos explicar tudo com a razão e com a ciência, e que apenas em nós devemos procurar e achar todas as respostas. Entretanto, os ateus também querem respostas que os confortem e que lhes deem segurança e, nesse sentido, se assemelham muito ao homem 'religioso'.

Mas existe outro tipo de atitude, com que podemos nos colocar frente e dentro do Mistério da vida. Trata-se da atitude de quem reconhece estar mergulhado no Mistério e leva a sério o Mistério enquanto Mistério, sem negá-lo, como os ateus, e sem a pretensão de explicá-lo totalmente e de controlá-lo, como os religiosos. Esta é a espiritualidade que caracteriza as pessoas de grande espírito, que podemos encontrar tanto entre os religiosos como entre os não pertencentes a qualquer religião. É sobre essa espiritualidade que este livro convida a refletir.

ISBN 978-65-87378-21-3



9 786587 378213